

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA

**A NATUREZA ECOSISTÊMICA DOS JORNAIS POPULARES: A
LINGUAGEM, AS ABORDAGENS E A DINÂMICA
COMUNICACIONAL**

**Manaus
2015**

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA

**A NATUREZA ECOSSISTÊMICA DOS JORNAIS POPULARES: A
LINGUAGEM, AS ABORDAGENS E A DINÂMICA
COMUNICACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração: Linguagens, representações e estéticas comunicacionais.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Sandra Campos

Manaus

2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S586n Silva, Antônio José da
A Natureza Ecológica dos Jornais Populares: A Linguagem,
as Abordagens e a Dinâmica Comunicacional / Antônio José da
Silva. 2015
133 f.: il.; 31 cm.

Orientador: Maria Sandra Campos
Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) -
Universidade Federal do Amazonas.

1. Ecossistema. 2. Comunicação. 3. Jornais Populares. 4.
Linguagem. I. Campos, Maria Sandra II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

**A NATUREZA ECOSISTÊMICA DOS JORNAIS POPULARES: A LINGUAGEM, AS
ABORDAGENS E A DINÂMICA COMUNICACIONAL**

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação, área de concentração: Linguagens, representações e estéticas comunicacionais.

Aprovado em ___ de _____ de 20__.

Membros da Banca:

Prof^a. Dr^a. Maria Sandra Campos

(Orientadora – PPGCCOM/UFAM)

Prof. Dr^a. Márcia Franz Amaral

(Membro – PPGC/UFAM)

Prof. Dr. Wilson Nogueira

(Docente – PPGCCOM/UFAM)

Prof. Dr. Sérgio Freire

(Suplente – PPGL/UFAM)

Prof. Dr. Renan Freitas Pinto

(Suplente – PPGCCOM/UFAM)

Manaus

2015

RESUMO

Nos últimos vinte anos, o Brasil presenciou a circulação, com maior evidência, dos chamados jornais populares, os quais realizam uma abordagem voltada para as demandas das comunidades locais, com registros destacados dos casos de violência, dos problemas nas áreas de saúde, educação, segurança, dentre outros. O surgimento, em maior escala, desses impressos decorreu, por um lado, das mudanças econômicas ocorridas no país especialmente na última década, mudanças essas que favoreceram maior consumo, inclusive desses produtos, com o advento de um público-leitor com interesses particulares e expectativas diferenciadas daquelas identificadas na imprensa tradicional. Noutra ponta, os jornais populares apresentam-se como uma alternativa à democratização e acesso à informação, utilizando-se das referências das localidades onde circulam, o que se reflete na linguagem, no formato e nas abordagens realizadas. A realização desta pesquisa, que se propôs a observar o perfil ecossistêmico de tais impressos, utilizando da base teórica dos Ecossistemas Comunicacionais, área em plena expansão nos estudos da Comunicação, bem como da Sociolinguística e de referências da Ecolinguística, apresentou-se como importante, pois nos ajudou a entender o papel dos jornais populares no meio social e as implicações de sua existência. Com a opção da pesquisa documental e bibliográfica, e através da análise das capas de três periódicos que circulam diariamente na cidade de Manaus, entendemos que foi possível avançar numa compreensão mais abrangente desses impressos.

Palavras-chave: Ecossistema; Comunicação; Jornais Populares; Linguagem;

ABSTRACT

In the last twenty years, Brazil has witnessed the circulation, most obviously, the so-called popular newspapers, which served as a focused approach to the demands of local communities, with outstanding records of cases of violence, problems in health care system, education, security, among others. The arising of these newspapers on a larger scale took place on the one hand, the economic changes in the country especially in the last decade, changes which favored consumption, including those products, with the advent of the readers with particular interests and different expectations of those identified in the traditional press. By the other hand, the tabloids present as an alternative to democratization and access to

information, using references of locations where they circulate, which is reflected in language, in the format and in the approaches taken. This research, which aimed to observe the ecosystem profile of such newspapers, whereas, therefore, the theoretical basis of Communicative Ecosystems, currently expanding field in communication studies, as well as Ecolinguistics, appeared as important, so it helped us understand the role of popular newspapers in the social environment and the implications of their existence. With the option of documentary and bibliographic research, and through analysis of the three newspaper covers that circulate daily in the city of Manaus, we understand that it was possible to advance a broader understanding of these newspapers.

Keywords: Ecosystem; Communication; Tabloids; Language.

Agradecimentos

À minha mãe, pelo amor incondicional;

À minha família: meu pai, irmãos, tios, sobrinhos, maiores significados desta conquista;

À minha orientadora, Dr^a. Maria Sandra Campos, pela confiança, paciência, solidariedade, e especialmente por nunca ter desistido de mim;

Aos amigos Conceição Silva, Rejane Lobato, Cleyço Rocha e Dulcilândia Belém pelo incentivo diuturno; ao amigo Luciano Queiroz, pela coleta dos jornais; a Denis da Silva Pereira e Ágida Santos, pela motivação e exemplo; à amiga Dalcilene Portela pela contribuição imensurável; à presença constante e confortante de Ana Cláudia Ayres, bem como aos amigos da Câmara Municipal de Manaus pelas palavras de ânimo;

À Secretaria de Educação do Amazonas, pela possibilidade de aprimoramento;

Aos professores doutores Sérgio Freire, Cláudio Corrêa, Gilson Monteiro e Denizze Piccolotto pelas contribuições teóricas e pelas manifestações de apoio;

Aos amigos e professores do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UFAM pela partilha, pelas trocas e pela amizade;

A Deus, pela experiência, pela conquista e pela vitória.

ÍNDICE

Apresentação	8	
Introdução.....	10	
Capítulo 1		
1. O Ecossistema Comunicacional e o Ecossistema Linguística: A Construção de Conceitos	13	
1.1 A Teoria Geral dos Sistemas: A Ciência e a Vida como Interrelações	14	
1.2 A Questão da Complexidade: as indeterminações, as incertezas e os fenômenos aleatórios	17	
1.3 A Autopoiese: A Contribuição de Maturana e Varela para a compreensão Humana.....	22	
1.4 Capra e a compreensão da vida através de Conexões	25	
1.5 Semiótica e Comunicação: Relacionamentos e Reflexões	27	
1.6 A Comunicação numa Perspectiva Ecolinguística – Bases, Configuração e Projeções ...	31	
1.7 A Ecolinguística: As diretrizes para um novo entendimento da linguagem	35	
1.8 As relações entre a Ecolinguística e a Comunicação	37	
Capítulo 2: Compreendendo os Jornais Populares: As abordagens e o papel significativo da Linguagem.....		41
2.1 O Brasil dos Últimos Vinte Anos: Algumas Considerações.....	42	
2.2 Uma Pequena História dos Jornais Populares.....	44	
2.3 “Peia amarrado no poste”: A questão da linguagem nos jornais populares.....	46	
2.4 Por Uma Nova Compreensão sobre a Linguagem e sua Importância na Imprensa Popular.....	49	
2.5 A Linguagem dos Jornais Populares de Manaus: Construindo o Cenário.....	51	
2.5.1 As Marcas de Linguagem no Jornal Manaus Hoje.....	53	
2.5.2 O Dez Minutos e o Agora: Linguagem Comedida.....	57	
2.5.3 A Linguagem Não Verbal nos Jornais Populares.....	62	
2.6 Pensando a Linguagem dos Jornais Populares numa Perspectiva Ecolinguística.....	65	
2.7 O rádio, a TV e outras representações populares na mídia.....	68	
2.8 O perfil popular na internet: O caso do Portal do Holanda.....	71	
Capítulo 3: Os Efeitos da Imprensa Popular: Incompreensão, Preconceitos e Necessidade de Mudanças.....		74
3.1 O Papel da Imprensa na Reconfiguração dos Espaços da Linguagem e dos Propósitos da Imprensa Popular.....	76	
3.2 Repensar o Projeto de Estudo da Língua nas Escolas.....	83	
3.3 Revisitando o Processo Comunicacional: Fazendo o Dever de Casa.....	85	
3.4 A Reconstrução de Espaços e Referências na Imprensa Popular.....	92	
3.5 O Desinteresse da Pesquisa sobre a Imprensa Popular.....	96	
Considerações Finais.....	98	
Referências Bibliográficas.....	101	
Lista de Figuras.....	104	

Apresentação

Os primeiros contatos com os jornais populares, de maneira geral, causam certa apreensão no leitor acostumado com uma imprensa de linguagem formal, de abordagem generalista e sem apelos. Foi assim também minha primeira experiência com esses periódicos. Enquanto professor de Língua Portuguesa, perguntava-me: como se poderia aceitar a circulação desses impressos? Eu entendia como uma afronta à boa linguagem e um desserviço à educação escolar.

Foi somente com a realização de pesquisa de iniciação científica no ano de 2011, em conjunto com alunos do Ensino Médio, que pude reconhecer a razão da existência desses jornais. Afeitos às abordagens policiais, dos dramas humanos e das demandas comunitárias, em especial, tais periódicos surgiram numa época em que o Brasil demonstrou mudanças econômicas e sociais substantivas, fazendo evidenciar um público-leitor até então não conhecido das estatísticas.

Na pesquisa intitulada “Dez Minutos e Manaus Hoje: os novos caminhos da linguagem jornalística em Manaus”, devidamente apresentada em Seminário organizado pela Fundação de Apoio à Pesquisa no Estado do Amazonas – FAPEAM, dentre os dados coletados com a aplicação de duzentos questionários notamos a aceitação, por mais de 60% dos entrevistados, da linguagem utilizada pelos referidos impressos. Havia, então, na oportunidade, algo a ser considerado: os leitores dos jornais gostavam ou, ao menos, consideravam aceitáveis as expressões e construções linguísticas dos mesmos.

Na época, o trabalho foi marcado enfaticamente pela leitura dos jornais e análise das notícias e manchetes por eles veiculadas. Entretanto, a abordagem se reduzia a uma compreensão particularizada da língua lá manifestada, sem observações de outros fatores que influenciavam a opção por aquela linguagem repleta de bordões, ditados populares e formas coloquiais.

Por essa razão, consideramos que era preciso avançar, entendendo que na constituição de tais jornais havia uma gama de elementos sociais, econômicos, culturais e tantos outros que, concretizados na linguagem e nas temáticas dos impressos, deviam ser levados em conta, discutidos e refletidos, de maneira a termos um entendimento mais amplo sobre a existência dos jornais populares.

Dessa feita, primeiramente, é que nos propomos à realização desta pesquisa: compreender o jornalismo popular a partir da comunhão de fatores que o explicam, provocando um entendimento mais amplo e menos preconceituoso do mesmo. Sendo assim, sairíamos da mera reflexão sobre a linguagem e passaríamos a um estudo mais ampliado dos jornais populares.

Noutra ponta, a opção pela pesquisa do segmento popular da imprensa decorre do nosso desejo em refletir os diversos contextos que envolvem os jornais populares, pois somente assim seria possível evoluir no sentido contrário à ideia de que eles representariam jornalismo de qualidade inferior ou duvidosa.

A realização desse trabalho, assim, configura-se como uma contribuição significativa neste campo, pois, em conjunto com outras pesquisas, sinaliza para uma compreensão, como já dissemos, mais abrangente desses jornais, com a identificação e reflexão dos elementos que contribuem para sua estrutura.

Além disso, abordar essa temática, num Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCCOM), nos parece significativo, pois o desenvolvimento dos estudos em torno dos Ecossistemas Comunicacionais, cuja base é o entendimento da Comunicação como a conjunção de diversos elementos, especialmente os relacionados ao ambiente, é favorável aos objetivos que apresentaremos a seguir. E, nesse plano, a linguagem se apresenta como elemento fundamental.

Acreditamos, assim, que nosso trabalho aponta, em conjunto com outras pesquisas nesta área, para uma diversificação na abordagem dos periódicos populares, implicando a desconstrução de conceitos prévios sobre os mesmos - alguns equivocados, pois não resultam de uma leitura e de um olhar abrangente sobre esses produtos -, favorecendo uma compreensão mais alinhada aos efetivos propósitos e às razões de existência desses jornais.

Conseguindo, ao final desta Dissertação, identificar e explicar a natureza ecossistêmica dos jornais populares, o que significará concomitantemente entender seu processo de constituição que – como vamos esmiuçar ao longo deste trabalho – vai além da simples abordagem policial, do mero registro da violência urbana e do uso da linguagem informal, já teremos avançado bastante nos estudos desse tema.

Introdução

A história da imprensa popular não é tão recente. AMARAL (2008) lembra que os produtos jornalísticos populares surgiram no Brasil há cerca de vinte anos, em resposta a uma tendência mundial dos jornais compactos. Esses periódicos configuram-se pelo baixo custo de produção, pela propagação de notícias em resumo, pela divulgação das problemáticas sociais, da saúde à segurança pública, bem como pela linguagem acessível, popular.

Adicionalmente, a autora ressalta que o entendimento recorrente de que tais jornais substantivam somente sensacionalismo barato deve ser repensado, pois lá além da prestação de serviço público, temos discussões dos mais diversos temas. Para reforçar sua percepção, registra que diversos jornais do segmento popular foram premiados nacionalmente, dentre os quais os jornais “O Dia” e “Extra”, ganhadores de prêmios Esso de Jornalismo nas categorias de fotografia e reportagem, respectivamente.

Nesse cenário, acredita-se que os jornais populares conseguem, ainda que timidamente, vencer o estigma de informativos de qualidade duvidosa e passam a outro patamar. Dito isso, e tendo em vista que os estudos acerca da imprensa popular fomentam observações relativas à Comunicação contemporânea, registram-se aqui os objetivos desta pesquisa. Primeiramente, a compreensão dos jornais populares na perspectiva ecossistêmica, com uma abordagem que possibilite o confronto dos elementos que atuam na estruturação desses impressos. Em outro plano, um estudo sobre a linguagem, dada a sua função-chave na elaboração e no formato dos jornais. Afora isso, uma reflexão sobre a repercussão desses periódicos nos espaços sociais, especialmente nas instituições escolares.

Como cenário de desenvolvimento do trabalho, escolhemos a cidade de Manaus, onde circulam três jornais populares: *Manaus Hoje*, *Dez Minutos* e *Agora*, além do jornal *Maskate* cuja história é bem mais antiga e servirá, nesta pesquisa, como parâmetro comparativo para as análises a serem feitas, tendo em vista que a sua estrutura difere, em várias instâncias, dos outros veículos comunicativos mencionados.

Metodologicamente, optamos pela pesquisa documental e bibliográfica, com a análise dos jornais no período nos anos de 2013 e 2014, em edições aleatórias. A partir das capas dos impressos, em especial, entendemos ser possível identificar elementos da linguagem, das abordagens e da dinâmica comunicacional dos mesmos. Além disso, realizaremos, por necessário, uma comparação com jornais tradicionais e outros meios de comunicação como a rádio e a internet, em que formas de imprensa popular também se intensificam.

Como base teórica, recorreremos aos postulados encontrados em teóricos que colaboram para a formação do repertório conceitual dos Ecosistemas Comunicacionais, dentre os quais a Teoria dos Sistemas de BERTALANFFY (1933), a Teoria da Complexidade, de MORIN (2007) e os estudos desenvolvidos por MATURANA e VARELA (2001), afora os postulados de CAPRA (2002).

Considerando o apelo linguístico existente nos jornais populares, utilizaremos as referências da Sociolinguística, na expectativa de refletir sobre o formato da linguagem desses impressos, lançando mão, concomitantemente, das contribuições dos estudos ecolinguísticos, cujas bases comungam com o pensamento ecossistêmico.

Sobre esses estudos, a propósito, traremos à discussão as contribuições da linguística ecossistêmica, considerando o desenvolvimento deste campo de estudo da linguagem cujas bases se desenvolveram com maior intensidade nas duas últimas décadas e no Brasil têm na Universidade de Brasília pesquisas realizadas (e em realização) que apontam para a existência de uma área promissora.

.Os estudos ecolinguísticos – bom reiterar – também formam, de alguma maneira, seus aparatos a partir das teorias acima mencionadas, pois consideram a linguagem como resultado de um conjunto de interações, movimentos e realidades, levando em conta, para tanto, o ambiente em que acontece, o que harmoniza com os estudos da Comunicação enquanto ecossistema.

Nesse particular, fundamental dizer que este trabalho não se propõe a discutir os postulados da Ecolinguística e da Sociolinguística, os quais, em alguma instância, podem ter algum confronto, mas tão somente absorver deles os elementos substanciais para entender a linguagem como manifestação social no ambiente onde se realiza.

Além disso, utilizamos os postulados advindos da Semiótica da Comunicação, dos estudos do signo e da linguagem enquanto processo de construção e diálogo. Na

compreensão dos jornais populares, acreditamos que seja valiosa a abordagem semiótica e seu relacionamento com os estudos que propomos.

Estruturalmente, este texto será composto de três capítulos. No primeiro, será realizada uma revisão dos aportes teóricos que sustentarão nossa hipótese de que os jornais populares têm natureza ecossistêmica. Neste propósito, serão revisitados conceitos da Comunicação enquanto ecossistema, da língua como concretização desse cenário, bem como abordagens relativas à constituição dos jornais do segmento popular.

No segundo capítulo, além de historiar sobre os impressos populares, de compreender as características, os objetivos e as nuances que envolvem essa faceta do jornalismo impresso, realizaremos as análises dos jornais que circulam na cidade de Manaus, com destaque para as capas, de forma a possibilitar uma reflexão robusta do perfil ecossistêmico desses periódicos e entender a opção em alguns deles por uma linguagem repleta de formas coloquiais e expressões do cotidiano.

Além das capas cujo conteúdo representa muito do que é efetivamente a imprensa popular, registraremos informações de reportagens feitas pelos três jornais, de forma a ser possível compreender minuciosamente a linguagem lá expressa.

Na parte final desta Dissertação, buscaremos, com base em estudos já realizados, bem como a partir de escritos, artigos e outras referências, entender quais os efeitos da imprensa popular na cidade de Manaus e, especialmente, nos estudos inerentes à linguagem dentro da Comunicação.

Para isso, partimos do pressuposto de que os jornais populares, de início, significariam uma anomalia no jornalismo impresso, mas nos últimos anos passaram a constituir uma opção à comunicação tradicional.

Acerca dessa questão dos periódicos populares não terem sido bem recepcionados pela mídia tradicional, apresentaremos no decorrer deste texto abordagens e opiniões manifestadas por estudiosos neste particular, inclusive em congressos na área de Comunicação. Esta percepção é significativa, pois nos possibilitará, também ao final desta Dissertação, tratar dos preconceitos sociais e linguísticos que, em alguns cenários, acontecem em relação aos leitores e jornais deste segmento.

Capítulo 1

1 O ECOSISTEMA COMUNICACIONAL E O ECOSISTEMA LINGUÍSTICO: A CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS.

O pensamento humano se construiu ao longo da História, nos diversos ramos do Conhecimento, a partir do entrelaçamento de várias teorias, fatos, hipóteses. É difícil, inclusive, nos moldes atuais, pensar a consolidação das Ciências, da Cultura, da Filosofia sem essa ideia de comunhão de partes que contribuíram e contribuem para a formatação das inúmeras bases científicas e humanas.

Nesse sentido, ao longo dos séculos, foram sendo definidos perfis teóricos diversos, os quais, na verdade, guardavam (e guardam) entre si significativas semelhanças e pontos comuns que colaboraram para o entendimento de que a Ciência é uma rede de compartilhamentos múltiplos, diversos, complexos, fazendo-nos crer que qualquer entendimento fora dessa perspectiva tende à parcialidade.

Dizemos isso, de início, para localizar, ainda que de forma antecipada, o espaço significativo da Ciência, do Conhecimento, e especialmente da Comunicação como Sistema. Esse termo, aliás, será repetidamente mencionado nas partes iniciais deste texto, em razão do seu objetivo primeiro que é desenvolver algumas considerações relativas ao papel sistêmico dos estudos de Comunicação, mais ainda: o perfil ecossistêmico, aquele que leva em conta, substantivamente, os quadros ambientais, sociais e humanos nos processos comunicacionais, por natureza já tão cheios de nuances e engendramentos.

Nessa perspectiva, pretendemos, preliminarmente, apresentar um cenário histórico e teórico sobre a questão dos Sistemas, considerando os estudos desenvolvidos pelos autores MATURANA e VARELA (2001), no que tange aos seus postulados sobre a relação dos estudos biológicos confrontados com a compreensão humana; MORIN (2007) e sua importante colaboração para a superação da percepção localizada e parcial do mundo e da vida, bem como a valorização do “incômodo” no entendimento da vida e da sociedade, cada vez mais circulares e cheias de pormenores.

Vamos, igualmente, apresentar registros significativos sobre teorias substantivas no entendimento da Comunicação como Ciência, como reflexo e reflexão de uma gama de fatores e elementos que se combinam (ou se estranham) para a ratificação dos Estudos Comunicativos além do mero trabalho técnico. Neste particular, vamos tratar da Teoria Sistêmica de BERTALANFFY (1933) e da abordagem de CAPRA (2002).

Afora essas bases teóricas, desejamos avançar na divulgação e ampliação das diretrizes trazidas pela Linguística Ecológica ou Ecolinguística, não como referencial paralelo, mas como fonte harmônica aos estudos ecossistêmicos na área da Comunicação, exatamente porque essa área concebe a língua (a linguagem) como resultado de um Ecossistema de onde e para onde confluem todas as questões, considerando, para tanto, o entendimento semelhante de que tudo pressupõe compartilhamento e entrelaçamento.

É significativo dizer, contudo, antes de iniciarmos os registros relativos às teorias aqui apresentadas, que a utilização das mesmas se fará com o intuito de consolidar o pensamento dos jornais populares numa perspectiva ecossistêmica, ou seja, entender tais impressos a partir dos diversos fatores que concorrem para sua existência e elaboração.

Nesse sentido, acreditamos que favoreceremos o propósito central desta pesquisa que é o entendimento dos impressos populares como um ecossistema comunicacional.

Vejamos, agora, algumas considerações sobre as teorias que destacamos acima:

1.1 A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS – A CIÊNCIA E A VIDA COMO INTERRELAÇÕES

Por muito tempo, a ideia de que as coisas e os fatos se autoexplicavam era predominante. Entendíamos que as explicações para ocorrências de toda ordem estavam circunscritas nos perímetros e dimensões adjacentes aos objetos. Entretanto, com o desenvolvimento da *Teoria Geral dos Sistemas*, a partir de agora TGS, do biólogo austríaco Ludwig Von Bertalanffy, no início do século passado, o pensamento cartesiano e local passaram a dar espaço para a compreensão do mundo e das coisas a partir de um quadro mais amplo, formado por estruturas diversas, as quais reunidas e interligadas podiam explicar a origem e a razão dos fatos e dos fenômenos que formam a própria vida. Sobre isto, inclusive Bertalanffy (2008) destaca que

para uma compreensão, não bastam os elementos, mas são necessárias suas inter-relações (...) Isto exige investigação dos muitos sistemas em nosso universo, observados do seu próprio direito e especificidades. Além disso, revela-se que há aspectos gerais, correspondências e isomorfismos comuns aos 'sistemas'... (BERTALANFFY, 2008, p.16)

Como podemos ver – e isso é algo que vai ser identificado em teorias afins que vamos destacar mais adiante – todo pensamento humano, a História, a Cultura, bem como a Biologia, a Sociologia, a Comunicação compõem-se, na visão do teórico, de estruturas que naturalmente se interligam e estabelecem entre si relações que estudadas e analisadas vão produzir as explicações necessárias para tudo, na visão dessa teoria.

Em sua obra, aliás, o autor ratifica a todo tempo que a ideia dos Sistemas é capaz de abarcar todas as áreas do conhecimento, ou seja, tudo se definiria pelo entendimento de que não há nada isolado, bastado individualmente. Ao contrário, repetimos, a base da Teoria Sistêmica é a de que só há a possibilidade de compreensão do mundo, da natureza e de tudo que os envolve no enfrentamento e diálogo das partes, cuja interrelação – e somente ela – implicaria o verdadeiro entendimento de tudo que nos cerca.

BERTALANFFY (2008) discorre sobre as bases que constituem sua teoria. Dentre esses elementos, consideramos como substantivas as definições que faz no capítulo introdutório, no qual o teórico austríaco lembra que a necessidade da abordagem sistêmica decorre da insuficiência

da insuficiência do esquema mecanicista das séries causais isoláveis e do tratamento por partes terem se mostrado insuficientes para atender aos problemas teóricos, especialmente nas ciências biossociais, e aos problemas práticos propostos pela moderna tecnologia (idem, p.31)

Como vemos, a postura sistêmica surge na perspectiva de mundo e de ciência em que o pensamento se constituía de maneira segmentada, particularizada, sem as observações de totalidade e integralidade que caracterizam o pensamento sistêmico.

Sobre isso, inclusive, BERTALANFFY (2008) diz

Trata-se de uma transformação nas categorias básicas de pensamento da qual as complexidades da moderna tecnologia são apenas uma – e possivelmente não a mais importante –

manifestação. De uma maneira ou de outra, somos forçados a tratar com complexos, com ‘totalidades’ ou ‘sistemas’ em todos os campos do conhecimento. Isto implica uma fundamental reorientação do pensamento científico... (BERTALLANFY, 2008)

É possível desde já compreender, conforme VASCONCELLOS (2002) apregoa que “a Teoria Geral dos Sistemas se propõe como ciência da totalidade, ou como uma disciplina lógico-matemática aplicável a todas as ciências que tratam de ‘todos organizados’” (p.196). É propósito dessa Teoria, assim, ser unitária, mas sem eliminar as diferenças, as particularidades. Neste ínterim, o próprio BERTALLANFY (2008) ressalta que sua TGS significa uma “unificação dos conhecimentos, que nos permitiria perceber um grande plano ou estrutura no que, de outro modo, se nos apresenta como especialidades distintas e divergentes”. Isso, segundo o teórico, só seria possível através do isomorfismo, ou seja, pelas similaridades de leis, conceitos e ideias de vários campos distintos.

Chama igualmente atenção na TGS a definição para Sistema Aberto, característica de todo organismo vivo, segundo Bertalanffy, o qual se mantém em contínuo fluxo de entrada e saída, com construção e decomposição de componentes. Aqui, entendemos, reside algo significativo para os estudos comunicacionais, entendidos por nós como sistemas abertos, onde a fluidez de dados e elementos é clara, tornando tais estudos dinâmicos e cheios de variáveis, próprias da complexidade do Sistema, o qual, indubitavelmente – como vamos tratar ao longo desse texto – está muito além do mero quadro “emissor – mensagem – receptor”.

Por importante, já que não o fizemos no início deste trecho do trabalho, é necessário recuperar o conceito de *Sistema* para Bertalanffy, de forma a favorecer compreensões outras a partir dele. O teórico o define como “complexo de elementos em interação” ou um “conjunto de componentes em estado de interação” ou ainda “uma nova filosofia da natureza” em contraste à ideia de “cegas leis de natureza”.

A chave nos parece entender e ratificar aquilo que estamos apontando: a compreensão da ciência e do mundo se faz a partir da interrelação de diversos elementos e a junção, disjunção deles é que possibilita a compreensão dos fatos e das coisas.

Feito isso, valoroso destacar um apontamento também encontrado. Nele, ao tratar do conceito de sistema nas ciências do homem, o teórico faz importante registro quando fala da vida. Para ele,

Biologicamente, a vida não é a manutenção ou a restauração do equilíbrio, mas essencialmente manutenção de desequilíbrios conforme ressalta a doutrina do organismo como sistema aberto. A chegada ao equilíbrio significa a morte e conseqüente decomposição... (idem, p. 244)

Relacionando essa definição aos sistemas comunicacionais e também aos jornais populares, podemos, ainda que precariamente, destacar que estes sistemas são uma representação de que a manutenção do equilíbrio significaria o próprio fim da dinâmica que envolve os processos, inclusive o processo comunicacional. Se ainda hoje compreendêssemos a Comunicação reduzida à tríade “emissor – mensagem – receptor”, não teríamos vislumbrado todas as variáveis que hoje se nos apresentam, desde a Educomunicação até os Ecossistemas Comunicacionais.

No que concerne especificamente ao segmento popular da imprensa, como encaminhamento inicial, não constitui risco dizer que os jornais aqui abordados configuram-se como um grande sistema, com variantes e influências de várias ordens: social, econômica, política, cultural. Essa percepção é fundamental, pois nos ajudará a avançar na compreensão de que esses impressos são muito mais do que a mera veiculação da violência, crimes e desgraças humanas.

Sem dúvida, os jornais populares encerram grande complexidade: sua estrutura, sua linha editorial, sua linguagem e seu formato traduzem a reunião de inúmeros fatores que precisam ser explicados e refletidos, sem a simplificação já conhecida de que representariam imprensa de qualidade duvidosa e questionável.

Sobre a questão da Complexidade, a propósito, apontamos na sequência algumas informações sobre Teoria de mesmo nome desenvolvida por MORIN (2007) e que se relaciona com o que aqui estamos dizendo:

1.2 A QUESTÃO DA COMPLEXIDADE: AS INDETERMINAÇÕES, AS INCERTEZAS E OS FENÔMENOS ALEATÓRIOS.

Como é possível compreender, à medida que vamos apresentando informações e postulados das diversas teorias que compõem a seara de estudos sistêmicos e dos novos paradigmas científicos, torna-se cada vez mais improvável entender a Ciência e a própria vida sem a concepção dos entrelaçamentos que, impositivamente, existem. Nessa razão, para continuarmos consolidando o perfil coletivo desses estudos, trazemos aqui a Teoria da Complexidade, de MORIN (2007).

De pronto, substantivo ressaltar o notável diálogo existente entre as teorias que vimos destacando. Na Teoria de Morin não é diferente, especialmente pelas diversas referências que faz à Teoria dos Sistemas, de Von Bertalanffy, bem como à Cibernética de Wiener, numa prova de que a proposta inter ou transdisciplinar que fazem, em alguma instância, é factível. Mas vamos à Complexidade.

Inicialmente, MORIN (2007) destaca que sua teoria traz em seu seio “confusão, incerteza, desordem. Sua primeira definição não pode fornecer nenhuma elucidação: é complexo o que não pode se resumir numa palavra-chave, o que não pode ser reduzido a uma lei nem a uma ideia simples” (p.5). É um cartão de visita que se completa, segundo ele, na eliminação de duas ilusões: a primeira de que a complexidade conduz à eliminação da simplicidade, e a segunda de que complexidade e completude são as mesmas coisas. Sobre essa segunda ilusão, vale destacar que

o pensamento complexo aspira ao conhecimento multidimensional. Mas ele sabe desde o começo que o conhecimento completo é impossível: um dos axiomas da complexidade é a impossibilidade, mesmo em teoria, de uma onisciência (...) O pensamento complexo também é animado por uma tensão permanente entre a aspiração a um saber não fragmentado, não compartimentado, não redutor, e o reconhecimento do inacabado e da incompletude de qualquer conhecimento.” (MORIN, 2007, p.7)

As palavras de Morin são, concomitantemente, alento e sinal de nova percepção na Ciência e, ao menos analogicamente, apontam para uma grande diferenciação da Teoria

Sistêmica de Bertalanffy, tendo em vista que não se propõe, como ele textualmente diz, a abarcar a totalidade das coisas, dos fatos.

A propósito, chama de fato à atenção essa faceta paradoxal da Teoria da Complexidade, na medida em que seu “criador” relaciona uma série de elementos que se excluem e se juntam ao mesmo tempo, implicando este cenário cheio de incertezas, incompletudes e lacunas.

Antes de avançar na compreensão das características dessa Teoria, gostaríamos de recuperar uma consideração de MORIN (2007), devido à significativa relação com os estudos (eco) sistêmicos. O teórico diz que

jamais pude me resignar ao saber fragmentado, pude isolar um objeto de estudo de seu contexto, de seus antecedentes, de seu devenir. Sempre aspirei a um pensamento multidimensional. Jamais pude eliminar a contradição interna. Sempre senti que verdades profundas, antagônicas umas às outras, eram para mim complementares, sem deixarem de ser antagônicas...” (MORIN, 2007, p.7)

Esse posicionamento é bastante valoroso para aquilo que desde o início do texto temos falado: a necessidade de pensar os objetos a partir de várias frentes, visto que eles não estão (e nunca estiveram) isolados em si, bastados nas suas próprias fronteiras, como também já supramencionamos.

Nessa direção, substantiva-se a ideia de que o pensamento científico deve evoluir no sentido de ampliar horizontes e revisitar bases epistemológicas. Mas vamos à Teoria da Complexidade.

São diversas as contribuições de Morin – evidentemente em diálogo com as teorias das quais já falamos e vamos falar aqui – na consolidação dos estudos sistêmicos. Começamos pelo que ele define como “Complexidade”, que é entendida, primeiramente, como um tecido formado por partes inseparáveis, colocando num mesmo terreno o uno e o múltiplo e, em seguida, como um “tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomênico”.

Além disso, a definição que mais se destaca é a da Complexidade levando em conta a desordem, a ambiguidade e a incerteza, tanto que o próprio MORIN (2007) reitera que

a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam nossas possibilidades de cálculo: ela compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido sempre tem relação com o acaso. Assim, a complexidade coincide com uma parte de incerteza, seja proveniente dos limites de nosso entendimento, seja inscrita nos fenômenos...” (MORIN, 2007,p.35)

É claro que a definição de Complexidade não se esgota nisso, efetivamente ela ainda carece, como o próprio teórico reitera, de abordagens outras, entendimentos outros que a ajudem a tomar corpo e sentido, especialmente porque o pensamento complexo não se propõe à totalidade nem à completude, a exemplo do que já mencionamos.

Assim, caminhando para entender um pouco mais o perfil dos estudos complexos, é preciso levar em conta o susomencionado autor fala sobre o sujeito e o objeto, tradicionalmente tratados de forma separada.

Sobre isso, diz que “o objeto e o sujeito, entregues cada um a si próprios, são conceitos insuficientes” (MORIN, 2007). Para ele, o sujeito e o mundo emergem ao mesmo tempo e que no seu ponto de vista ambos se colocam de forma recíproca e inseparável.

Neste momento, revisitando o sistemismo e a cibernética, os quais, metaforicamente, chama de primeiro estágio de um foguete, Morin fala da chegada a um terceiro estágio, o epistemológico, aquele que considera as relações entre o sujeito e o objeto, vistos, por vezes, de forma repulsiva e anulada, num cenário em que importa o mundo “objetivo”.

Repudiando essa tradição, ele lembra que “só existe objeto em relação a um sujeito (que observa, isola, define, pensa) e só há sujeito em relação a um meio ambiente”. O que, segundo, ele, permite reconhecer-se, definir-se, pensar-se, etc., mas também existir.

Eis dois dados substanciais para aquilo que projetamos neste capítulo: primeiramente o reconhecimento da participação do sujeito na formação e caracterização do objeto e, valorosamente, a influência do ambiente na constituição desses. Morin nos ajuda, neste ínterim, a perceber que o “entorno” é quem possibilita a existência e o significado do objeto e do sujeito. Criticando a postura contrária a isso, ele registra que

A ideia de universo puramente objetivo está privada não apenas de sujeito, mas de entorno, de além; ela é de uma extrema pobreza, fechada sobre si mesma, não repousando sobre nada mais do que o postulado da objetividade, cercado por um vazio insondável tendo em seu centro, lá onde há o

pensamento deste universo, um outro vazio insondável...”
(MORIN, 2007)

A partir dessas considerações, o autor da “Teoria da Complexidade” destaca o que chama de *abertura epistemológica*, que significaria um reordenamento dos elementos para estudo dos objetos. Nesse contexto, haveria de se conceber o sujeito em seu ecossistema e mais amplamente “num mundo aberto e num metassistema, uma teoria a elaborar onde sujeito e objeto poderiam integrar-se um ao outro” (p.48).

Além disso, a questão do ambiente é tão presente na obra de Morin que ele, reiteradamente, o cita como base, como realidade muitas vezes desconsiderada pela ciência clássica. Em certo momento de sua fala, o teórico diz que é *preciso integrar sempre o meio ambiente*, inclusive mesmo no conceito de mundo. Isso na perspectiva de se ter objetos não polidos, mais multidimensionais e complexos, evitando a prática da simplificação.

Sobre isso, aliás, o teórico se dedica a falar sobre “o paradigma simplificador”, o qual, teoricamente, seria capaz de manter a ordem no universo, expulsando a desordem, unificando aquilo que é diverso. Entretanto, essa prática da simplicidade, destaca, afasta a possibilidade de compreensão do mundo e das coisas tais como são.

Por isso a necessidade do que ele chama da relação ordem/desordem/organização, no sentido de se entender como fenômenos desordenados são fundamentais para a produção de fenômenos ordenados e conseqüente crescimento da ordem.

Por fim, com base no propósito que estamos aqui empreendendo, ressaltamos que MORIN (2007) fala em três princípios para compreender a Complexidade: o primeiro que ele chama de dialógico: a questão da relação entre ordem e desordem estaria nesta vertente. O segundo é o da recursão organizacional: neste aspecto, chama à atenção quando ele diz que “A sociedade é produzida pelas interações entre os indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz”.

É o que ele chama de ideia recursiva e que, de fato, tem relação com o pensamento (eco) sistêmico que estamos tentando delinear. O último princípio é chamado hologramático, o qual “vai além do reducionismo que só vê as partes e do holismo que só vê o todo”.

Observados esses registros sobre o pensamento complexo, a exemplo do que estamos fazendo no curso deste texto, queremos identificar ligações com o processo comunicacional e com os jornais populares. Nesse intento, reputamos como valorosas as contribuições no sentido de considerar o ambiente e o sujeito na análise dos objetos, bem como de entender o

pensamento a partir das várias vertentes que existem, sem, contudo, pensar no esgotamento e na completude.

Atinente ao estudo dos jornais populares numa visão ecossistêmica, a Teoria da Complexidade se apresenta como uma ferramenta significativa, pois coaduna com aquilo que é o objetivo fundamental desta pesquisa, qual seja a identificação e reflexão dos periódicos do segmento popular a partir de suas multiplicidades e levando em conta os diversos elementos que concorrem para sua existência.

Nesse cenário, não é demais repetir que essa percepção elimina o risco da compreensão dos jornais populares somente naquilo que é apresentado nas suas páginas e nas editorias de maior destaque, ou ainda na linguagem que utilizam, a qual, num olhar simplório e simplificador, é entendida, por vezes, como descaso com o idioma materno.

1.3 A AUTOPOIESE: A CONTRIBUIÇÃO DE MATURANA E VARELA PARA A COMPREENSÃO HUMANA

Maturana e Varela têm obras que são lembradas em várias áreas do conhecimento: sociólogos, antropólogos, psicólogos, cientistas da comunicação, filósofos se utilizam de seus postulados para o desenvolvimento de pesquisas diversas. Nesse texto, vamos nos subsidiar das informações encontradas em MATURANA E VARELA (2001) no qual estabelecem uma abordagem dos seres vivos em suas diversas acepções. Além disso, a definição do processo autopoietico, bem como de autorreflexão do ser e do fazer são questões que marcam esta obra.

Primeiramente, empenham-se em desconstruir o pensamento científico tradicional baseado na necessidade da “certeza”. Aqui reside, inclusive, uma das posturas primeiras na revisão do conhecimento que propõem: a necessidade de superarmos a “tentação da certeza”, pois ela não favorece novas compreensões, novas experiências, novas realidades. Para Maturana e Varela (2001), a sua obra é um convite à suspensão desse hábito da certeza, e isso seria necessário por dois motivos:

por um lado, porque se o leitor não suspender suas certezas, não poderemos comunicar aqui nada que fique incorporado à sua experiência como uma compreensão efetiva do fenômeno do conhecimento. Por outra parte, porque aquilo que este livro

precisamente irá mostrar, ao estudar de perto o fenômeno do conhecimento, e nossas ações dele surgidas, é que toda experiência cognitiva inclui aquele que conhece de um modo pessoal, motivo pelo qual toda experiência de certeza é um fenômeno individual cego em relação ao ato cognitivo do outro. (MATURANA, VARELA, 2001, p. 22)

A prática dos autores é do contínuo contato com o leitor, como se fossem controlando e conduzindo a compreensão do que dizem. Nesse sentido, a exemplo de Morin que, repetidamente, mencionava as incertezas e lacunas na constituição da Complexidade, eles também destacam que só é possível pensar o Conhecimento a partir da mudança de posturas, especialmente de reflexão, entendido como “o processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos”.

Além disso, destacam, de pronto, que “não se pode tomar o fenômeno do conhecer como se houvesse ‘fatos’ ou objetos lá fora, que alguém capta e introduz na cabeça”.

Para eles, a validação dos fatos só é viável pela estrutura humana, que tornaria possível “a coisa” que surge nas descrições. Estaríamos aqui, então, diante de uma aceção que já mencionávamos ao tratar da Complexidade: a consideração do sujeito na consolidação do objeto, como parte dele, em diálogo com ele, situação que nos impele a acreditar no papel significativo desse elemento nas pesquisas e no fazer científico.

Avançando na definição da Autopoiese, entendida exatamente como esse processo cíclico, de autoconstrução, de autorrenovação, processo formado por amplo dinamismo, MATURANA e VARELA (2001) ressaltam que numa organização autopoietica o “ser” e o “fazer” são inseparáveis, como produtor e produto. Nessa razão, aliás, os autores destacam que

Esse momento é o ponto que pode ser indicado como a origem da vida. Isso não quer dizer que ele ocorreu num só instante e num único lugar, nem que possamos atribuir-lhe uma data. Tudo nos faz pensar que, dadas as condições para a origem dos sistemas vivos, estes se originaram muitas vezes, ou seja, muitas unidades autopoieticas com muitas variantes estruturais. (MATURANA, VARELA, 2001, p. 59)

Além disso, os autores, com grande contribuição nos estudos biológicos, desenvolvem abordagens sobre os acoplamentos que envolvem os seres vivos, esmerando-se em tratar dos metacelulares, levando em conta seus ciclos, tempo de transformações dentre outros aspectos. Entretanto, longe de se projetar aqui uma resenha dos autores, e considerando nosso propósito de relacionar as teorias aos estudos comunicacionais, chama a nossa atenção a abordagem que realizam sobre os “Domínios Comportamentais”.

Sobre eles, os autores ressaltam que os organismos, com ou sem sistema nervoso, funcionam com base no que chamam de “presente estrutural”. Todavia, pontuam que o passado funciona como referência de interações já ocorridas, e o futuro como referência a interações a ocorrer, embora estes não façam parte do funcionamento do chamado “determinismo estrutural”.

Adicionalmente, tratando sobre o caso de duas meninas indianas resgatadas em 1922 de uma família de lobos e dos comportamentos oriundos dessa convivência, os biólogos destacam uma informação substantiva do ponto de vista teórico: “Nós, seres de carne e osso, não somos alheios ao mundo em que existimos e que está disponível em nosso existir cotidiano” (p.146).

Eis um dado que comunga com outras manifestações que temos apresentado ao longo desse texto: a de que a existência da exterioridade (pensamos aqui enquanto ambiente, meio) não deve ser refutada ou ignorada nas observações e análises que fazemos. Isso é alentador!

Sobre a desconsideração desse aspecto, MATURANA e VARELA (2001) falam sobre andar sobre “fios de uma navalha” ou cair em armadilhas: a primeira de considerar que tudo é representação do mundo e a outra de desconsiderar essa representação. Eles dizem sobre esse segundo ponto:

Por outro lado, temos a outra armadilha, que nega o meio circundante e supõe que o sistema nervoso funciona totalmente no vazio, o que leva a concluir que tudo vale e tudo é possível. É o extremo da solidão cognitiva absoluta, ou solipsismo (...) Trata-se de uma cilada, porque não permite explicar a adequação ou a comensurabilidade entre o funcionamento do organismo e o de seu mundo. (MATURANA, VARELA, 2001, p.150)

A proposta teórica para evitar essas armadilhas é “manter uma clara contabilidade lógica” que seria a possibilidade de observar os organismos no funcionamento dos seus componentes, bem como também considerar uma unidade segundo suas interações com o meio, “e descrever a história de suas inter-relações com ele”.

Aparentemente contraditório daquilo que realçamos há pouco, na verdade assiste razão aos autores no sentido de garantir a (relativa) autonomia dos elementos, mas jamais desconsiderar o processo de interação que esses desenvolvem impositivamente.

Por fim, a despeito de outras significativas contribuições desses autores, desejamos destacar a abordagem que fazem sobre comunicação, entendida como o “desencadeamento mútuo que comportamentos ordenados que se dá entre os membros de uma unidade social”. Nesse sentido, comunicar é algo que aconteceria no domínio do acoplamento social e que, do ponto de vista biológico, não haveria informação transmitida, mas coordenação comportamental, e que a comunicação efetiva só pode ser compreendida se observado aquilo que ocorre com o receptor, tendo em vista as ambiguidades inerentes ao processo.

Em síntese, a recorrência da consideração do ambiente na pesquisa é reforçada pela teoria autopoietica, o que nos amplia o horizonte para o trabalho em tela que, fortemente, trata o ambiente como fator significativo na observação e explicação dos fatos e objetos.

1.4 CAPRA E A COMPREENSÃO DA VIDA ATRAVÉS DE CONEXÕES

Continuando esta visita às teorias que implicam uma nova concepção do fazer científico, consolidando a visão paradigmática da Ciência, e de forma a possibilitar um entendimento dos estudos ecossistêmicos em Comunicação, trazemos agora algumas considerações sobre Capra, físico e escritor que tem longo trabalho na área de educação ecológica. De pronto, dizer que as contribuições desse teórico apontam para o revigoramento das bases biológicas na compreensão do mundo. Segundo ele,

Quando voltamos nosso olhar para a imensa variedade de organismos vivos – animais, plantas, seres humanos, microorganismos – fazemos de imediato uma importante descoberta: toda vida biológica é constituída de células. Sem as células não haveria vida sobre esta Terra... (CAPRA, 2002)

Capra diz isso no sentido de reforçar que o estudo dos organismos deve se pautar, em princípio, pela compreensão dos sistemas mais simples, numa estratégia reducionista, a qual reputa como viável, sem, contudo, esquecer que as entidades mais complexas são mais do que a soma das suas partes.

Nesse cenário, o físico reconhece a importância de observar os organismos a partir desse prisma, mas especialmente na relação com o meio circundante. Importante que é esta definição, registramos a seguir o que diz CAPRA (2002). No seu entendimento,

Não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento. Os animais dependem da fotossíntese das plantas para ter atendidas as suas necessidades energéticas; as plantas dependem do dióxido de carbono produzido pelos animais, bem como do nitrogênio fixado pelas bactérias em suas raízes, e todos juntos, vegetais, animais e microorganismos regulam toda a biosfera e mantêm as condições propícias à preservação da vida...” (CAPRA, 2002, p.14)

O posicionamento do autor nos aponta, a exemplo do que outrora se disse neste texto, a compreensão de que os objetos, as coisas, a própria vida não pode ser compreendida nos isolamentos, mas na comunhão e na relação de elementos e de fatores, considerando o intrínseco relacionamento que têm.

Isso na perspectiva biológica, mas também, e especialmente, no cenário social, político e cultural, como veremos ao tratar dos Ecossistemas Comunicacionais.

Precisamos aqui, por importante, e para não cair em recortes descontextualizados da teoria de Capra, registrar que ele prega a separação dos estudos entre as estruturas biológicas e as estruturas sociais, dadas as nuances que as envolvem.

Entretanto, um olhar mais atento nos remonta instantaneamente a ideia de que os sistemas sociais também comportam uma série de redes, de confluências que necessitam de bases diversas para serem observadas.

Tanto é verdade que CAPRA (2002), ao falar dos ecossistemas, reitera a aceção de que estes são formados por essas redes, pois onde haveria vida, haveria redes, necessariamente. Essas redes seriam uma espécie de espaço onde os elementos sofrem mutações num fluxo contínuo. Capra chega a dizer que

É essa a chave da definição sistêmica da vida: as redes vivas criam ou recriam a si mesmas continuamente mediante a transformação ou a substituição dos seus componentes. Dessa maneira, sofrem mudanças estruturais contínuas ao mesmo tempo que preservam seus padrões de organização, que sempre se assemelham a teias (CAPRA, 2002)

Mais adiante, tratando sobre as Redes de Comunicação e da Cultura, na obra o autor nos traz valiosíssimas contribuições para o objetivo que perseguimos neste trabalho. Primeiramente porque reitera o perfil multidimensional da Comunicação, entendida como “contínua coordenação de comportamentos”, bem como provocadora de “estruturas sociais”. Além disso, na visão dele, são as redes de comunicações que produzem valores e crenças que norteiam as ações dos indivíduos.

Acerca da Cultura, o teórico fala em conhecimento significativo, o qual é transmitido de geração em geração, e possibilita a criação de uma identidade entre os membros da rede social.

Por fim, cientes da aceção que o autor traz, da observação do mundo moderno, da necessidade de uma vida sustentável, da implementação de um projeto ecológico que leve em consideração a perenidade da vida e ainda da concepção do papel das organizações e empresas nos espaços contemporâneos, devemos ressaltar como contribuição adicional de Fritjof Capra a compreensão dos elementos vivos a partir da forma, da matéria, do processo e do significado, reforçando que a partir dessas bases é possível entender os sistemas, não somente do ponto de vista material, mas especialmente dos significados por ele produzidos.

Agora, antes de passarmos à configuração do Ecosistema Comunicativo, no intuito de se manter a coerência estabelecida aqui, destacaremos em linhas gerais alguns dados sobre a Semiótica da Comunicação. Essa abordagem decorre, de uma parte, da contribuição que a Semiótica traz para o estudo do Jornalismo Popular e, de outra, pela manutenção de uma estratégia de ampliação das bases dos estudos ecossistêmicos.

1.5. SEMIÓTICA E COMUNICAÇÃO: RELACIONAMENTOS E REFLEXÕES

O caráter multidisciplinar da Semiótica surge como aspecto fundamental da sua existência. Além disso, suas características ultrapassam e permeiam diversas áreas do

conhecimento, estando envolvidas com abordagens diversas, em vários campos, em especial o da Comunicação.

De saída, é valioso registrar, nesse cenário, que os estudos mais contemporâneos sobre a Comunicação nos apontam a necessidade de repensar antigos esquemas, ainda utilizados aqui e ali, que definem o ato de comunicar como uma atividade matemática, formulada, na qual o emissor ou fonte funcionam como detentoras de verdades a serem transmitidas e o receptor ou destinatário figurando como meros espectadores, depósitos de informações ou conteúdos.

Sobre isso, COELHO NETO (2010) registra um posicionamento bastante duro, chamando a atenção dos estudiosos da área para uma reconfiguração dos processos e ressignificação das bases. Para ele,

muito estudioso da comunicação não conseguiu (ou não quis) livrar-se da ascendência desse esquema geométrico funcionalista e, quase literalmente, continua entendendo a comunicação como uma questão de caixinhas estanques, permanecendo assim no segundo momento, apenas, da formação do espírito científico nas comunicações. (COELHO NETO, 2010, p.199)

E ele não fica por aí. Ao comentar o modelo original de Shannon & Weaver – objeto de sua análise – o crítico ressalta que o mesmo deveria ser desconstruído e elaborado, pois desconsidera aspectos essenciais da comunicação moderna, cada vez mais marcada por elementos diversos e mudanças significativas no fluxo das informações, e do qual partilhamos, em razão das manifestações que aqui temos feito. Nesse sentido, COELHO NETO (2010) reitera que a flecha utilizada no mencionado modelo é um equívoco. Na sua visão,

essa flecha e os modelos por ela relacionados indicam claramente, desde logo e no mínimo, um entendimento paternalista do processo de comunicação. Em sua origem está o pressuposto de que o processo é orientado a partir da fonte na direção do receptor e que, mais ainda, a mensagem é produzida pela fonte e para o receptor. (COELHO NETO, 2010)

Como é possível compreender, o mencionado autor discorda da ideia de que a Comunicação funciona como algo linear, tal como se apresenta. A propósito, as ponderações feitas por ele nos acalantam particularmente, pois, em alguma instância, harmonizam-se com o que temos desenvolvido como base acerca dos estudos dos jornais populares: a ideia de que ali o processo comunicacional realiza-se num diálogo contínuo entre emissor e receptor, desenvolvendo este último papel absolutamente imprescindível para a estrutura e abordagens adotadas pelos periódicos do segmento popular.

Nesse celeiro, é importante desconstruir a ideia de que emissor e receptor, no processo comunicacional, são estruturas fixas, prontas e sem diálogo. O fluxo comunicacional moderno faz com que estejam a todo momento trocando de posição, reforçando ou alterando pontos de vista.

No caso específico dos jornais populares, os jornalistas buscam junto aos consumidores elementos para a elaboração, abordagem e, especialmente, para a “escolha” da linguagem. Não é por menos que neles a proliferação de jargões e ditos populares funciona como estratégia de atração ao consumo (questão a ser tratada com maior aprofundamento no segundo capítulo deste texto) e a opção por esta ou aquela temática atende, efetivamente, aos anseios do público-leitor. COELHO NETO (2010) entende que esta compreensão é a instalação da comunicação com autogestão, ou seja, como resultado do diálogo.

A questão aqui levantada é, sem dúvida, relevante e deve ser, a todo tempo, objeto de nossas reflexões, pois dá conta de um processo comunicacional múltiplo, com menos fórmulas e abordagens mais complexas. Sobre isso, aliás, o referido autor ressalva que uma análise da Comunicação exige o domínio de diversas áreas, dentre as quais, em especial, a Psicologia e a Sociologia e isto, acreditamos, simboliza o estudo da comunicação a partir de um projeto interdisciplinar, o qual não é possível evitar.

Feitas estas observações, acreditamos ser possível avançar na definição do caráter Semiótico da Comunicação. Para atingir esse objetivo, consideramos, em especial, as contribuições de Lúcia Santaella e Winfried Noth (2004). No início da abordagem, eles tratam sobre as resistências acerca do relacionamento entre Comunicação e Semiótica. Sobre isto, os autores destacam que

Em um tal quadro de reconhecimento da inter, multi e mesmo transdisciplinaridade da comunicação, não deveria mais haver lugar para quaisquer reservas quanto à relevância das suas relações com a semiótica. Mesmo assim, contudo, muito

especialmente para aqueles que se mantiveram fieis ao pé e à letra das teorias críticas, a semiótica ainda é vista como uma mera metodologia formal, incapaz de trazer contribuições para o campo da comunicação. (SANTAELLA, NOTH,,2004, p. 22)

Há de se considerar, nesse cenário de reticências aos estudos semióticos, que as dificuldades de aceitação dos mesmos decorrem, em grande escala, do desconhecimento de suas bases e de seus propósitos, situação que nos ocorria, particularmente falando, até bem recente.

Dessa feita, sugerimos, para um entendimento mais ampliado da questão que busquemos, neste primeiro momento, resgatar elementos de conformidade entre os estudos da comunicação e os estudos semióticos.

Nessa razão, os mencionados autores destacam, primeiramente, que a história da Comunicação e da Semiótica de alguma maneira se confunde e não poderiam ser pensadas de maneira divergente, mas complementar. Tratando sobre Teorias da Comunicação na Semiótica, aliás, eles destacam que o modelo de comunicação descrito por Jakobson, na década de 60, não teve seu suporte na ciência comunicativa, mas na Semiótica Geral e Aplicada, em razão da observação dos valores sociais e econômicos como processos de semiose.

Para reforçar as ligações entre Semiótica e Comunicação, SANTAELLA e NOTH (2004) destacam aquilo que chamam de pontos de contato entre as áreas. Em princípio, fala-se, como já registramos, do surgimento antigo das mesmas. Na tentativa de comprovar a dimensão histórica da Semiótica, a propósito, os autores destacam que

Assim como a comunicação, também os signos, isto é, a produção e a troca simbólicas, sempre existiram e são fatores de constituição da própria condição humana. Por isso mesmo, a semiótica, mesmo que nem sempre com esse nome, enquanto reflexão sobre a linguagem e seus sentidos, teve suas origens no mundo grego e atravessou, com características próprias de cada época, toda a história humana desde então.(SANTAELLA, NOTH, 2004, p.24)

Noutra ponta destacam que tanto os estudos semióticos quanto os estudos comunicativos apresentam-se, contemporaneamente, em franca expansão de suas fronteiras

e limites. Nesse cenário, os teóricos defendem que a ampliação dos quadros teóricos das duas áreas decorre, sem dúvida, da explosão das redes comunicacionais, bem como do surgimento de uma nova linguagem, a hipermídia.

Não obstante essas similaridades, eles nos lembram de que Semiótica e Comunicação teriam paternidades diferentes, estando a primeira num certo estancamento de seu desenvolvimento teórico, tendo em vista que os estudos mais recentes são reflexos do legado conceitual já existente, só havendo em Umberto Eco algum espasmo de novidade.

Já na área comunicacional, teríamos um quadro mais cíclico, com ampliação de repertórios, variação das abordagens e crescimento do ponto de vista teórico. Santaella e Noth justificam o mencionado distanciamento das duas áreas.

Para eles, que se mostram de alguma maneira preocupados com o marasmo que envolveria os estudos semióticos, seria preciso desenvolver um processo de institucionalização da Semiótica, no intento de favorecer a ampliação de sua atuação.

Uma das razões para um tal descompasso entre campos do saber que, em princípio, deveriam estar tão próximos, encontra-se muito provavelmente no fato de que, diferentemente da comunicação, cuja institucionalização, tanto no mercado empresarial e de trabalho, quanto no terreno de ensino e pesquisa, cresce ininterruptamente, a semiótica, com pouquíssimas exceções no mundo, quase sempre marginais, não conseguiu institucionalizar-se (...) Em um mundo dominado pela lógica capitalista, que impõe à formação dos indivíduos sua adequação ao mercado de trabalho, os estudos semióticos resultam muito mais da curiosidade e da paixão de seus praticantes do que da escolha de uma profissão. (SANTAELLA E NOTH, 2004, p.28)

Sintetizando esses registros relativos aos envoltimentos entre Semiótica e Comunicação, destacamos que há um inevitável entrelaçamento entre os dois campos, seja em razão do encontro de bases conceituais, seja pelas implicações diretas que um campo tem sobre o outro, questão, no ver de SANTAELLA e NOTH (2004), totalmente pacífica. Neste teor, os dois estudiosos reiteram que

Há, de fato, um acervo teórico semiótico-comunicacional considerável que não pode ser menosprezado. Por outro lado, é grande o número de conceitos inegavelmente semióticos que povoam os textos de teoria da comunicação. Enfim, se seria

um exagero afirmar que comunicação e semiótica são irmãs siamesas, o conteúdo deste livro nos permite concluir que o parentesco entre esses campos do conhecimento deve estar entre os mais próximos na extensa e densa rede das ciências na contemporaneidade. (SANTAELLA, NOTH, 2004,p. 227)

Factualmente, estamos impelidos a acreditar que, embora não se possa falar com inquestionável certeza sobre o teor semiótico dos diversos objetos que analisamos, também é absurda a desconsideração deste teor no delineamento de nossas pesquisas, visto que, como bem vimos ao longo destes escritos, a Semiótica está, em todo momento, manifesta e manifestando-se em todas as áreas do conhecimento.

Assim sendo, os modelos de análise semiótica não podem ser relegados ao esquecimento, dado seu papel interlocutório na consolidação de um estudo da Comunicação sob o perfil paradigmático, como apontamos a seguir.

1.6 A COMUNICAÇÃO NUMA PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA – BASES, CONFIGURAÇÃO E PROJEÇÕES

Tradicionalmente somos impelidos, desde as aulas de Língua Portuguesa nas escolas convencionais, até os primeiros estudos da Comunicação, a entender o ato de comunicar como resultado da interação emissor – mensagem – receptor. Não é espantoso perceber que essa base até hoje norteia os ensinamentos, mesmo na Academia, onde os aspectos mecanicistas e tecnicistas ainda prevalecem.

É fato também, por outro lado, que são visíveis as iniciativas no propósito de preencher lacunas teóricas que apontem para um entendimento mais complexo, sistêmico e abrangente da Comunicação. Dito isso, nos propomos, a partir deste momento, a delinear um quadro deste campo recente de Ecossistemas Comunicacionais, a partir de referências já existentes, mas também com base no suporte teórico que apresentamos até agora.

De primeiro, elementar resgatar o conceito de Ecossistema. Fazemos isso recorrendo a TANSLEY (1935), que o definiu como “todo o sistema...incluindo não apenas o complexo-organismo, mas também todos os fatores físicos que formam o que chamamos de meio ambiente”. Efetivamente ligado ao aspecto geográfico, o conceito também traz consigo a organização dos ecossistemas, com componentes como os produtores, consumidores e

decompositores, chamando-nos à atenção o aspecto da energia, sem a qual se pode chegar à falência do sistema.

Na perspectiva comunicacional, um Ecossistema não estaria – é bom que se diga logo – atrelado somente aos aspectos físicos e geográficos de determinado lugar ou região. Tais elementos são partes de uma série de componentes que ajudam a configurar o cenário da comunicação ecossistêmica, a qual, como reitera PEREIRA (2011),

considera o mundo não a partir de uma coleção de partes, mas como uma unidade integrada na qual a diversidade da vida, seja ela natural, social, cultural, tecnológica, possa ser investigada a partir das relações de interdependência que regem a vida” (PEREIRA, 2011, p. 50).

Dessa base inicial, realçamos que a proposta de um estudo ecossistêmico da Comunicação leva em conta, dentre outros aspectos, o entrelaçamento de uma variedade de elementos que vão da seara cultural até o desenvolvimento tecnológico. Não a partir do isolamento desses componentes, mas do inevitável contato que estabelecem entre si.

No cenário ecossistêmico os fenômenos, os objetos, a Comunicação tem um caráter transdisciplinar, não podendo – por uma imposição que já retratamos outrora – ser pensada de forma local, particular (não somente) ou individualizada.

No livro *Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação* (2011), obra que reúne um conjunto de textos que tratam do panorama ecossistêmico da Comunicação, especialmente na Amazônia, encontramos suportes interessantes na configuração daquilo que ora tratamos. Em artigo onde trata, com base na Semiótica, dos fundamentos para uma visão ecossistêmica da Comunicação, PEREIRA (2011) traz ao menos dois registros importantes: o primeiro é de que não cabe mais o pensamento sobre a Comunicação como técnica ou espaço exclusivo de transmissão de mensagens. Ela ressalta que

É necessário dizer que, em nossa visão, a comunicação não é entendida como mera transmissão de mensagens. Isto é, como ação unilateral por meio da qual um emissor codifica e transmite informações a um receptor que decodifica, agindo como receptáculo de informações. Em nossa concepção, as práticas comunicativas envolvem processos de cognição, interpretação, inteligência, sendo estes compreendidos a partir da mediação dos signos nos quais os sistemas participantes do ato comunicativo estão imersos. (PEREIRA, 2011)

Outro dado importante é o que trata sobre o conceito de semiosfera, entendida como o espaço para a circulação de linguagens e para a concretização dos atos comunicativos. Segundo PEREIRA (2011), a comunicação acontece imersa na semiosfera o que, no nosso olhar, significa dizer que o processo comunicacional é resultado da comunhão entre os aspectos ambientais, sociais e culturais, num relacionamento decorrente da semiose.

Na perspectiva ecossistêmica, esta definição é substantiva, pois recuperando o conceito de Sistema de Von Bertalanffy, de Complexidade, de Morin, de Contexto, em Bateson, ou ainda de Autopoiese, em Maturana e Varela, o que vamos encontrar? O fundamento, em menor ou maior escala, de que a Comunicação só pode ser compreendida nessa rede de relacionamentos, nesta gama de elementos solidários, não numa fórmula que se encerra em componentes historicamente definidos como emissor, receptor, mensagem.

Sobre isso, é preciso dizer mais: MONTEIRO (2011), ao tratar da pesquisa em Comunicação, tendo como cenário nossa região, ressalta que ela

não se dá somente entre homens, mas também entre eles e o meio ambiente em que vivem, e mesmo entre seres vivos não humanos, aproximando-nos da apreensão de que há a necessidade de considerar o todo e as relações humanas como apenas mais uma das inúmeras relações que se estabelecem no mundo natural. É este o caminho que nos propomos percorrer como ponto de partida no local, aqui entendido como a Amazônia e suas características heterogêneas e particulares, mas que deve poder ser alargado para além dela. (MONTEIRO, 2011)

Vigoroso é o posicionamento acima, pois ele coaduna com o que temos delineado nessas últimas páginas, ou seja, a ampliação do conceito de Comunicação para além das fronteiras tradicionais, e o mais significativo: o papel da Comunicação na projeção do desenvolvimento regional, no caso particular da Amazônia.

Isso é significativo e animador, visto que os atos comunicativos prestam-se a um papel de grande relevância que é pensar e refletir a região, a partir de seus referenciais ambientais, mas também humanos, culturais e sociais, região esta a ser projetada universalmente.

A Comunicação, pensada sob essa ótica, caminha como elemento de “conhecer como conhecemos” do pensamento autopoietico. Em outras palavras, é subsidio para o

autoconhecimento da região, dos seus pormenores e de suas potencialidades, os quais vão além da mera exuberância geográfica e natural do Continente Amazônico. É evidente que este processo requer uma mudança de postura, a busca de novas acepções de pesquisa, outros nortes. Sobre isso, MONTEIRO (2011), também assevera que

O que chamamos a atenção é para a busca por caminhos que possam dar conta da totalidade da Amazônia ao nos determos em objetos constituídos a partir do campo da comunicação. Isso não significa manter-se atento às intersecções com outros campos, que podem oferecer bem-vindas ultrapassagens. É também tomar o conhecimento prévio, adquirido fora do meio acadêmico, como parte componente da pesquisa e de seus resultados. É considerar os sentimentos – algo tão estranho e renegado – um dos caminhos para chegar à criatividade, ao novo imprescindível para a compreensão de um objeto complexo como a comunicação sobre/na/da/desde a Amazônia. (MONTEIRO, 2011)

Embasados dessas informações, já podemos, num esforço que é atual e coletivo, e tem sido assumido por diversos pesquisadores do campo da Comunicação em nossa região, acentuar alguns pensamentos sobre os Ecossistemas Comunicacionais. De saída, não é redundante dizer que o desenvolvimento de estudos ecossistêmicos no campo comunicacional se vale da ampla relação entre homem, ambiente, cultura e sociedade, a exemplo do que manifestamos nas teorias destacadas neste trabalho.

A desconsideração dessa pauta é, ao mesmo tempo, “fechar os olhos” para uma nova ordem do processo comunicacional e não permitir que se desvelem novas realidades decorrentes desse processo.

Num segundo momento, os Ecossistemas Comunicacionais favorecem algo que nos parece irrefutável e está na base do pensamento sistêmico: a compreensão de que os atos comunicativos estão configurados de várias teias e não se encerram em si, mas nos interrelacionamentos que ocorrem a todo o momento. Sem esta noção, é improvável uma concepção mais clara e ampla da Comunicação.

Por fim, não podemos deixar de considerar que no cenário ecossistêmico, os atos comunicativos são realçados por certo dinamismo, o que, indubitavelmente, garante a circularidade e perenidade desses sistemas, evitando que se tornem estruturas obsoletas e sem criatividade. E esse dinamismo deve também ser objeto de nosso olhar. Esse é o quadro.

Naturalmente, a necessidade de sua ampliação e diversificação é inevitável, embora tenhamos a noção de que é uma área que se apresenta promissora, tendo em vista sua base marcada pelos repertórios que apresentamos.

Disto isso, e já pacificado o entendimento que os jornais populares são representativos dessa percepção ecossistêmica da Comunicação, em razão das variantes e fatores que atuam para sua existência, passaremos a identificar, considerando a eminente compreensão de que ecossistemas atuam concomitantemente, em complemento ou em confronto, o que atualmente tem se denominado Linguística Ecossistêmica. Tal abordagem se faz necessária por conta do papel significativo da linguagem verbal nos impressos do segmento popular, questão premente de reflexões, as quais serão oportunamente apresentadas no próximo capítulo.

1.7 A ECOLINGUÍSTICA: AS DIRETRIZES PARA UM NOVO ENTENDIMENTO DA LINGUAGEM

Os estudos relativos à língua e à linguagem no decorrer dos séculos apresentaram uma infinidade de teorias, práticas e concepções do seu funcionamento. Desde a percepção saussuriana que entendia os fenômenos linguísticos pela generalidade, particularidade e individualidade, ou seja, a linguagem, a língua e a fala, respectivamente, até os estudos mais contemporâneos que referenciam a constituição da linguagem pelas suas bases interativas, sociais e ambientais, como é o caso da Ecolinguística, temos um conjunto de teorias que nos ajudam a compreendê-la.

Na perspectiva dos estudos que desenvolvemos, os quais se voltam para as relações dos objetos com o ambiente em que estão inseridos, a Ecolinguística tem papel significativo na compreensão da linguagem utilizada nos jornais populares, linguagem que se configura como elemento primordial a caracterizar tais impressos, bem como para entendê-los. Por esta razão, traremos a seguir dados sobre as contribuições da Ecolinguística na observação dos jornais populares.

Em princípio, destacamos que os estudos ecolinguísticos são muito recentes e se apresentam como uma área em desenvolvimento, com pesquisas em curso no mundo inteiro. No Brasil, este campo de estudo desenvolve-se com maior desenvoltura na Universidade de Brasília, na qual se difundiu com maior intensidade as definições acerca do que mais

recentemente se chama Linguística Ecolinguística, ou seja, uma linguística que se volta para as relações do ambiente com a linguagem.

A despeito da contemporaneidade da Ecolinguística, Couto (2013) nos lembra que em muitos estudiosos da linguagem a relação entre esta e o ambiente já fora mencionada e tratada. Ele lembra que, em 1911, Edward Sapir proferiu conferência intitulada "Língua e Meio Ambiente" e Haugen (1972) apresentou o texto fundador da Ecolinguística, a qual seria por base "o estudo das interações entre qualquer língua dada e seu meio ambiente", ressaltando que "o verdadeiro meio ambiente da língua é a sociedade que a usa como um de seus códigos".

Essa identificação entre ambiente e sociedade causou, segundo Couto (2013) interpretações equivocadas sobre a Ecolinguística, dentre as quais a compreensão de que o trabalho projetado pelos estudos ecolinguísticos já seriam desenvolvidos pela Sociolinguística.

Aqui é preciso destacar que esta pesquisa não se prestará ao trabalho de delimitar os campos de pesquisa das duas áreas ou discuti-los, mas se utilizar daquilo que é substancial nelas, com vistas à melhor definição do nosso objeto. Nesse cenário, os aportes da Sociolinguística, especialmente sobre o funcionamento da língua como um produto social, são significativos. De outro lado, as bases da Ecolinguística, primordialmente no que tange à percepção da língua em diálogo com o ambiente também são importantes.

Nesse sentido, acreditamos ser importante repensar a efetividade dos estudos ecolinguísticos, tendo em vista que amplia sua base que está além da compreensão social da linguagem. COUTO (2013), aliás, destaca que a ecologia da linguagem atua com uma visão ampliada da atividade linguística, compreendendo-a como o "estudo das interações verbais que se dão no interior do ecossistema linguístico".

Nesse particular, o teórico utiliza-se de uma metáfora interessante para evidenciar as razões dos estudos ecolinguísticos. Citando a concomitância desses com a teoria do caos, a teoria dos sistemas, a teoria de tudo, além da visão orgânica do mundo encontrada em CAPRA (2002), e já citada neste texto, o autor ressalva que o ecolinguista deve mudar o seu modo de encarar o mundo e a linguagem. Segundo ele

Como disseram Einstein e Peirce, é mais fácil matar um homem do que arrancar as crenças. Mas, o ecolinguista procura mudá-las. Em vez de olhar para seu objeto apenas por janelas (como a da sociolinguística, a da psicolinguística, a da

análise do discurso, a da teoria sintática ou fonológica, etc.), procura postar-se na cumeeira da casa, de onde terá uma visão global, holística de seu objeto, não o pequeno domínio visto da janela (...). Se ele se colocar no alto de uma montanha, como faz o linguista ecossistêmico, terá uma visão mais abrangente ainda. (COUTO, 2013, p.291)

Isso está reforçado em outra definição sua, encontrada em COUTO (2007), na qual destaca que "a língua surge na práxis diária de seus usuários para se entenderem no meio em que vivem, a fim de falarem dele entre si". Nesse ínterim, o conceito de ecossistema linguístico se apresenta como fundamental, primeiramente por distanciar-se da mera transposição dos conceitos da ecologia para o domínio dos estudos da linguagem, depois por associar a Ecolinguística ao que há de mais moderno na abordagem científica.

Sobre isso, ele reitera que "A ecolinguística seria uma base ou plataforma, a partir da qual se poderia decolar para o estudo de qualquer fenômeno linguístico, mas sempre tendo por 'base' a ecologia. É dela que se parte e é a ela que se retorna".

Avançando na compreensão dos estudos ecolinguísticos, COUTO (2012, 2013) menciona que é importante reter que a ecolinguística estuda todo e qualquer "aspecto" dos fenômenos linguísticos, mas sempre usando a epistemologia ecológica, "uma vez que a ecologia linguística é uma parte da ecologia geral. Nós praticamos ecologia, ecologia linguística ou ecolinguística. Mais especificamente, linguística ecossistêmica".

Agora é preciso igualmente verificar as relações entre Ecolinguística e Comunicação, de forma a manter a sintonia que projetamos nesta pesquisa.

1.8 AS RELAÇÕES ENTRE A ECOLINGUÍSTICA E A COMUNICAÇÃO

Antes de tratar sobre o que chama de *Ecologia da interação comunicativa*, COUTO (2013) fala da importância do sentido de comunhão, conceito que vislumbramos como basilar nos estudos dos jornais populares na perspectiva ecossistêmica. Segundo ele, é preciso que, para o sucesso da comunicação, haja comunhão entre falante e ouvinte, em níveis locais e complexos? Como desconsiderar esta assertiva no processo de consolidação dos periódicos populares? Como pensar a existência desses impressos sem a elementar sintonia entre eles e seu público-leitor?

Sobre esta questão, COUTO (2013) assevera que é ela (a comunhão) que

mantém coeso o grupo de pessoas que constituem o bioma linguístico (ecossistema linguístico geral, comunidade de língua). Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor Leste constituem a comunidade de língua portuguesa, o domínio da língua portuguesa (...). Por isso estão de certa forma em sintonia, têm laços de solidariedade que são a cultura e a língua comuns. Trata-se de uma espécie de contato tácito. Esse compartilhamento de um sistema linguístico é um caso de macrocomunhão..." (p.304)

Como dissemos, esta questão será mais bem discutida no segundo capítulo desta Dissertação, pois corresponde a uma questão significativa na abordagem relativa à linguagem dos jornais populares, a qual, não raro, é considerada como de segunda linha, em razão da utilização de formas coloquiais, ditados populares e formas linguísticas próximas do público-leitor. Essa opção por uma linguagem sem rebuscamentos e tendente à coloquialidade implica o surgimento do que BAGNO (2011) considera como o mais contemporâneo dos preconceitos: o preconceito linguístico.

Essa realidade, decorrente da incompreensão dos propósitos específicos da linguagem manifestada nos impressos do segmento popular, acaba produzindo uma classificação parcial e discutível da mesma, situação que avança para um preconceito social que precisa ser revisto.

Nesse cenário, gostaríamos de recuperar uma fala do sociolinguista BAGNO (2007), o qual diz que

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas. (p.37)

A noção de heterogeneidade linguística manifestada acima tem relação direta com o conceito de variação, a qual é considerada a “espinha dorsal” da Sociolinguística. As variações da linguagem ocorrem desde o ponto de vista fonético-fonológico até a variação

lexical e semântica. E é exatamente essa riqueza e essa diversidade que vemos manifestada em vários lugares, inclusive nos jornais populares, onde a linguagem se notabiliza pela proximidade com os leitores, com claros registros oriundos dos mesmos. Avancemos nisso.

Na edição do dia 04 de outubro de 2013, o jornal Manaus Hoje trouxe em sua capa a seguinte chamada: “*Criminosa vacila, esquece celular dentro do carro da vítima e fica mal na foto*”. A notícia é acompanhada de uma imagem supostamente retirada do aparelho móvel da infratora. O que é interessante aqui? A utilização do verbo “vacilar”, muito próprio da linguagem coloquial, bem como da expressão “fica mal na foto”, também utilizada com grande frequência em diálogos informais cotidianos. Há também na matéria o registro “Se Empolgou”, o qual, no contexto da notícia, quer dizer que a infratora, ao realizar um roubo, acabou não tendo os cuidados necessários para não ser identificada posteriormente.

O destaque acima é somente um dentre os inúmeros que podemos encontrar no referido jornal, e o que deve pontuar nossa fala é que esses registros não são aleatórios ou marcas de despreparo de jornalistas, editores ou do próprio jornal. Ao contrário, a utilização das expressões populares e das formas consagradas dentre as massas populacionais é, acima de tudo, estratégico, resultado da intenção do periódico em atingir seu público naquilo que lhe é particular, ou seja, a linguagem que utilizam. Nesse sentido, ela se constrói num processo intenso e contínuo de interação, o que a possibilita como elemento de atração, de persuasão de leitores (vamos tratar disso mais adiante).

É preciso dizer, dessa forma, que a linguagem se presta, em grande escala, ao papel de chamamento do público-leitor, numa estratégia mercadológica. Sobre isso, AMARAL (2008) destaca que

Não é simplesmente consequência da ganância dos proprietários de jornais, está ligado a ela pela necessidade de fazer as pessoas lerem. Entre suas características estão a linguagem acessível, o suspense e os diálogos breves. Assim, a farta utilização dos registros populares nos jornais é parte da reconfiguração desse discurso jornalístico que se hibridiza por pressão mercadológica e obtém sucesso por se apropriar de características de culturas populares. (AMARAL, 2008)

Como vamos evidenciar no decorrer deste texto, a presença das referências populares nos jornais apresenta-se como uma forma de sedução ao leitor. No que diz respeito à

linguagem, isso se consolida com a utilização, de forma mais intensa no jornal Manaus Hoje, dos registros coloquiais, das gírias e até das expressões chulas. Ao tratar sobre esta questão, a referida autora volta-se ao expediente tradicional e comum de ponderar pela construção de uma linguagem jornalística mais tendente ao padrão formal. Segundo ela, um dos desafios do jornal popular é a produção de textos adequados à expectativa do público-leitor, mas que ao mesmo tempo se tenha a capacidade de progredir ao que chama de “texto de melhor qualidade”.

Essa fala nos reporta, sem dúvida, a um dos grandes desafios dos jornais desse segmento: vencer o preconceito. As reticências aos impressos populares se dão enfaticamente pela linguagem que utilizam, tida como inadequada e como um desserviço social, e não é preciso ir longe para constatar essa realidade. Ao que vemos, a discussão deve ser ampliada, levando-se em conta, especialmente, a questão da Comunicação.

Voltando à questão principal do relacionamento entre Ecolinguística e Comunicação, importa-nos, agora sim, destacar o que se chama de Ecologia da Interação Comunicativa. Segundo COUTO (2013)

tudo na língua começa nos atos de interação comunicativa, que ocorrem no contexto da ecologia da interação comunicativa (EIC). Trata-se de um fluxo interlocucional, um diálogo, entre falante (EU) e ouvinte (TU), sendo que há uma alternância entre eles: quem era ouvinte num primeiro momento, passa a ser falante em um segundo, e assim sucessivamente. (COUTO, 2013, p.305)

Essa dinâmica do processo comunicativo também caracteriza sobremaneira os jornais populares, como vamos ressaltar com maior ênfase adiante. Jornal e leitor mantêm um intenso contato, oscilando de posição em todo momento, o que torna o produto resultado conjunto deste relacionamento. Nessa razão, COUTO (2013) destaca, ainda, que "tudo na ecolinguística, mais ainda na linguística ecossistêmica, começa e termina nos atos de interação comunicativa, na ecologia da interação comunicativa. É das interrelações entre comunidade de interação e comunidade de sistema que se constitui o que se chama língua".

Capítulo 2

2. COMPREENDENDO OS JORNAIS POPULARES: AS ABORDAGENS E O PAPEL SIGNIFICATIVO DA LINGUAGEM

Após a necessária identificação das matrizes ecossistêmicas que contribuem para a compreensão dos jornais populares de forma mais abrangente, situação que se configura como uma das bases fundamentais dessa Dissertação, avançaremos a partir de agora no trecho mais significativo desta pesquisa que é a análise dos impressos do segmento popular, tendo como referência dois grandes pilares: as opções temáticas e a linguagem.

Do primeiro, almejamos construir um perfil desses tipos de jornais, levando em consideração, primordialmente, quais as notícias mais recorrentes, como as mesmas são elaboradas e quais os níveis de prioridade com as quais são tratadas. Isso levando em conta três dos principais impressos populares que circulam na cidade de Manaus: “Dez Minutos”, “Manaus Hoje” e “Agora”, com base em publicações entre os anos de 2013 e 2014.

No que concerne à Linguagem, substanciados pelas referências teóricas da Sociolinguística, em especial, vamos identificar quais as opções linguísticas adotadas pelos jornais populares, sendo essa uma questão igualmente primordial, tendo em vista nossa história neste Campo de Pesquisa, bem como o interesse pela abordagem linguística a serviço do processo comunicacional.

Nessa perspectiva, a propósito, abordaremos questões relativas ao preconceito linguístico, o qual, embora velado por vezes, pode ser observado quando o tema é a linguagem dos periódicos populares.

Além desses dois pontos – antes deles, aliás – realizaremos um breve histórico da imprensa popular no Brasil, a qual se desenvolveu enfaticamente a partir da queda na circulação dos jornais em formatos tradicionais e também pela ampliação de um público-leitor até então desconhecido, possivelmente resultado de um país que se desenvolveu economicamente nas últimas duas décadas, possibilitando, dentre outras coisas, o consumo de jornais feitos para leitura rápida e que atendessem às expectativas do leitor.

Essa abordagem, contudo, não se prestará ao mero registro histórico, mas da consciência de um leitor a ser identificado, de uma imprensa a ser caracterizada e de um produto a ser observado de maneira mais pormenorizada.

2.1 O BRASIL DOS ÚLTIMOS VINTE ANOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em 1994, cinco anos após as primeiras eleições diretas no país, decorrentes do seu processo de redemocratização, o Brasil apresenta um quadro econômico e social bastante preocupante, com taxas de juros elevadas, queda do poder de consumo e inflação descontrolada.

Naquele ano é lançado o Plano Real, um plano econômico que colaborou para a melhora dos indicadores econômicos do Brasil, com redução da inflação, diminuição do risco país e aumento dos investimentos externos. Daquele ano em diante, a nação brasileira assistiu, especialmente nos anos 2000, a períodos consecutivos de crescimento do seu Produto Interno Produto – PIB, consolidando-nos entre as dez maiores economias do mundo.

Com governos ditos sociais, na primeira década do século XXI, o país também presenciou a queda dos índices de desemprego, aumento do poder de compra e avanço de alguns indicadores sociais. Com mais emprego e maior distribuição de renda, também se verificou significativo crescimento do consumo de bens e serviços no Brasil, especialmente entre as classes mais baixas.

É nesse contexto que assistimos à proliferação dos jornais populares em todo o território nacional. Com os pobres ganhando mais, inclusive como resultado de programas sociais, e com a proposta de um jornalismo comunitário, mais próximo de seu público, com abordagens e temas que dizem respeito às classes populares, esse tipo de jornal passou a estar cada vez mais presente nas jornadas diárias das pessoas: nos ônibus, nas praças, nas escolas, nas empresas, sempre é possível ver alguém com um exemplar às mãos.

É fato que no percurso histórico dos jornais populares, há registros de oscilações nas vendas e circulação, o que também aconteceu (e acontece) com os periódicos tradicionais, como veremos mais adiante. O fato é que o Brasil, em decorrência das modificações econômicas, presenciou a ampliação de mercados e do público consumidor, isso em todas as

áreas. Não raro, dados de recordes de produção e de vendas permearam as páginas dos jornais e as reportagens na TV.

Não podemos deixar de registrar aqui, é claro, a contribuição trazida por SANT'ANNA (2008), em obra na qual discute o destino dos jornais tradicionais, considerando o advento das mídias eletrônicas e a possível debandada de leitores para os espaços virtuais, o que já aconteceria em profusão nos Estados Unidos, por exemplo.

Para o autor, não haveria relação direta entre desenvolvimento econômico e ampliação da circulação dos jornais. Utilizando-se de uma pesquisa da Associação Nacional de Jornais (ANJ), do ano de 2001, SANT'ANNA destaca que

a cada ano diminui a fatia da população brasileira que lê jornais impressos diários. Em 2001, o último ano em que esse indicador teve aumento, havia 64,2 exemplares de jornal para cada mil brasileiros adultos. De lá para cá esse número diminuiu, ano após ano, chegando a 45,3 unidades, em 2005 (...) Este é um fenômeno mundial. O número de exemplares por mil habitantes decresce na maioria dos países em que o dado está disponível para a Associação Mundial de Jornais... (p.39)

Além desse dado, o autor estabelece, subsidiado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e também pela ANJ, uma relação entre o crescimento do PIB e a circulação dos jornais. Segundo ele,

O PIB brasileiro cresceu 1,3% em 2001. Já a circulação de todos os jornais diários caiu 2,7%. Em 2002, a economia brasileira cresceu 2,7%, enquanto a circulação dos jornais diminuiu 9,1% (...) Em 2004, a economia teve um crescimento mais robusto, de 5,7%, e pela primeira vez no período a circulação reagiu, crescendo 0,8%. Em contrapartida, em 2005 e 2006, o desempenho da circulação superou o do PIB... (p.47)

Aparentemente, os dados aqui apresentados desfazem nossa manifestação há pouco destacada de que não haveria qualquer implicação do desenvolvimento econômico com a ampliação da circulação dos jornais populares, entretanto o próprio autor ressalva, a partir da leitura dos dados por ele apresentados que

Em resumo, pode-se inferir desse conjunto de dados que as pessoas estão dedicando menos tempo à leitura e comprando menos exemplares de revistas e jornais. **E parte do tempo dedicado à leitura se deslocou dos jornais e revistas de grande circulação para jornais locais e revistas especializadas** (...) Esse movimento é coerente com uma mudança de ênfase - descrita na literatura - no consumo de informações: do maciço e global para o individualizado e o local. (p.49, grifamos)

Essa sentença coaduna com aquilo que queremos insistir neste texto: há um visível aumento de leitores dos jornais populares, inclusive em Manaus. E esse dado não se configura como um posicionamento aleatório e de momento, mas de um percurso que precisa ser compreendido. Sobre essa questão, AMARAL (2011), em contraposição aos relatos acima afirma que

Houve um crescimento no número de leitores de jornal, mas é um mercado dependente de muitas variáveis, pois o jornal é um produto de alta sensibilidade em relação ao preço e à situação econômica do país. Ricardo Costa, diretor-geral do Instituto Verificador de Circulação – IVC, **afirma que em 1994, por exemplo, com o Plano Real, o meio jornal cresceu. A partir de 2004, houve também uma melhora na conjuntura econômica que refletiu favoravelmente no mercado de jornais.** No caso dos jornais populares, a situação do país é ainda mais relevante, pois seu público é mais suscetível aos problemas econômicos. (p.33, grifo nosso)

Como vemos, inclusive considerando pesquisa do próprio IVC de 2005, há um notável crescimento na circulação dos jornais do segmento popular. Nesse particular, entre os dez jornais de maior circulação no Brasil, três eram populares, situação que ratifica a compreensão que já estamos delineando de que esses impressos configuram-se como uma manifestação cuja implicação está além dos próprios jornais, podendo ser observada em outros meios de comunicação, principalmente os de massa.

2.2 UMA PEQUENA HISTÓRIA DOS JORNAIS POPULARES

É fato que a imprensa popular não surgiu no Brasil, e nem no mundo, nos últimos anos. Encontramos registros que apontam a existência de jornais desse segmento nos séculos XVI e XVII, jornais esses que utilizavam a fórmula sensacionalista, a qual remeteria ao inconsciente dos consumidores e atenderia a necessidades psicológicas coletivas. Há dados de jornais franceses entre os anos de 1560 e 1631 que traziam informações fantásticas que agradavam a todos. AMARAL (2011), a propósito, traz um apanhado significativo dos impressos populares nos Estados Unidos. Sobre esta questão, ela destaca que

Nos Estados Unidos, o primeiro jornal, surgido em 1690, intitulado *Publik Occurrences*, já tinha características sensacionalistas (...) Muitos jornais, limitados à política, passam a tratar de temas ‘de interesse humano’ com o relato detalhado de feitos reais, crimes e dramas de família. Deixaram os artigos opinativos de lado e buscaram retratar o cotidiano da população. (...) o tédio dos jornais tradicionais foi substituído por notícias sobre assassinatos, incêndios, suicídios e distúrbios de rua. Se antes a imprensa era destinada às classes mais abastadas o *New York Sun* passou a atender um público leitor que buscava informações ligadas ao seu cotidiano, relacionadas a dramas de pessoas comuns, a polícia e ao di-a-dia dos parlamentos... (AMARAL, 2011, p.17)

Adicionalmente, a autora lembra que em terras americanas, os jornais populares tiveram seu auge no século XIX, com uma imprensa dedicada, em alguma instância, a defender os direitos do cidadão comum, como seu representante. Esta, aliás, é uma questão fundamental desses jornais e que, no final deste capítulo, será mais bem trabalhada: os jornais populares configuram-se como um espaço de interlocução, mas especialmente de representação de seu leitor, o qual se vê identificado e lembrado nas páginas desses impressos. Mas avancemos nessa pequena história dos mesmos.

Nos Estados Unidos, Joseph Pulitzer aparece como figura emblemática na proliferação dos jornais populares. Em 1883, por exemplo, ele fundou o jornal *New York World*, impresso destinado a imigrantes e à classe operária, o qual saiu de uma tiragem de 15 mil para 250 mil exemplares em quatro anos. Foi ele também o responsável pelo

aperfeiçoamento da imprensa popular com o uso da manchete principal, a qual aparecia por vezes em letras vermelhas, além da apresentação de ilustrações e quadrinhos.

É evidente que essa imprensa sofreu – como hoje – investidas contrárias de toda natureza. AMARAL (2011) registra que “outros jornais americanos como o New York Herald (1887), dirigido por James Gordon Bennet, eram acusados de ‘lepra moral’ pelo seu entretenimento barato, baseado em histórias de divórcios, estupros, pecados, assassinatos brutais e fofocas sobre os sacerdotes” (p.17). Além disso, há notícias de que o termo “imprensa marrom” no Brasil estaria relacionado a jornais e revistas de escândalos.

Por aqui, registra AMARAL (2011), os primeiros elementos de sensacionalismo na imprensa datariam a partir de 1840, com os folhetins. Sobre essa questão do “sensacionalismo”, citando o jornalista Alberto Dines, a autora ressalva que em toda a imprensa ocorreria o processo sensacionalista.

Especificamente sobre a questão do Sensacionalismo na imprensa, ANGRIMANNI (1995) ressalva um aspecto importante sobre o qual trataremos, ainda que indiretamente no decorrer das próximas páginas. Para ele,

Quando se enclausura um veículo nessa denominação, se faz também uma tentativa de colocá-la à margem, de afastá-lo dos mídias “sérios”. Se um jornal (telejornal, ou radiojornal) é tachado de sensacionalista, significa para o público que o meio não atendeu às suas expectativas. Na abrangência de seu emprego, sensacionalista é confundido não só com qualificativos editoriais como audácia, irreverência, questionamento, mas também com imprecisão, erro na apuração, distorção, deturpação, editorial agressivo – que são acontecimentos isolados e que podem ocorrer dentro de um jornal informativo comum. Para que o termo perca esse caráter múltiplo, movediço, há necessidade de melhor caracterizá-lo, situando-o adequadamente. (p.14)

Como se pode depreender, a questão do sensacionalismo está para além da imprensa popular, sendo um aspecto que precisa de maiores elucidações e debates. Passemos à análise da linguagem nos jornais populares.

2.3. “PEIA AMARRADO NO POSTE”: A QUESTÃO DA LINGUAGEM NA IMPRENSA POPULAR.

Desde sua origem, os jornais populares optaram por uma linguagem diferente daquela praticada nos periódicos tradicionais, os quais são marcados pela observação do nível padrão da língua. Com utilização de gírias, ditados populares, formas coloquiais e expressões do cotidiano do leitor, grande parte desses impressos intenciona, através da linguagem, atrair um público ao consumo dos mesmos. Nessa perspectiva, quando da realização da pesquisa de iniciação científica, citada no início deste trabalho, ficou constatado que mais de 60% das pessoas entrevistadas consideravam atrativa a linguagem utilizada nos jornais.

Tal dado à época chamou bastante atenção, pois diante de construções como “Quebrou a firma no UFC” (jornal Manaus Hoje, de 30 de dezembro de 2013) ou “Já era a bocada da vovó” (jornal Manaus Hoje, de 19 de dezembro de 2013) não havia, por parte dos leitores dos jornais, estranhamento ou contrariedade, mas reconhecimento de uma linguagem que se assemelhava ao seu falar, à sua prática linguística. Esta questão, assim, se configuraria como algo a ser pensado e refletido com maior intensidade.

Dessa feita, neste trecho desta Dissertação, nos propomos a traçar um perfil da linguagem dos jornais populares que circulam na cidade de Manaus, buscando identificar nela elementos que apontem para o perfil ecossistêmico dos mesmos. Antes, contudo, apresentamos a seguir algumas questões importantes sobre a Linguagem, inclusive refletindo, preliminarmente, sobre os sujeitos envolvidos nesse processo.

Avançar na compreensão da Linguagem utilizada nos jornais populares depende muito da nossa capacidade de compreender a intencionalidade da utilização neles de certas expressões e termos. Nesse cenário, valoroso entender que, além do mero aparato culto e gramatical da língua, há outras possibilidades de manifestação da mesma, inclusive considerando as múltiplas realidades que envolvem a produção linguística, especialmente no Brasil. Sobre essa questão, BAGNO (2007) destaca que

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla,

variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, compreendido por todos os seus falantes, cada vez que se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (pg.36)

A fala do linguista, de antemão apresentada, valoriza a reflexão que se pretende fazer acerca da língua praticada nos jornais populares. Ela, é bom que se diga desde já, não se constitui única e exclusivamente dos elementos tradicionais, da norma padrão ou das fórmulas gramaticais. Ao contrário, a linguagem dos impressos do segmento popular traduz-se pelo intenso e contínuo diálogo com o seu leitor, fonte dos termos, da fala, das expressões, da notícia chamativa, do apelo linguístico.

A elaboração da notícia nos jornais populares, como vamos ver nos exemplos a serem tratados mais adiante, realiza-se de maneira muito particular, com uma opção pela linguagem simples, sem rebuscamentos, com construções objetivas e sem grandes rodeios. A notícia é, quase sempre, apresentada de forma rápida, com detalhes inerentes ao fato, destacando aquilo que interessa ao leitor. Nesse contexto, enxergamos uma espécie de interação que favorece à faceta ecossistêmica dos jornais populares. Não há neles unilateralidade, mas interação. Não vislumbramos em suas páginas a construção da notícia, a descrição do fato, sem considerar as características do seu leitor.

Por essa razão é que a Linguagem ali é representativa de um sujeito que recebe a notícia, mas que também influencia na sua constituição, na sua elaboração. Aqui, então, reside uma didática fundamental do jornalismo popular: a Linguagem é elaborada a partir do repertório do seu leitor, com suas referências. O leitor oferece esses elementos ao repórter, ao jornal. Estaríamos diante daquele sujeito partícipe do processo, conforme MORIN (2007) assinalou na sua Teoria da Complexidade. Um sujeito que funciona concomitantemente ao seu objeto, construindo-o e sendo representado por ele. Mas isso não parece óbvio? Não é redundante dizer isso?

É, e não é. É, porque toda elaboração linguística deve, naturalmente, levar em consideração o público para o qual o texto é destinado. Consideram-se as práticas e as referências do leitor na produção da linguagem, sendo o que ocorre em grande parte dos jornais populares, como em Manaus. E não é, pois quando da utilização de expressões coloquiais ou ditados de cunho popular, o que identificamos é certa resistência àquela

linguagem manifestada, o que, em alguma escala, implica preconceitos que ultrapassariam o mero estranhamento e poderiam se configurar como preconceitos sociais.

Isso decorre, de forma geral, da incapacidade de compreensão da intenção da linguagem utilizada nos jornais populares. Para muitos – e não precisamos desenvolver pesquisas quantitativas para afirmar – a opção por formas coloquiais ou simplórias nesses jornais caracterizar-se-ia como um desserviço ao processo educacional, como uma afronta aos bons costumes linguísticos e como uma ameaça à língua padrão. Mas a questão efetivamente está para além disso. É preciso repensar algumas questões, inclusive trazendo à luz reflexões sobre de que linguagem estamos falando.

2.4 POR UMA NOVA COMPREENSÃO SOBRE A LINGUAGEM E SUA IMPORTÂNCIA NA IMPRENSA POPULAR

É lugar-comum pensar a língua a partir do que a Sociolinguística chama de variante padrão, aquela em que a Norma Culta, encontrada nos Manuais e nas Gramáticas, seria a matriz, a referência. Nesse cenário, qualquer ocorrência fora dessa estrutura poderia ser definida como “erro”, ou seja, fora do padrão.

Nos últimos cem anos, entretanto, a Sociolinguística tem favorecido uma reflexão substancial não só para descaracterizar essa máxima de que há um “idioma correto”, mas também para favorecer um reconhecimento de que a língua só existe enquanto realizada pelas pessoas, com suas histórias, suas realidades, seu acesso, maior ou menor, à educação formal.

Assim sendo, necessário é repensar o conceito de Língua. Nesse propósito, a recuperação de um trecho dos Parâmetros Curriculares Nacionais, editados em 1997, é enriquecedor para iniciar essa reflexão. Segundo os PCNs, na área de linguagens:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado (...) Para isso, e também para poder ensinar Língua Portuguesa, a

escola precisa livrar-se de alguns mitos: o de que existe uma única forma “certa” de falar – a que se parece com a escrita – e o de que a escrita é o espelho da fala – e, sendo assim, seria preciso “consertar a fala do aluno para evitar que ele escreva errado. Essas duas crenças produziram uma prática de mutilação cultural que, além de desvalorizar a forma de falar do aluno, tratando sua comunidade como se fosse formada por incapazes, denota desconhecimento de que a escrita de uma língua não corresponde inteiramente a nenhum de seus dialetos, por mais prestígio que um deles tenha em um dado momento histórico.

A despeito dos PCNs definirem diretrizes para o ensino formal, o texto acima registrado apresenta elementos substantivos para outras compreensões relativas à língua, pois reconhece, de um lado, a existência de uma variedade linguística, rica em diversidade e saberes, e contraria o pensamento ainda vigente de que a única língua que deve ser aceita é aquela regulamentada nos domínios da gramática normativa.

Sendo assim, caminhamos para uma definição inicial de que a língua é formada por um sem número de realidades e variedades que precisam ser observadas em seus contextos e em suas potencialidades.

Ao avançarmos nessa direção, será possível, também de forma ainda preliminar, apontar caminhos que legitimem a opção linguística dos jornais populares, cientes, é claro, de que ali há um diálogo constante entre o produto e seu público, diálogo esse que se concretiza nas manifestações textuais que encontramos nas várias edições dos jornais que circulam na cidade de Manaus há mais de cinco anos e que, portanto, não pode ser pensado sob o olhar equivocado de que o que lá se apresenta seria uma produção linguística não aceitável.

Nesse sentido, BAGNO (2003) reforça que não é possível dizer que há falantes desconhecedores do idioma que professam. Para ele, ao contrário,

...nós somos a língua que falamos, e acusar alguém de não saber falar a sua própria língua materna é tão absurdo quanto acusar essa pessoa de não saber usar corretamente a visão (...) Nossa relação com a linguagem é muito mais profunda e complexa do que um simples uso. (p.17, grifei)

Afora isso, AMARAL (2008) nos lembra que

...os jornais populares constroem sua legitimidade de outros parâmetros, relacionando-se de uma forma peculiar com o mundo do seu público leitor (...). Além disso, são obrigados, por interesses mercadológicos, a utilizar determinados recursos temáticos, estéticos e estilísticos deslocados do discurso jornalístico tradicional. (p.57)

Como vemos, a linguagem dos jornais populares se constitui desse processo de observação das referências do leitor, o qual, ainda segundo AMARAL (2008), tem seus gostos e estilos marcados por uma história de exclusão social, econômica e cultural. O que, em tese, justificaria a aceitação do padrão linguístico registrado nos impressos.

Nesse particular, importa ressaltar, por significativo, que o público-leitor desses jornais, em escala considerável, não somente aceita a linguagem ali usada, mas se identifica com ela, valoriza-a, pois, de alguma forma, se vê representado na utilização das palavras e nos trejeitos linguísticos.

Estaríamos, assim, diante de uma realidade que não é nova, visto que há séculos os jornais populares utilizam-se desse formato linguístico. Todavia, essa nuance não tem sido observada de forma mais contextualizada e menos rígida.

Em resumo, o que continuamos a presenciar é a prática histórica de desmerecimento do “diferente”, do “não culto”. Agindo a essa maneira, deixar-se-ia de considerar a riqueza de elementos que uniriam o produto jornalístico (o impresso popular) e o seu público mais cativo (as classes C e D, maiores consumidoras), como bem informa AMARAL (2011).

Relegar-se-ia, com esse proceder, ao esquecimento um cenário cheio de nuances, qual seja a do intenso relacionamento entre a imprensa popular e seu público, relacionamento este que se caracterizaria, dentre outras coisas, por um processo de representatividade: os jornais populares, especialmente através da linguagem e das abordagens, marcariam a presença dos mais esquecidos, dos menos favorecidos no mundo.

Através do formato linguístico e ao tratar das demandas que envolvem as comunidades onde estão inseridos, os impressos do segmento popular representariam a voz das grandes massas, fazendo com que tivessem repercussão e pudessem ser observadas.

Mas quais seriam as razões para tanta resistência à linguagem dos jornais populares? Por que até nos dias atuais temos tão poucos trabalhos que contribuam para melhorar a

compreensão sobre os mesmos? Passemos a caracterizar os jornais populares a partir da Linguagem e discutir essas questões.

2.5 A LINGUAGEM DOS JORNAIS POPULARES DE MANAUS: CONSTRUINDO O CENÁRIO

Em 2010, quando realizamos o projeto de iniciação científica que tratava sobre a linguagem dos jornais populares em Manaus, pensávamos, como dito no projeto que resultou neste trabalho, igualmente reticentes sobre a opção desse tipo de jornal para uma linguagem tão coloquial e popular.

Os estudantes que nos acompanharam naquele certame, à época cursando o Ensino Médio, também se mostraram inquietos diante de chamadas de capas apelativas e cheias de formas linguísticas diferenciadas da imprensa tradicional.

Naquele ano, nossa preocupação resumia-se a descrever as particularidades da linguagem dos jornais que passavam a circular na cidade. Além do jornal “Maskate” que já tinha uma história em Manaus, outros dois periódicos no formato popular apareciam com bastante força: o jornal “Manaus Hoje” e o “Dez Minutos”. O primeiro, do mesmo grupo do tradicional “A Crítica”, custava inicialmente R\$ 0,50 (cinquenta centavos) e um padrão de linguagem claramente tendente à coloquialidade e às formas populares.

Já o “Dez”, do grupo do “Diário do Amazonas”, embora com matérias e notícias em destaque idênticas ao “Manaus Hoje” destacava-se por uma linguagem simples, sem rebuscamentos, mas com clara opção por manter um formato que se aproximava da norma padrão. Essa era uma questão que nos chamava atenção: por que dois jornais, com o mesmo interesse jornalístico, com a mesma penetração, com linguagens tão diversas? A ida até a redação do “Manaus Hoje”, na oportunidade, foi enriquecedora para que começássemos a entender o processo.

Na redação, numa sala agregada à redação do jornal “A Crítica”, em conversa com a editora à época, a constatação mais importante da pesquisa: a utilização dos ditados populares, das expressões coloquiais e até das brincadeiras e ironias era, de fato, uma opção feita pelo jornal. Segundo ela – e esses dados estão no relatório final apresentado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Amazonas (FAPEAM) – o “Manaus Hoje” intencionava que a fala do seu leitor pudesse estar registrada em suas páginas, e que todos os registros linguísticos

eram obtidos junto a amigos, familiares dos repórteres e, especialmente, no contato com as pessoas, durante as coberturas de rua.

Diante dos dados da nossa pesquisa, consolidada com a aplicação de 200 (duzentos) questionários em várias regiões da cidade, destacando-se aí: terminais de ônibus, praças, ruas e também na Escola Estadual Professor Antenor Sarmiento Pessoa, instituição pública de ensino localizada no centro de Manaus, e posteriormente publicada nos dois periódicos, inclusive com algum destaque, o dado que ficou mais evidenciado foi exatamente o da aceitabilidade da linguagem desses jornais.

A notícia da aceitação dos jornais causou grande repercussão nos mesmos. A impressão que se tinha era de que os próprios impressos não tinham noção da sua força na cidade. Segundo o Instituto Verificador de Circulação, o “Dez Minutos”, por exemplo, é um dos jornais de maior circulação no Brasil.

Não haveria como fechar os olhos para essa situação, sob pena de desconsiderarmos uma realidade que se desvela cada vez mais forte nas nossas cidades, em Manaus especialmente.

Sobre esse aspecto da aceitação social dos jornais populares, AMARAL (2008) assevera que

As pessoas lêem os jornais não apenas para se informar, mas também pelo senso de pertencimento, pela necessidade de se sentirem partícipes da história cotidiana e poderem falar das mesmas coisas que “todo mundo fala”. O ato de ler um jornal e de assistir a um programa também está associado a um ritual que reafirma cotidianamente a ligação das pessoas com o mundo. (p.61)

Como vemos reiterada na fala acima, a ligação do leitor com os periódicos desse segmento da imprensa representaria, dentre outras coisas, um processo de identificação em grande escala, processo possibilitado, em especial, pela linguagem utilizada pelos mesmos. Mas continuemos abordando a linguagem dos jornais populares.

2.5.1 AS MARCAS DA LINGUAGEM NO JORNAL “MANAUS HOJE”

O Jornal “Manaus Hoje” completa 7 (sete) anos de existência em 2015 e já atingiu mais de 2 (duas) mil edições. Com um perfil linguístico diferente dos outros dois periódicos

(Dez Minutos e Agora), o impresso caracteriza-se, de forma bastante clara, pela opção de uma linguagem popular, com a utilização intensa de ditados populares e expressões comuns no cotidiano das periferias.

Esse formato, como dissemos há pouco, definiu-se com o propósito de aproximar o jornal do seu público, de forma que o leitor pudesse se reconhecer nas suas páginas, o que se configuraria também como uma estratégia de marketing.

O fato é que esse tipo de procedimento, que não é novo, visto que também marcou a imprensa popular em séculos anteriores, mostra-se como um recurso que aponta para duas direções: a primeira por optar a um público específico, portador dessa linguagem e de suas especificidades, sendo representante não somente de suas necessidades de saúde, lazer, educação, mas também de suas marcas; a outra por consolidar, a nosso ver, a função apelativa da linguagem, como vamos destacar na sequência deste capítulo.

A linguagem coloquial está presente em todas as páginas do “Manaus Hoje”, desde a capa até as páginas de esporte. Como exemplo inicial, podemos citar a página 2 do periódico que apresenta algumas especificidades na linguagem. Na seção chamada “Comunidade” há uma coluna intitulada “Metendo Bronca com Wilson Lima”. Tal coluna reporta-se a um jornalista da TV A Crítica, do mesmo grupo do impresso, o qual é apresentador de um programa que igualmente trata de questões populares (a abordagem da relação dos impressos populares com outros meios de comunicação será feita no final deste capítulo).

“Meter bronca”, como se sabe, quer dizer “reclamar”. Desta forma, a utilização da expressão ratifica a opção pela linguagem do leitor. Na edição do dia 02 de junho de 2014, o jornal apresentou neste espaço as seguintes notas:

- “Serviço de Porco”: reclamação sobre serviços de asfaltamento de ruas;
- “Precisando de capinada”: solicitação de limpeza à prefeitura da cidade;
- “Buraco a dar com rodo”: registro de buracos em bairro de Manaus;

Como se pode identificar, há uma tendência evidente de utilização de expressões peculiares das grandes massas populacionais nas páginas do jornal. Esse procedimento, há de se dizer, não decorre de nenhuma aleatoriedade. O jornal ao se expressar em linguagem popular estabelece um diálogo com seu público, de forma a favorecer o processo comunicacional e produzir comunhão com o leitor e consumidor.

Mais do que isso: a linguagem dos jornais populares é uma concretização do próprio ecossistema comunicacional que o mesmo representa. Sim, pois no caso específico do “Manaus Hoje” – e também nos demais jornais, embora de forma menos intensa – a língua resulta de uma série de elementos que contribuem para a existência dos jornais do segmento popular. Tratemos, antes de continuar a analisar as características da realidade linguística do “Manaus Hoje”, sobre a língua nessa perspectiva ecossistêmica.

Como dissemos em todo o primeiro capítulo, um ecossistema se caracteriza pela junção (disjunção) e pelo diálogo (ou conflito) entre diversos fatores. Dessa maneira, um objeto só poderia ser pensado, na ciência paradigmática, a partir da observação dos diversos elementos que atuam para sua existência. Com o jornal popular não é diferente, com a língua também não. A língua é resultado de um conjunto de fatores, especialmente por conta do seu caráter heterogêneo.

A língua, como produto social – é nessa perspectiva que pensamos – está sujeita às variações, às mudanças. Sobre essa questão, BAGNO (2007) lembra que

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas. (p.37)

Em que essa acepção tem relação com o que aqui discutimos? Primeiramente ela fortalece o entendimento de que a linguagem dos jornais populares – não só a verbal, mas também a não verbal, como vamos destacar ainda nas próximas páginas – representa o pleno reconhecimento de que há falantes diversos, com referências diversas, o que nem sempre, é verdade, é compreendido por todo o corpo social. Observar formas linguísticas até então não comuns nas páginas dos jornais, que ainda são um produto muito próximo das pessoas, ainda causaria certa apreensão em muitas delas.

Além disso, a língua capitaneada pelos impressos do segmento popular acaba, em alguma instância, estabelecendo certo duelo social. Isso mesmo: ao tomar para si uma realidade linguística teoricamente própria das classes mais populares, os jornais inseririam e marcariam o espaço dessas classes. A impressão que temos é que esse processo,

infelizmente, não é feito tão pacificamente. Mas deixemos isso para o último capítulo deste trabalho em que vamos poder discutir com maior afinco os efeitos dos jornais e de sua linguagem.

O que precisa estar destacado, por hora, é que a língua dos jornais populares é representativa do ecossistema onde os mesmos circulam. Essa questão é fundamental e sua incompreensão é que implica as distorções sobre o valor da linguagem nos mesmos. Não entender que a utilização das formas coloquiais, dos ditos populares nos periódicos representa exatamente o diálogo entre os sujeitos – o sujeito jornal, o sujeito leitor, o sujeito sociedade com suas questões – é o problema central.

Nesse contexto, o que nos parece é que os jornais populares representariam uma ameaça ao poder constituído, ou seja, uma afronta à norma, ao padrão, portanto se configurando como algo que não deveria perdurar. Essa situação decorreria, não somente de um preconceito puro, mas da falta de conhecimento de que há outros mundos, outras pessoas, outras linguagens e outros propósitos ao utilizá-las. Olhamos sempre com o olhar a que fomos acostumados, muitas vezes retilíneo.

Pensar a língua numa perspectiva ecossistêmica, então, significaria avançar no entendimento de que a mesma, diferente do que historicamente se convencionou, é resultado da interação, do diálogo e de um processo contínuo de comunicação que deve levar em consideração o ambiente, o qual não tem características estáticas e é, igualmente, resposta às relações entre sistemas distintos. Nesse contexto, ao tratar sobre a formação do espaço (e aqui tratamos do espaço linguístico), PEREIRA (2010) destaca que

...o ambiente que envolve a comunicação é conformado por relações estabelecidas entre sistemas diferentes e que, embora diferentes, dependem um do outro para existir. Significa perceber que modificações no ambiente e nos sistemas que dele participam tendem a transformar a própria comunicação e a cultura, uma vez que esta tende a se adaptar às condições do ambiente (p.152)

Aqui chegamos à compreensão de que a língua, como um ecossistema com suas próprias bases, concorre para a mudança do processo comunicacional, ou seja, atua no sentido de implicar – não impositivamente – em conjunto com outros fatores (aqui podemos citar as mudanças econômicas, políticas, sociais, comerciais), mudanças na estrutura tradicional dos jornais impressos.

Ressalvado esse aspecto da língua como ecossistema, questão que terá novas abordagens ainda nesta dissertação, podemos voltar a tratar sobre a linguagem do jornal “Manaus Hoje”. Nesse impresso, em quase todas as seções, há o uso de expressões e termos comuns à fala popular. Em uma das páginas, encontramos, por exemplo, a seção “ZapZap do MH”, um espaço onde são registradas reclamações e demandas comunitárias. A página representa um canal direto entre o jornal e seu leitor, repercutindo suas necessidades.

Chama a atenção a expressão “ZapZap”, pois é uma construção coloquial do aplicativo *whatsapp*, utilizado para troca de mensagens e mídias, o qual tem grande aceitação junto aos usuários de aparelhos celulares. Mesmo nas seções de esporte e de entretenimento, a construção linguística não foge à regra do popular. Na mesma edição do dia 02 de junho de 2014, as notícias principais eram essas:

- “Fla nem viu a bola” – matéria sobre a goleada sofrida pelo Flamengo
- “Times levam bolada” – notícia sobre vencedores de campeonatos e seus lucros
- “Felipão chateado” – matéria sobre o ex-técnico da Seleção Brasileira de Futebol

Já nas páginas de entretenimento, chamada de “Babado Forte”, a linguagem também se apresenta com muitos registros populares. Tal prática se manifesta como estratégica, pois atua, como mencionamos, como uma espécie de elemento de sedução ao leitor. É evidente que o texto verbal, cheio de hipérboles e outras marcas linguísticas, é realçado por imagens e pelo registro da vida das celebridades, seus deslizes e curiosidades, o que parece ser do interesse do leitor.

Outro aspecto visível nesse periódico é o destaque para o corpo das mulheres. No “Manaus Hoje”, na edição de 14 de janeiro de 2014, por exemplo, encontramos, em duas páginas, as fotos de 06 (seis) mulheres em trajes menores ou seminuas. Os textos, como uma espécie de legenda, apresentam informações sobre o perfil físico delas e o seu esforço para ficarem bonitas ou, ainda, destacando peculiaridades sobre suas vidas.

Importante estar frisado, neste turno, é que o referido jornal desde seu surgimento opta pelo uso de uma linguagem marcada pelas construções verbais e linguísticas não comuns nos jornais tradicionais, o que, sem dúvida, tem implicações de toda ordem. Entretanto, não é incomum identificar nos periódicos de referência ou em outros meios de comunicação como o jornal e a televisão muitas marcas de linguagem popular.

O Jornal A Crítica, só para citar uma situação, em sua edição virtual do dia 23 de janeiro de 2015, trouxe como chamada para uma das suas principais matérias o seguinte: “*Em Coari, Igson Monteiro dá ‘perdido’ em comissão do Ministério Público*”. Igson Monteiro era prefeito da cidade de Coari, no Amazonas e estava sofrendo investigação por parte do Ministério Público do Estado. Mas “dar perdido”, como sabemos, significa esconder-se, esquivar-se. O jornal deslizou ou há uma tendência?

2.5.2 O “DEZ MINUTOS” e o “AGORA”: LINGUAGEM COMEDIDA

Um simples olhar sobre as páginas diárias de todos os jornais populares de Manaus vai ratificar que os temas tratados por eles, especialmente nas abordagens policiais, são quase os mesmos. É das realidades circundantes que os impressos do segmento popular obtêm suas notícias, reportagens, imagens. Os textos, igualmente, traduzem essa comunicação direta com o público-leitor, com as localidades onde os jornais circulam. Nesse sentido, BARBOSA (2005) reforça que

Construindo textos-documentos, na esteira de um naturalismo realista que também triunfa na literatura, os diários procuram convencer e seduzir, criando uma espécie de intimidade com o público, interlocutor reconhecido e, sobretudo, identificado, que existe naquele contexto comunicativo. A experiência do texto evoca a interação discursiva permanente entre os veículos e o seu público. (P.71)

É fato que os jornais dessa natureza preservam em suas páginas o interesse do seu interlocutor. Não há que se camuflar que noticiam tragédias, crimes, dramas humanos de toda espécie. Mas, igualmente, não há como desconsiderar que tais notícias encontram do outro lado (um lado bem próximo) um público que tem interesse pelos temas, não pelo simplório desejo de compartilhar da dor, do sofrimento, da morte, dos problemas, mas, especialmente, porque essas questões representariam a realidade que conhecem, com a qual convivem e que, por vezes, desejam ver resolvida.

Nesse cenário, a linguagem se apresentaria – não é demais repetir – como uma ponte que ligaria o leitor ao jornal. Como seria possível atingir as pessoas com termos rebuscados, construções linguísticas não conhecidas ou palavras que não constituem o repertório delas?

Há, como sabemos, um leitor particular desses jornais, com histórias diversas, até de não escolarização.

É claro que não estamos aqui, antes de uma impressão equivocada, justificando o produto linguístico dos periódicos populares, mas entendendo-o, pois essa é uma das propostas desta pesquisa. Compreender essa questão será substancial também para legitimar a existência de tais jornais. Mas avancemos agora nos registros preliminares da linguagem do “Dez Minutos” e do “Agora”.

Como acontece no “Manaus Hoje”, os dois jornais citados têm na editoria de polícia seu principal carro-chefe. Os homicídios, casos de tráfico de drogas, crimes sexuais, dentre outros, estão sempre estampados na primeira página, em destaque. Na edição do dia 05 de outubro de 2013, por exemplo, o “Dez Minutos”, das sete notícias que compunham sua capa, mais da metade tinha relação com questões policiais.

Além dessas, encontramos igualmente a figura de uma mulher em trajes menores, marca de todos os jornais da cidade e que, somente em casos bem raros é substituída por uma figura masculina, como aconteceu na edição do dia 25 de janeiro de 2014 (figura 28).

As notícias policiais do dia 05 de outubro eram essas: “Mulher é estuprada pelo ex-marido em via pública”; “Esfaqueou o amigo após brincadeira”; “Dois detentos fogem durante a madrugada” e “PM não quer mais presos na Cadeia”. Como se pode perceber, os assuntos são recorrentes e a linguagem, embora não tenda à coloquialidade como no “Manaus Hoje” é igualmente popular.

Nesse sentido, a economia linguística pode, em alguns casos, até gerar problemas de interpretação, como acontece na última notícia “PM não quer mais presos na Cadeia”. Sem a leitura da matéria, é extremamente estranha a notícia.

No “Dez Minutos” há uma quantidade menor de termos e expressões populares, embora não possamos dizer que isso se constitua como uma exceção. Na mesma edição do dia 05 de outubro de 2013, à página 9, ao tratar de jogo entre Botafogo e Grêmio pelo Campeonato Brasileiro daquele ano, o jornal estampou: “*Grêmio é a pedra no sapato*”. E em outro trecho “*SP encara o Vitória com medo de cair*”. Notoriamente verificamos que há termos muito próprios do futebol, comuns entre jogadores e esportistas. Desta feita, a linguagem também se presta a atingir o leitor, mesmo que de forma mais contida.

É na página de “Celebidades” que o “Dez Minutos” apresenta uma tendência maior à linguagem popular e também a construção escrachada. É muito comum visualizar nessa

seção, que é a última do impresso, construções irônicas sobre as celebridades, numa linguagem mais leve, até tendente ao coloquial e ao informal.

Na edição do dia 05 de outubro de 2013, tratando sobre um possível namoro do jogador de futebol Adriano, o jornal registrou: “*Mal fugiu de um noivado, Adriano o (ex) Imperador já está se engraçando com outra moça (...) Será que é só amizade com benefícios ou namoro?*”.

Há uma tendência da linguagem jornalística, nos periódicos populares, à ironia e à brincadeira, mesmo em questões que mereceriam, teoricamente, um tom mais centrado. É o que acontece em grande profusão nos programas de rádio e também na TV. Em Manaus, uma das emissoras de rádio, só para ficar num registro, no seu jornal matutino apresenta um trecho em que o repórter destaca as notícias policiais.

Uma das falas mais corriqueiras do mesmo é: “*A pedra do IML bombou*”, numa clara alusão ao número de mortos registrados no Instituto Médico Legal da cidade. Embora pareça estranha – e mais adiante também vamos tratar disso – a postura do repórter ressalta uma característica preocupante da modernidade, o que, portanto não pode ser definido como uma nuance do jornalismo popular: a insensibilidade humana com as tragédias, com a morte, com o sofrimento alheio.

Aqui na capital amazonense, em 2014, um grave acidente entre um ônibus e um caminhão causou uma dezena de mortes. O que chamou atenção à época, além do evento em si, foi que enquanto as pessoas estavam presas a ferragens, os corpos expostos, eram inúmeros os curiosos fazendo registros fotográficos e filmagens, os quais rapidamente chegavam aos celulares, através de aplicativos e mensagens. Sobre esse aspecto, BARBOSA (2005) destaca que

As tragédias cotidianas descrevem conteúdos imemoriais, que aparecem e reaparecem periodicamente sob a forma de notícias. Mudam os personagens, não as situações. De tal forma que podemos dizer que existe uma espécie de fluxo do sensacional que permanece interpelando o popular a partir de uma narrativa que mescla ficcional com suposição de um real presumido. São temáticas que repetem os mitos e as representações que falam de crimes e mortes violentas, de milagres, de desastres, enfim, de tudo o que foge a uma ideia de ordem presumida, instaurando a desordem e um modelo de anormalidade. (p.72)

A questão de fato está para além do simples registro jornalístico. O que nos parece é que não seria o jornal o protagonista dessas práticas, ele desenvolveria o papel de repercutir, voluntária ou involuntariamente, alguns comportamentos sociais, como a falta de sensibilidade das pessoas diante de situações desastrosas, o que nem sempre é bem visto pela crítica e pelos defensores da imprensa tradicional.

O que acabamos percebendo, em resumo, é que, de maneira geral, o jornal popular configura-se como um prospecto das localidades onde está inserido: ele consubstancia-se das histórias, das realidades, das práticas e dos costumes desses espaços e de seu público. Residiria aí sua natureza ecossistêmica. Pensar a essa maneira não só ajuda a reconsiderar alguns posicionamentos extremistas sobre eles, mas também a construir uma concepção que leve em consideração uma infinidade de fatores que concorrem para a existência e, por que não, para o fortalecimento desses jornais. Dito isso, voltemos aos registros sobre a linguagem do jornal “Dez Minutos”.

Chama atenção na linguagem desse jornal a preocupação com o detalhamento. Na edição do dia 04 de outubro de 2013, na capa do jornal, duas notícias destacam informações que são julgadas por ele como essenciais para a repercussão dos fatos. Na primeira “*Taxista é raptado e morto com seis tiros na cabeça*”: a quantidade de disparos feitos e o local que eles atingiram, embora pudessem fazer parte da matéria em si, são registrados na capa, pois supostamente causam efeito maior no leitor. Na segunda: “*PM prende professor com drogas na cueca*”. Dois dados são interessantes aqui, o realce à profissão do infrator (teria outro efeito se fosse outra atividade profissional?) e também ao local onde a droga foi encontrada.

Essa preocupação com a maior particularização de algumas informações faz com que o jornal tenha um tom apelativo muito mais que informativo, apresentando um repertório linguístico que aponta para o consumo do produto. Não somente do ponto de vista dos signos verbais, mas também das imagens e de outros elementos que implicam, de certa forma, uma adesão a sua proposta.

O que precisa estar reiterado, contudo, é que o perfil linguístico do jornal presta-se, de um lado, à concretização do processo comunicativo, pois tem ciência das características do seu leitor, e do outro favorece o processo de intimidade e proximidade que marca a relação entre o impresso e seu público.

Em relação ao “Agora”, o mais recente dos jornais populares que circulam em Manaus, identificamos uma construção linguística muito parecida com o “Dez Minutos”, ou

seja, sem a força apelativa que encontramos no “Manaus Hoje”. Da mesma forma que acontece nos dois outros impressos, não há registro de rebuscamentos, mas de uma linguagem objetiva, sem devaneios ou construções complexas. Os temas e a presença da mulher na capa também se assemelham aos outros periódicos.

Essa questão não é difícil de ser compreendida, pois os produtos populares devem, para atingir seu objetivo comercial, considerar as peculiaridades do seu consumidor. Esse traz uma realidade histórica, social e cultural e, sem dúvida, espera vê-la estampada e registrada nas páginas do jornal. AMARAL (2011) lembra, neste contexto, que

Os produtos populares da mídia sujeitam-se abertamente à ditadura do leitor, ouvinte ou telespectador. Do ponto de vista da empresa. Pensar no gosto e na linguagem do público é fundamental para que o produto dê certo, mesmo que essa lógica traga problemas para a qualidade do jornal (...) Em geral, o povo é considerado portador de uma cultura heterogênea, preso à concretude da realidade. Por isso os produtos dirigidos a essa camada social tendem a priorizar o que está relacionado com o mais próximo e concreto da vida do leitor... (p.61)

A partir das observações aqui feitas, é possível dizer que, do ponto de vista linguístico, há muitas marcas comuns entre os jornais populares de Manaus: a objetividade, a simplicidade no uso da linguagem e a utilização de expressões comuns entre as grandes massas populacionais. Especificamente em relação ao “Manaus Hoje”, pelas razões que expressamos anteriormente, o projeto de linguagem decorre da intenção de aproximar o jornal de seu público.

Nesse sentido, diferente do que possa parecer, não há despropósito no perfil linguístico, ao contrário, há uma repercussão no jornal das práticas encontradas entre os leitores. Quais as implicações disso? Como a escola pode trabalhar com esta realidade? O que os estudiosos pensam sobre a questão? São discussões a serem feitas no último capítulo.

2.5.3 A LINGUAGEM NÃO VERBAL NOS JORNAIS POPULARES

Além de toda variedade verbal que podemos encontrar nos jornais populares, há de se destacar outras questões que colaboram para a constituição do que temos chamado aqui de perfil linguístico. Nesse particular, haveria outros elementos significativos que não

podem ser relegados a segundo plano, tendo em vista que funcionam simultaneamente no propósito de atingir o leitor do jornal, provocando maior consumo. Dentre esses fatores, podemos citar as imagens, as fotografias e o projeto visual dos jornais.

Em relação às fotografias, ainda podemos encontrar nesses periódicos, nos dias de hoje, imagens impactantes, especialmente as relacionadas a crimes como homicídios, latrocínios e outras práticas da mesma natureza. Tais imagens apresentam corpos expostos, decapitados, sangue e cenas de violência, como uma forma de reiterar o que o texto verbal apresenta. A evidência, nesse contexto, é que há, por parte do leitor, certa aceitação por esse conteúdo, não só o leitor do jornal popular, mas também o que ANGRIMANI (1995) chama de leitor “sóbrio”. Como ele bem destaca,

...ao contrário do que se prejulga, o leitor do jornal sensacionalista não é uma espécie de vampiro que sai correndo toda a manhã para comprar seu jornal, como se estivesse buscando seu alimento vital. A diferença de um público para o outro se admite como divisão de mercado. Mas ambos fazem parte da mesma camada de verniz cultural que é rompida todas as manhãs na leitura do jornal diário, quando se é informado dos crimes em série de um canibal, estupros, incestos, crimes passionais... (p.48)

Essa percepção é significativa, pois aponta, ainda que precariamente, para um cenário que, carente de observações mais consistentes, não pode de todo ser refutado: há um interesse social coletivo pelas mazelas humanas. Um simples acidente de trânsito nas ruas pode reiterar isso. Há uma atração, um desejo de visualizar as pessoas feridas, o tamanho da batida, as consequências. Dessa maneira, os impressos populares não teriam exclusividade nessa ação, visto que estaríamos diante de uma prática que extrapola os limites das páginas desses jornais, encontrando guarida em outros meios de comunicação, como vamos destacar adiante.

Voltando à questão das fotografias como elemento de linguagem nos jornais populares, podemos dizer que as mesmas certamente atuam para reforçar a carga de drama dos fatos noticiados. No caso das fotos de criminosos, há intenção seria de destacar a face do mesmo, desta maneira a foto significaria uma punição preliminar, a imagem registrada no jornal é, em algum estágio, a decretação da condenação social do infrator. Na edição do dia 18 de dezembro de 2013 (figura 30), do “Agora”, a capa traz a imagem de dois homens

envolvidos em crimes. A leitura das fotografias nos traz uma mensagem: “eis os homens que cometeram os crimes”. Afora todo aspecto medieval que envolve a fala entre aspas, a questão direciona-se a essa espécie de julgamento popular.

O fato é que a fotografia exerce um papel importantíssimo para se atingir o consumidor dos jornais populares. Ao destacar no livro “Espreme que sai sangue” as abordagens feitas com leitores do jornal “Notícias Populares”, da cidade de São Paulo, ANGRIMANI (1995) traz registros que ratificam o que aqui dizemos.

O engraxate Amadeu Gonçalves da Cruz, trabalha na praça da Sé, centro de São Paulo, local conhecido pela polícia como de altíssima periculosidade. “Aqui nessa praça a gente vê de tudo. Por isso, o jornal não dá para impressionar ninguém. Há 15 anos compro o ‘Notícias’. Crime é coisa da vida. Quem tem medo e vive em São Paulo, não deve sair de casa. O jornal eu leio e já esqueço. Não me impressiona em nada”. Outro leitor é a favor de que o jornal destaque as fotos dos crimes por mais trágicas que sejam, “para impressionar o povo”, porque “uma figura fala mais do que mil palavras”. José Luís Silva, 33, apontador, diz que “quanto mais notícias sair nos jornais, nas TVs, nas rádios, mais ajudaria a reduzir a violência.”. Silva se recorda do fato de uma “mulher degolada a faca” que ele viu publicada no “Notícias Populares”. “Aquilo me impressionou. Deu aquele impacto. Mas isso devia sair com mais destaque ainda, inclusive na TV”. Silva acredita que se pessoas ficassem chocadas, como ele ficou, esse trauma seria suficiente para reduzir a criminalidade, ou obrigaria os poderes constituídos a tomar medidas mais enérgicas. (p.115)

Além da constatação, aqui representativa, de que as fotografias, embora manifestadoras de cenas grotescas, são aceitas pelo público-leitor desse tipo de jornal, as falas acima transcritas pelo mencionado autor reforçam o pensamento de que há entre o jornal e seu leitor uma relação mais que comercial, a qual é possibilitada, em grande parte, pela linguagem utilizada nos periódicos. Por essa razão, acreditamos que todo aparato linguístico usado nos impressos do segmento popular configura-se como uma representação do seu leitor, não só acostumado com o mesmo, mas, de certa maneira, agradado em suas referências.

Outro aspecto interessante dos jornais populares são as fotografias de mulheres seminuas. Como já dissemos, todos os três jornais citados trazem em suas capas, diariamente, uma figura feminina (figuras 01, 06 e 12). Não em tom romântico, mas com

apelo sensual, visto que são registradas em trajes menores, em manifestação nitidamente apelativa.

Como dissemos em momento bem recente, essas imagens repetem-se especialmente nas seções que tratam de celebridades e detonariam uma tendência dos impressos a um público-leitor masculino? As abordagens esportivas, destacadamente de futebol e campeonatos, também expressariam isso? É uma questão a ser explicada em pesquisa específica.

Nessa abordagem, interessa-nos destacar que o aspecto visual dos impressos populares, com a associação de fotografias e imagens, além da linguagem verbal, apresenta-se como elemento retumbante para a constituição do jornal popular. Sobre isso, ANGRIMANI (1995), sentencia que

O que vai fazer com que o mercado se divida e haja um público exclusivo para o veículo sensacionalista é a linguagem, a linguagem editorial que é a forma de se destacar uma foto, tornar o texto mais atraente, enfim a busca de um equilíbrio entre ilustração e texto, além da preferência por matérias originadas de *fait divers*, em detrimento de temas políticos, econômico-internacionais que servem como estímulo predominante ao jornal informativo comum. (p.48)

A busca do formato adequado que consiga atingir frontalmente o leitor, entretanto, não se configura como um vale-tudo em busca de maior comercialização do produto. Nos impressos populares de Manaus, embora persistam imagens grotescas, são raras aquelas que, por seu forte conteúdo, impliquem repúdio no leitor. As fotografias de corpos ou de acidentes são, de fato apresentadas, mas sem aproximação ou destaques que possam causar espanto no leitor.

Essa questão é fundamental, pois nos ajuda a hipotetizar a existência de um jornalismo popular que, embora busque maior vendagem como qualquer produto de mercado, resguarda uma base e uma postura moderada, nesse aspecto, na exposição de suas notícias.

O perfil visual dos jornais populares também é um aspecto a ser considerado, quando tratamos da linguagem. O colorido é marca desses produtos (figuras 09 e 16). Nos impressos de Manaus, há nas diversas páginas uma quantidade grande de imagens e fotos. No caso do “Manaus Hoje”, nas páginas que tratam sobre esporte, comuns os registros fotográficos de

campeonatos esportivos em vários bairros e comunidades, situação que se configura como uma estratégia de venda. A presença do leitor nas páginas do jornal é chamariz para o consumo.

De maneira geral, o apelo visual concorre para atrair o leitor ao jornal, o qual faz com que os periódicos populares tenham um padrão visual mais variado do que os jornais tradicionais. Nesse ínterim, AMARAL (2011) vai ressaltar a importância dos impressos populares reconfigurarem suas edições com boas capas e títulos informativos. Para ela, a feitura da capa somente atendendo à perspectiva comercial é um risco que precisa ser avaliado e distorcer a função social da imprensa.

2.6 PENSANDO A LINGUAGEM DO JORNALISMO POPULAR NUMA PERSPECTIVA ECOSSISTÊMICA

Aqui temos refletido sobre o caráter social da Linguagem, ou seja, buscamos elementos que impliquem o entendimento de que não é possível pensar a língua e seus desdobramentos fora da sociedade em que se encontra. Precisariam ser vencidas, assim, as práticas ainda recorrentes que pensam a língua como um conjunto de regras, normas e classificações, as quais, por vezes, são desconhecidas do falante e das comunidades onde a língua é utilizada.

Nesse cenário de ebulição linguística, os jornais populares e sua linguagem atuam noutra direção, aquela em que o aparato linguístico decorre, sumariamente, do intenso diálogo entre os falantes, resultando no formato que observamos nesses impressos.

Como anotamos no trecho anterior desse texto, ao tratarmos das especificidades linguísticas de cada jornal de Manaus, há uma intenção deliberada, e natural, de atingirem o leitor por meio daquilo que lhe é mais particular: a linguagem. Nesse propósito, há o reconhecimento das marcas e características linguísticas desse público, cuja história é identificada, por vezes, pela falta de acesso à escolarização, bem como ao que chamamos na Sociolinguística de variantes de prestígio da Língua.

Assim sendo, os jornais populares exerceriam, ainda que involuntariamente, o papel de marcar o território e a presença de determinadas classes sociais em suas páginas, como que deflagrando sua existência e trazendo às claras suas demandas, mas também a variedade de sua cultura e de sua linguagem.

Como são representativos historicamente das classes mais abastadas, é natural que a expressão linguística desses impressos impacte junto à sociedade em geral, mas a compreensão e reflexão desta questão precisam ser ampliadas. Cuidemos disso.

Não há novidade quando se diz que língua e sociedade caminham juntas. Essa, aliás, seria a definição mais ecossistêmica que pode existir sobre ela. Não é possível pensar a língua longe do seu espaço social, assim como é improvável entender a sociedade sem considerar a língua por ela utilizada. Essa realidade, entretanto, é, por vezes, desconsiderada por certos estudiosos da Comunicação e das Linguagens, quando há uma reflexão sobre o perfil linguístico dos jornais populares, os quais se apresentam como propagadores da realidade linguística do público ao qual se direcionam.

Para desfazer tal postura, é importante considerar que em todas as sociedades encontramos o que a Sociolinguística chama de heterogeneidade linguística, quer dizer uma variedade de práticas e comportamentos que decorrem de uma série de fatores que vão do processo de escolarização ou não dos falantes até os estudos especializados sobre o funcionamento da língua, o que, em muitos casos, não implica uma compreensão ampliada sobre ela, ao contrário significa um entendimento equivocado sobre si. Acerca dessa questão, MONTEIRO (2000) destaca, referenciando BRIGHT (1966), que

A tese fundamental de Bright é a de que um sistema linguístico monolítico, realizado sem variações ou com variações fortuitas e imotivadas, é incapaz de explicar toda uma gama de associações com a estrutura social. Em seu estudo, ele tenta estabelecer várias dimensões, das quais a de maior importância é a diversidade, percebida sob três ângulos principais: a identidade social do emissor, a identidade social do receptor e as condições da situação comunicativa. (p.15)

Ora, como podemos perceber, o processo comunicacional, concretizado por meio da linguagem, possibilita o contato entre os usuários da língua, realçando o diálogo entre eles, em situações específicas. Nesse sentido, é natural pensar que a linguagem nos jornais populares decorre de um pacto entre os periódicos e seu leitor, daí termos as representações destacadas acima. Longe de ser uma novidade, esse aspecto merece ser reiterado, pois a incompreensão sobre a utilização de certos registros nesses jornais é resultado de um “olhar de fora”, de estranhamento, ou da intolerância, como vamos detalhar ao tratar sobre o preconceito linguístico.

Por enquanto, torna-se imprescindível refletir que a combinação de expressões e ditos populares, bem como de jargões repetidos à exaustão, nada mais é do que o ambiente repercutindo suas características nas páginas dos jornais. MONTEIRO (2000) lembra, sobre isto, que o ambiente social pode ter implicações sobre a estrutura de vocabulário, por exemplo. Essa realidade linguística ultrapassa a simples compreensão da língua como um conjunto de regras e fórmulas, portanto homogênea. BAGNO (2007), a propósito, ressalta o seguinte:

Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguísticos, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e abacado, de um momento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita. (p.36)

As manifestações linguísticas nos impressos do segmento popular, pensando dessa maneira, decorrem desse processo constante de interação, de variação e de construção (desconstrução). Contudo, a aceitação dessa realidade não se faz de maneira tranquila e pacífica. Há resistências de toda espécie (isso vai ser destacado mais amplamente no último capítulo) em relação à linguagem desses impressos, isso porque eles destacariam o que MONTEIRO (2000) chama de tabu. Sobre isso, ele diz que "os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua. É o caso do fenômeno conhecido como tabu, que se relaciona com os comportamentos proibidos ou vistos como imorais ou impróprios".

Ao replicar em suas capas chamadas que expressam falas comuns entre as grandes massas consumidoras, os jornais populares rompem com a tradição da linguagem formal e padrão e passam a apresentar registros linguísticos atinentes ao seu público-leitor, pelas razões que destacamos nas últimas páginas. Essa opção, entretanto, não se resume ao jornal impresso, podendo ser percebida em diversas outras mídias, como o rádio e a própria

televisão, com programas igualmente populares e opções por uma linguagem comum às classes sociais C e D.

Ressaltar esse aspecto ajuda a ampliar o entendimento do jornalismo popular inserido numa dimensão maior, a qual traduz uma ocupação das mídias por produtos destinados a públicos das camadas sociais mais populares, interessados por assuntos diversos daqueles tratados tradicionalmente. É sobre essa questão que vamos tratar a seguir, de forma a reiterar o perfil ecossistêmico dos jornais populares.

2.7 O RÁDIO, A TV E OUTRAS REPRESENTAÇÕES POPULARES NA MÍDIA.

Sobre a proliferação de programas de cunho popular, AMARAL (2011) lembra que há uma história com mais de cinquenta anos. Ela cita programas como o "Tribunal do Coração", de 1954, na TV Tupi e também "O Homem do Sapato Branco", surgido em 1966, esse último mais ligado à cobertura policial. Mas foi exatamente nos últimos 20 anos que tais programas tiveram maior destaque. Segundo ela,

No final da década de 1990 e no início do novo século, houve um boom de produtos populares na mídia brasileira, em especial na televisão. Com a implementação das redes de televisão a cabo e a incorporação de alguns setores ao mercado consumidor, a televisão aberta passou a veicular novos programas populares. Há muitos programas que se apóiam em depoimentos de cidadãos comuns sobre seus dramas particulares, em que o povo não aparece em sua realidade cultural, mas em seu lado grotesco, feio, deformado, miserável, vítima, sem destino. (p.44)

Embora a autora sugira em certo momento que tais programas tenham perdido espaço nos últimos anos nas diversas mídias, acreditamos que esse processo está longe de deflagrar um fim. Nas principais emissoras de TV do país ainda são comuns os programas de cunho popular, para atingir um público consumidor que não aderiu aos canais fechados. Os apresentadores, a propósito, igualmente lançam mão de uma linguagem popular e coloquial para atingir o telespectador.

Quem está com os aparelhos de rádio ligados nas primeiras horas da manhã no Amazonas vai poder escutar o *Jornal da Manhã*, na rádio Difusora. Tradicionalmente o jornal matutino apresenta notícias da cidade de Manaus, do Estado do Amazonas, bem como

reportagens sobre temas nacionais e internacionais. Nos últimos anos, entretanto, uma parte do programa destaca as notícias policiais de forma diferente. Em tom ora jocoso e ora dramático, o repórter destaca as ocorrências de crimes e outras infrações, especialmente na cidade de Manaus.

A certa altura de sua participação, o repórter diz: "*E a pedra do IML bombou no final de semana*". É o sinal de que haverá os destaques das mortes registradas na cidade. Detalhando as informações, inclusive com minúcias de alguns crimes, o repórter utiliza termos e expressões do cotidiano das pessoas para "melhor informar" as notícias policiais. O comportamento do locutor, é bem verdade, também não é aleatório.

Embora reconheçamos um tom que não é natural quando se trata das desgraças humanas, o que vislumbramos é que o programa, assim como outros meios comunicativos, traduzem comportamentos sociais, inclusive aquele em que a morte, dada sua normalidade, não causa espanto ou afeta frontalmente as pessoas.

Na mesma emissora, no horário vespertino, tem-se o "Giro de Notícias". Destacando informações de trânsito e outras notícias do dia, o programa também conta com a participação do repórter Alberto Pelegrini, conhecido pelo bordão "*E a pedra do IML bombou*". O mesmo se tornou tão popular que favoreceu a candidatura do comunicador a uma vaga à Assembleia Legislativa do Amazonas, com uma votação relativamente grande, numa prova de que esse tipo de estratégia comunicativa tem determinada aceitação entre os ouvintes da rádio.

Especialmente em nível local, há muitos registros de projetos cujo foco é tratar das demandas e das mazelas sociais. Parte desses programas, com apresentados por políticos, destacadamente entre os anos 2000 e 2010, tinha a intenção de resolver questões de saúde, segurança, lazer e infraestrutura.

Podemos citar como exemplos os programas "Canal Livre", "Exija seus Direitos", "Câmera 13", dentre outros, cujo foco era (é) o atendimento às comunidades mais pobres, colocando em evidência seus dramas, dificuldades e problemas à espera de resolução. Considerando a permanência desses projetos por décadas na grade de programação das emissoras de TV locais, acreditamos que há repercussão significativa entre os telespectadores, tendo em vista, também, a eleição de seus apresentadores para cargos políticos significativos no Estado e no Congresso Nacional.

Desses registros, os quais podem ser entendidos como mera exploração do cotidiano e das mazelas das classes mais populares ou massificação das realidades bizarras e dramáticas das populações menos abastadas socialmente, entendemos que é possível observar dois aspectos retumbantes: o primeiro é o que diz respeito à aceitação da existência e permanência de programas dessa natureza, o segundo que considera os mesmos como representativos de seu público, por vezes carentes da presença do poder público. Tais programas, desta feita, legitimam sua atuação como opções à resolução de problemas que deveriam ser, grosso modo, responsabilidade das autoridades constituídas.

Nesse cenário, que envolve outros programas de repercussão nacional, como o "Programa do Ratinho" e "Cidade Alerta", dentre outros, notamos uma intensa presença das temáticas e de questões relacionadas às grandes massas populacionais, mas não somente notados ou assistidos por elas, situação que também acontece com os jornais impressos. Na literatura disponível, aliás, carece-se de pesquisas de campo que possam elucidar ou, eventualmente, apontar se os projetos de cunho popular são ou não consumidos em grande escala somente pelas camadas sociais menos abastadas.

A popularização dos produtos comunicacionais, na verdade, também teve nas revistas um grande exponencial. Grandes grupos, cientes das novas realidades de consumo, especialmente no final do século XX, desenvolveram projetos que atendessem a esse público. Sobre isso, AMARAL (2011) registra que

A partir de 1994, houve um aumento no número de títulos de revistas de preços baixos. O presidente do Ibope Solution, Nelson Marangoni, revelou em 2003 que a classe C já correspondia a 33% do mercado e a 29% do consumo nacional, ganhando importância à medida que há certa saturação na disputa pelo mercado A/B, responsável por 60% do consumo. Conforme a Associação Nacional dos Editores de Revistas, em 2003, 14% dos leitores de revista estavam na classe A, 36% na B, 33% na C, 15% na D e 2% na E. (p.48)

Neste particular, AMARAL (2011) destaca o papel das mulheres, grandes consumidoras de revistas femininas populares, as quais mesclariam notícias jornalísticas com entretenimento. Para a autora, haveria um mercado em crescimento, baseado em mulheres interessadas por histórias, dramas, novelas, formas de ficar mais bonita, receitas novas.

Na programação de entretenimento, não é também nova a presença das grandes massas populares na grade das emissoras de TV. Na Rede Globo, só para ficar em um exemplo, temos uma série de registros de programas cuja presença do povo pode ser identificada claramente. A apresentadora Regina Casé liderou nas duas últimas décadas uma extensa lista de projetos cujo objetivo era tratar das realidades, das histórias e da cultura das classes mais populares.

Nos últimos anos, ela apresenta um programa, veiculado por temporadas, chamado "Esquentando", no qual as dançarinas siliconadas, os cenários ricos e a produção sofisticada dão espaço para gente da favela, garis e pessoas reais. São muitos os registros de quadros em que gente anônima, das periferias vê seus enredos manifestados no programa. Além disso, um componente significativo pode ser percebido: a presença maciça de negros.

Tal dado é importante, pois reforça a informação de que há uma ocupação das minorias nos espaços midiáticos até então dominados por celebridades, modelos e pessoas com beleza estética e física notáveis.

É certo que esse dado causa algum incômodo, pois altera estruturas e comportamentos historicamente constituídos, especialmente aquele - consolidado ou não - de que a televisão seria espaço privilegiado de classes mais abastadas.

2.8. O PERFIL POPULAR DA INTERNET: O CASO DO PORTAL DO HOLANDA

Perseguindo a ideia de situar a imprensa escrita popular no contexto de outras manifestações que valorizam as grandes massas, não podemos deixar de destacar o papel da internet, onde encontramos igualmente inúmeros registros de comunicação popular, seja pela perspectiva temática adotada, seja pelo formato da notícia.

Uma simples consulta aos grandes portais nacionais, como Globo.com ou UOL, nos trazem a dimensão de como temas de apelo popular são tratados com destaque. Neste sentido, reforça-se o pensamento manifestado desde o início deste texto de que a imprensa popular responde a uma expectativa que é coletiva, ecossistêmica, portanto não reduzida aos jornais escritos.

No Amazonas, o Portal do Holanda é bem representativo das práticas comunicativas voltadas às grandes massas populacionais. Na editoria de polícia, por exemplo, o referido

site aborda os fatos utilizando uma linguagem que se assemelha àquela encontrada no jornal Manaus Hoje. Alguns destaques encontrados no portal:

- "Em Manaus homem vê mulher conversando com cunhado e mete a facada"
- "Depois de assaltar hotel, bando é preso na farra em bar"
- "Idoso apaixonado sequestra novinha"
- "Bêbado, novinho vira macho, resolve atirar em todo mundo e é baleado nas nádegas"
- "Casal abandona criança e vai se divertir no forró"

As notícias, apresentadas em datas diferentes no referido Portal, têm a clara intenção de atrair o leitor. A utilização de expressões coloquiais ou palavras que compõem o repertório vocabular das classes mais populares intenta, no olhar que aqui tem se destacado, servir de atrativo, de persuasão através da linguagem, por vezes clichê.

O fato é que a opção temática pela abordagem do crime, das degradações sociais e humanas não se resume, como reiteradamente temos dito, à imprensa escrita popular. Há um cenário em que a pauta jornalística, seja na internet, na televisão ou mesmo no rádio tendem a realçar a abordagem de situações como homicídios, crimes sexuais, dentre outros. Neste sentido, a linguagem consolida-se como aspecto significativo, pois através dela se alcança com maior sucesso o leitor, o telespectador. Essa linguagem, a propósito, marca-se por uma estruturação bastante peculiar. Sobre isso, ANGRIMANI (1995) destaca que

A linguagem editorial sensacionalista é a do clichê. O sensacionalismo não admite distanciamento, neutralidade, mas busca o envolvimento, busca “romper o escudo contra as emoções fortes”. É preciso chocar o público. Fazer com que as pessoas se entreguem às emoções e vivam com os personagens. A linguagem editorial precisa ser chocante e causar impacto. O sensacionalismo não admite moderação. Na televisão, a edição de um jornal sensacionalista não pode ser a mesma de um jornal analítico-informativo. Há necessidade de mostrar justamente o que o outro não mostra. O repórter tem que provocar emoção, precisa narrar a notícia em tom dramático. A edição não pode cortar a imagem da mãe que chora desesperada a morte de seu filho. Ao contrário, deve, de preferência, mostrar o cadáver, ou o sangue no chão (se a reportagem tiver chegado tarde). Quando o repórter do jornal de TV sensacionalista estiver entrevistando, por exemplo, um estuprador de menores, não pode igualmente optar pela objetividade e distanciamento. O ideal é assumir o papel de

“superego” e ser bastante agressivo com o transgressor, usando o microfone, as imagens e as perguntas como um chicote punitivo (esse exemplo se encaixa nas entrevistas que eram feitas pelo repórter Gil Gomes no telejornal “Aqui Agora”). (p.34)

Como uma espécie de roteiro, ANGRIMANI (1995) sentencia as práticas comunicativas que envolvem a imprensa popular, situando, por importante, que não são restritas ao jornalismo impresso, mas, como bem sabemos, encontram guarida em outros espaços comunicativos, como a rádio e a televisão.

Dessa percepção sobre a linguagem, contudo, bom lembrar as funções apresentadas por Jakobson (2005). Segundo ele, a utilização da linguagem se prestaria a determinados objetivos, assim ela teria as seguintes funções: emotiva, referencial, apelativa, fática, metalinguística e poética. Os textos jornalísticos estariam identificados, teoricamente, como tendo função referencial ou denotativa.

Essa percepção, entretanto, carece, no caso dos jornais populares e da comunicação popular, de maneira geral, de uma nova compreensão. Entendemos que ao lançar mão de um conjunto de manifestações linguísticas distintas das tradicionalmente registradas, os produtos populares consolidariam uma função de linguagem mais afeita à apelação do que à simples referenciação.

Esse entendimento, que efetivamente não é novo, aponta para uma questão fundamental quando se pensa o propósito da linguagem nos impressos populares que aqui discutimos: a intenção de persuadir, de dizer, através do perfil linguístico, que o jornal se parece com o seu público, dialoga com ela, o representa.

O Portal do Holanda, ao igualmente apresentar registros linguísticos próximos aos praticados nos periódicos populares, também reforça essa tendência de aproximação e de apelo produzidos pela linguagem. A incorporação ao discurso de termos, expressões e formas comuns entre o público-leitor desses meios manifesta-se, assim, como uma estratégia de venda e de consumo, mas não somente isso.

Acreditamos que ao optar por uma construção linguística, marcada por variações populares, informais, as quais têm grande repercussão nas camadas sociais menos favorecidas, tais produtos apresentam um recado bem claro: o de pleno reconhecimento de que há um público consumidor, com outras referências, e que vislumbra na opção linguística uma representação que agrada.

Capítulo 3

OS EFEITOS DA IMPRENSA POPULAR: PRECONCEITO, INCOMPREENSÃO E NECESSIDADE DE MUDANÇAS

Por expressar uma prática comunicativa eminentemente diferente do padrão de jornalismo impresso, o qual é historicamente marcado por linguagem formal, abordagens sobre temáticas diversas, inclusive economia e política, os jornais populares de fato causam, ainda hoje, efeitos diversos nos variados organismos sociais.

Essa compreensão pode ser percebida em várias manifestações públicas acerca dos impressos desse segmento. BARBOSA (2005), ao tratar sobre a imprensa sensacionalista nas décadas iniciais do século XX, registra manifestações do jornal "O Paiz", relativas às práticas jornalistas na cidade do Rio de Janeiro à época. Na fala do jornal

É corrente entre certos jornais ilustrados do Rio a exibição do horror. Qualquer crime ou acidente serve de pretexto para gravuras repelentes: crânios abertos, braços decepados, olhos esgazeados e mãos crispadas pela dor. Se é demasiado consagrar a notoriedade dos criminosos pela divulgação do retrato - a não ser nos casos em que tal publicidade auxilie a ação policial - não se compreende essa maneira de interessar os leitores. Que sadismo barato esse que se pretende atribuir ao nosso público (2005, p.2)

A fala de "O Paiz" traduz uma compreensão quase comum quando se trata dos jornais populares. Tal compreensão constrói-se especialmente da ideia de que essa categoria de impressos jornalísticos representaria aquilo que há de mais dispensável e deplorável na imprensa escrita. Evidente que essa acepção fundamenta-se a partir de um olhar "de fora", ou seja, com base em outras referências, apoiada em estruturas diversas daquelas que sustentam os jornais populares, situação que, por vezes, implicaria uma avaliação superficial de tais produtos.

Nessa perspectiva, a opinião manifestada em "O Paiz" aponta certa indignação sobre as abordagens realizadas na imprensa sensacionalista do início do século passado. Para o jornal, haveria uma tendência do público à apreciação do crime, da violência, das mazelas

humanas. Por esse motivo, em certo momento o periódico registra o seguinte, sobre a ocorrência de um crime:

Abro os jornais à noite. Os jornais, no capítulo sensacional do crime, ainda são o reflexo exato da curiosidade, do horror, da piedade dos leitores. Procuo os pormenores, a ânsia informativa em torno do crime da parte do teatro Phenix. Notícias reprisadas e o ar enfadado que as reportagens tomam, quando perdem interesse. Nada mais. O crime impressionou nulamente o público. Por quê? (O Paiz, apud BARBOSA, p.70)

Da fala acima abstraímos uma verdade: há interesse pelas abordagens feitas nos jornais do segmento popular. Essa constatação, sobre a qual registramos algumas informações no capítulo anterior, explica, de certa maneira, a permanência desses produtos no mercado. Há repercussão da informação baseada em crimes, nos problemas sociais e comunitários. Grande parte do público desses periódicos ver-se-ia representada em suas páginas, o que justificaria a ampliação na circulação dos jornais. Sobre essa questão, SANT'ANNA (2008) destaca, considerando pesquisas de mercado, que

Ora, se o número de exemplares diminuiu e o de títulos aumentou, então é razoável supor que jornais locais e de menor porte tenham florescido em detrimento de jornais maiores de circulação nacional. Se essa for uma tendência persistente no tempo, então estaremos diante da confirmação das teses segundo as quais a ênfase no consumo de informações se move do maciço e do global para o individualizado e local. Essa tendência valorizaria os temas de âmbito individual, como saúde e comportamento. (p.93)

Além disso, o autor reputa ao que chama de jornais locais o papel de arrancar as comunidades do isolamento, no que, de alguma forma, lhe assiste razão. A contribuição dos jornais populares, assim, deveria ser no sentido de ampliar a visão de mundo de seus leitores, possibilitando que avancem numa compreensão mais conjuntural de suas realidades, implicando mudanças de comportamentos, os quais poderiam favorecer um sujeito mais ciente de seu papel na sociedade.

Nesse contexto, AMARAL (2011) igualmente insiste no propósito de uma imprensa popular que reconfigure sua atuação e suas abordagens. A sugestão da autora é no sentido de que a imprensa popular

Mesmo que a pauta seja factual e a fonte seja popular, deve-se buscar sempre as causas dos problemas, e não deixar de ampliar a matéria para o debate sobre as políticas públicas. Outro desafio é tornar prazeroso o texto sobre o que é de interesse público. Um texto de qualidade, sem 'economês', 'juridiquês' ou qualquer outro jargão, que mostre a ligação dos fatos com a vida do leitor, é fundamental, pode tornar qualquer fato interessante. (p.123)

Contudo, a aceitação ou, ao menos, uma interpretação mais contextualizada da imprensa popular ainda é um desafio. Isso porque, considerando as práticas lá apresentadas, no que concerne à linguagem, à temática, bem como de outros elementos, o lugar-comum é o da crítica aos jornais populares e àquilo que eles representam.

Essa posição crítica, bem sabemos, resulta de uma questão bastante evidente: os impressos desse segmento, a exemplo do que já se disse, ocupam um espaço até então marcado por outras manifestações jornalísticas, as quais se esforçaram por preservar uma espécie de padrão, do que chamamos de imprensa tradicional.

Nesse contexto, o surgimento de produtos, marcados por uma linguagem com tantos registros populares, com abordagem que marca a presença, em grande escala, das comunidades periféricas e suas realidades, certamente causou (e causa) ainda grande desconforto nos diversos âmbitos: escolar, social, acadêmico, comunicacional.

A escola, de um lado, pois representaria o confronto de duas realidades linguísticas: a norma-padrão e a variação popular da língua; a sociedade, pois, marcada pelo respeito à tradição, incomodar-se-ia com as referências trazidas pelos jornais populares; a Academia, porque talvez ainda não tenha se dado conta na sua totalidade das nuances que a imprensa popular favorece e, por fim, a Comunicação, porque tal imprensa, de alguma maneira, desconserta e provoca uma revisão de seus próprios conceitos.

Importante dialogar um pouco sobre estas questões.

3.1 O PAPEL DA ESCOLA NA RECONFIGURAÇÃO DOS ESPAÇOS DA LINGUAGEM E DOS PROPÓSITOS DA IMPRENSA POPULAR

É ponto pacífico que há, como sugere BAGNO (2011), uma crise no ensino da Língua Portuguesa no Brasil. Segundo ele, as práticas de transmissão de informações relativas ao idioma têm sofrido, ao longo dos anos, modificações notáveis, especialmente porque os professores não estariam mais aceitando o tradicional procedimento de justificar os fatos linguísticos somente no que expressa a Gramática Normativa, até porque, como sabemos ela não dá conta de toda a realidade linguística que conhecemos.

Não obstante, essa crise – a qual reconhecemos como uma realidade positiva – o que ainda vemos, de forma bastante intensa, é o espaço escolar, no ensino da língua, marcado por procedimentos historicamente identificados com a defesa do que se chama de norma culta e suas diretrizes.

Nessa perspectiva, em que somente as regras têm espaço, qualquer manifestação linguística diferente passa a ser vista como “erro” ou como algo passível de correção. Assim sendo, a imprensa popular, de certa forma, acaba considerada como propagadora de uma língua com “erros”, portanto, configurando um desserviço ao ensino do vernáculo.

A instituição escolar, ainda hoje, quase cem anos após a significativa contribuição do Movimento Modernista na ampliação da visão sobre a produção linguística no Brasil, continua calcando suas ações, quando o assunto é o ensino da língua, na divulgação das normas e prescrições advindas da Gramática Tradicional.

O poema "Pronominais" de Oswald de Andrade, um dos protagonistas do Movimento Moderno no Brasil, destaca o confronto entre as práticas da Gramática Normativa e a realidade linguística da maioria do povo brasileiro. Eis o texto:

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.

Oswald de Andrade ANDRADE, O. Obras completas, Volumes 6-7. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.

O poema, que a princípio parece tão somente uma avaliação sobre as relações de Colocação Pronominal, na verdade apresenta uma discussão que deveria ser recorrente, quando se trata da Língua, pois o que encontramos longe dos compêndios gramaticais é uma linguagem diferente daquela artificialmente condensada nas Gramáticas. Há em vários lugares um falar, uma estrutura sintática, semântica, fonética e morfológica da Língua que, ao não se encaixar nos padrões estabelecidos, é vista como rebelde ou equivocada.

Esse pensamento, por vezes ratificado pelas instituições escolares (não só por elas, é claro) demonstra que os efeitos da crise citada por BAGNO (2011) ainda são limitados e localizados. Por essa razão, é que o sociolinguista destaca que qualquer mudança de comportamento nesse contexto depende do protagonismo e da ação esclarecedora de professores, cômicos de que o idioma é muito mais do que um conjunto de normas. Sobre isso, ele nos lembra que

Devemos apresentar aos nossos alunos todas as opções que a língua oferece, explicar o funcionamento dessas regras, os processos gramaticais que ocorrem em cada uma e os produtos que deles resultam. Devemos também ter a honestidade que explicar o valor social atribuído pelos falantes cultos a cada uma dessas estratégias. (BAGNO, 2004, p.157)

Ao sugerir o estudo da língua com base em todas as dimensões que ela apresenta, BAGNO (2004) aponta na direção da valorização das práticas linguísticas que marcam a imprensa popular. Nesse sentido, nos lembra a necessidade de compreensão dos contextos em que a comunicação ocorre, bem como em que a língua é praticada.

Ora, se o produto jornalístico popular intenciona – não somente pelo preço praticado, pelas abordagens realizadas, mas primordialmente pela linguagem utilizada – atingir um público específico, com referências culturais, sociais e linguísticas próprias, a pergunta que nos cabe seria, então: qual o problema com a linguagem dos jornais populares?

Ao tratar dos preconceitos relativos à linguagem popular na obra “A Norma Oculta – Língua e Poder na Sociedade Brasileira”, BAGNO (2003) destaca que, por vezes, esse

preconceito ocorre de forma implícita ou velada e, evidentemente, se junta a outras reticências sociais, como classe, cor, dentre outros. Nesse particular, não é absurdo atinar que haja um agregado de resistência sobre a linguagem dos periódicos populares. Explicamos:

A manifestação de despreço pela estética linguística dos impressos do segmento popular estaria, na visão do sociolinguística, manifestada por outros preconceitos, dentre os quais o social, pois a opção de linguagem dos jornais estaria inserida numa opção pelas classes menos favorecidas, nas quais as expressões e construções amplamente registradas no segundo capítulo deste texto são mais comuns.

É indiscutível a presença cada vez maior dos jornais populares nas grandes capitais do país. Em Manaus, em locais públicos, nos ônibus, nas praças, nas escolas, tais impressos circulam com grande evidência. Mas, especificamente na escola, o que se tem tratado e avançado quando o assunto é a linguagem utilizada nesses jornais?

Os estudos na área de Língua Portuguesa disponíveis concentram-se, em grande parte, nos processos fonéticos, sintáticos e morfológicos do idioma. São localizadas as pesquisas que direcionam o interesse para as relações sociais decorrentes da linguagem e, especialmente, para a linguagem praticada pelas classes sociais menos favorecidas.

Nesse celeiro, inevitável discutir até que ponto as instituições de ensino devem considerar e debater o perfil de linguagem utilizado nos jornais populares, em especial por conta da frequente presença desses produtos nos ambientes escolares. Negar essa realidade não basta mais, pois supomos que uma parte significativa do alunado tem acesso à leitura de tais periódicos, o que por si só já é motivo para a escola evidenciar a questão.

BAGNO (2004), ao tratar dessa necessidade das instituições de ensino discutir outras referências linguísticas que não aquelas manifestadas nos compêndios gramaticais, ressalta que

O ensino das formas padronizadas conservadoras não pode vir acompanhado da atitude tradicional da escola de negar todo e qualquer valor às regras não-padrão, de despejar uma enorme carga de preconceito contra as opções sintáticas mais antigas ou mais inovadoras da língua, acusando elas de serem 'feias', 'erradas', 'estropiadas'. Vamos acrescentar, aumentar a bagagem linguística de nossos alunos, e não suprimir o que eles já sabem, as regras gramaticais que já dominam e que respondem às suas necessidades de comunicação, expressão e interação. (p.158)

Ora, a instituição escolar, como síntese de uma sociedade plural, lugar para onde confluem inúmeras realidades sociais, econômicas e culturais, deve, sem dúvida, ser capaz de possibilitar espaços para a consolidação das práticas linguísticas identificadas nos jornais do segmento popular da imprensa, pois esses, ao se utilizarem de expressões, vocábulos ou formatos linguísticos comuns entre as camadas sociais mais desfavorecidas, possibilita a compreensão de que esse falar, essa linguagem existe e deve ser respeitada.

É evidente que o jornal tradicionalmente é visto como um instrumento comunicativo em que a linguagem usual é aquela marcada pela variante de prestígio da língua, sem os registros coloquiais e populares. Por isso, inclusive, que, embora tantos outros Meios de Comunicação façam uso de uma linguagem mais despojada e informal, os jornais impressos acabam repercutindo mais intensamente a linguagem que utilizam.

Nesse contexto, os impressos populares caminham na contramão, realizando o importante papel de destacar, pelas razões já expostas, um padrão de linguagem que, além de tudo, marca a presença de um falar despojado, informal e coloquial, tal como aquele que é comum nas comunidades periféricas onde esses jornais circulam.

Por essa razão, acreditamos que a escola, como grande propagadora e disseminadora pode (e deve) avançar, não somente por conta da realidade marcada por essa categoria de jornais, mas ciente de que vivemos em uma sociedade em que os registros linguísticos são diversos e múltiplos, no diálogo sobre as diversas formas de expressão existentes.

Essa tomada de posição – é bem possível – fornecerá elementos para que tenhamos novas perspectivas na reflexão sobre a Língua Portuguesa que não aquelas que se resumem ao “certo” ou ao “errado”, tendo por base os ditames da Gramática Tradicional. Sendo assim, num prognóstico bem otimista, poderíamos, em médio e longo prazo, vislumbrar compreensões mais amplas sobre as práticas linguísticas dos jornais populares.

Contudo, para que essa realidade seja viabilizada, a escola precisa, a partir de um processo contínuo, que vai desde a revisão de seu projeto pedagógico até uma nova concepção dos planos de aula dos professores, ser protagonista da mudança de comportamentos acerca da linguagem encontrada nos diversos espaços de comunicação popular, situação que pode implicar uma revisão de posturas sociais pouco recomendáveis e sobre as quais ainda vamos tratar neste capítulo.

Evidentemente essa tomada de postura não é um processo fácil e pacífico, pois historicamente a escola é vista como o espaço onde a "língua correta" é transmitida e praticada. E aqui cabe um registro importante: a proposta que se apresenta, de ampliação dos estudos linguísticos, não se presta, em nenhum momento à desconsideração das variantes de prestígio do idioma, mas na democratização do acesso a elas.

Nesse cenário, os jornais populares atuam como peças fundamentais, pois, querendo ou não, marcam a posição de uma construção linguística destoante da variante padrão. Os registros de expressões e ditos populares, bem como os termos comumente usados nas comunidades periféricas (não só nelas, é preciso que se diga) dão o claro recado de que existe vida linguística fora da Gramática, uma vida que tem sua gênese, sua base, suas referências. Sendo assim, qual seria a contribuição efetiva da Escola?

Primeiramente, a Escola, para onde demandam uma infinidade de realidades sociais e, especialmente linguísticas, deve se dar conta da sua capacidade de possibilitar o diálogo de tais realidades, não atuando somente no sentido restrito do julgamento linguístico, o qual impõe a variante padrão como única e exclusiva referência, fora da qual tudo é considerado erro.

Sobre essa questão, importante desfazer um entendimento sem precedentes de que a Sociolinguística, ao oferecer caminhos para um estudo diferenciado das práticas de linguagem, intenciona a máxima de "tudo pode". Nesse particular, BAGNO (2003) ressalta que

É absurdo e falso afirmar que os linguistas não se preocupam também com o ensino da língua falada e escrita mais monitoradas. Além disso, embora sejamos obrigados a reconhecer, numa retrospectiva histórica, que a norma-padrão tem uma origem sim "elitista e coercitiva", também sabemos que esta norma-padrão é objeto de desejo e tem um valor simbólico muito grande na sociedade. E os linguistas são os primeiríssimos a reconhecer isso (p.184)

Do registro acima, podemos, sem mais digressões, destacar que não se pretende aqui defender que a Escola abandone o ensino da variante de prestígio da Língua Portuguesa, mas tão somente que se dê conta e trate de outras variações presentes em diversas situações de comunicação, inclusive aquelas advindas dos impressos populares.

Esse entendimento apontaria, possivelmente, para uma democratização das práticas linguísticas e poderia se configurar como uma iniciativa de empoderamento, por parte das classes mais desfavorecidas, da linguagem praticada por aqueles que, historicamente, puderam ter acesso às referências do idioma-padrão.

SOARES (1996), ao tratar dessa perspectiva, é enfática ao dizer que

Um ensino da língua materna comprometido com a luta contra as desigualdades sociais e econômicas reconhece, no quadro dessas relações entre a escola e a sociedade, o direito que têm as camadas populares de apropriar-se do dialeto de prestígio, e fixa-se como objetivo levar os alunos pertencentes a essas camadas a dominá-lo, não para que se adaptem às exigências de uma sociedade que divide e discrimina, mas para que adquiram um instrumento fundamental para a participação política e a luta contra as desigualdades sociais (p.78)

Aparentemente dissonante do que ora discutimos, na verdade a manifestação de SOARES (1996) reforça o caminho que traçamos, qual seja o de pleno reconhecimento das realidades linguísticas existentes (inclusive do alunado) e a necessidade de possibilitar, a partir desse prisma, o acesso a outras formas de linguagem, inclusive o dialeto padrão, o qual, por vezes, é referenciado para se ratificar o preconceito com formatos linguísticos diferenciados.

Por importante, ainda nessa esteira, BAGNO (2011), ao tratar dos preconceitos que envolvem a linguagem popular, tida como erro, por vezes, reforça que

A nova postura teórica e prática consiste em procurar conhecer as regras que estão levando os falantes da língua a usar X onde se esperaria Y, identificar essas regras, descrevê-las, pesquisas explicações científicas para elas, e, se possível, apresentá-las aos alunos. (p.152)

Ou ainda quando se manifesta nestes termos

Algumas pessoas me dizem que a eliminação da noção de *erro* dará a entender que, em termos de língua, *vale tudo*. Não é bem assim. Na verdade, em termos de língua, *tudo vale* alguma coisa, mas esse valor vai depender de uma série de fatores. Falar gíria vale? Claro que vale: no lugar certo, no contexto adequado, com as pessoas certas (...) Usar a língua, tanto na modalidade oral como na escrita, é encontrar

o ponto de equilíbrio entre dois eixos: o da adequação e o da aceitabilidade. (p.154)

Como vimos destacando até aqui, uma compreensão mais adequada da linguagem praticada na imprensa popular só será possível se observamos todas as nuances e circunstâncias que implicam a constituição dessa linguagem. Agindo a essa maneira, qualquer pessoa poderá entender que nos jornais desse segmento não proliferam, aleatoriamente, manifestações linguísticas que representam o erro.

O que haveria, efetivamente, seria o legítimo uso de expressões, registros e formas linguísticas apropriadas para a situação comunicativa que ali se apresenta. Um olhar mais apropriado vai, sem dúvida, repercutir esse entendimento, sendo a escola importante precursora dessa percepção.

Assim sendo, num primeiro momento, valioso é o reconhecimento de que existem realidades linguísticas diversas, as quais precisam ser respeitadas e refletidas, considerando as respectivas realidades da comunicação. Neste contexto, o pensamento sobre a produção de linguagem nos impressos populares poderia servir ao estudo da própria Linguagem, compreendendo um aspecto importante que é o de aceitabilidade.

Sim, pois, a questão central, ao que nos parece, está no nível de aceitabilidade da linguagem usual dos produtos populares. O reconhecimento de que ali há uma prática linguística que coaduna com os propósitos, com o público e com a própria natureza do jornal, deve ser anotado como algo primordial a ser atingido.

Noutra ponta, acredita-se que a escola, como agregadora de múltiplas realidades, deve ser, agora e sempre, capaz de dialogar com outras facetas da língua que não aquelas historicamente conhecidas, modificando comportamentos e revendo estratégias arraigadas relativas ao ensino do idioma. Fazemos algumas considerações sobre isso.

3.2 REPENSAR O PROJETO DE ESTUDO DA LÍNGUA NAS ESCOLAS

Um simples olhar sobre os planos de curso e de aula nas escolas tradicionais vão nos ajudar a ter a exata noção sobre as abordagens feitas sobre as questões relativas à Língua Portuguesa. As instituições de ensino apontam, em sua maioria, para o domínio da variante formal da língua e suas especificidades, tendo por suporte as normas gramaticais.

Raras são, de fato, as iniciativas que ampliam as discussões inerentes à linguagem informal, coloquial e popular, as quais são tratadas, na maioria das vezes, como confronto à norma padrão e, conseqüentemente, tidas como desvios e erros.

Nessa perspectiva, vislumbramos que a presença, nos espaços escolares, de produtos com outras referências linguísticas que não sejam a formal, é quase nenhuma, pois não há rotinas apontando para um estudo ampliado da linguagem, enquanto representação humana, enquanto representação social.

Por esse motivo, faz-se necessário, tendo em vista que a escola é, ao mesmo tempo, agregadora de realidades e multiplicadora de impressões sobre o mundo, uma reconfiguração dos estudos relativos à linguagem nas instituições de ensino. Esse novo quadro, cujos primeiros sinais devem ser notados no planejamento escolar, também deve possibilitar, por essencial, o surgimento de estudantes capazes de reconhecer, entender e refletir a infinidade de realidades linguísticas existentes no ambiente.

Essa capacidade, conseqüentemente, favorecerá, de um lado, a resistência a comportamentos preconceituosos que ainda são frequentes em diversos contextos, bem como possibilitará um novo entendimento sobre os objetivos da imprensa popular.

Atina-se que, ao desenvolver uma nova compreensão sobre a linguagem praticada nos jornais populares, os estudantes possam também redimensionar seu entendimento acerca de tais periódicos, os quais, como exaustivamente já apontamos, são representativos de uma série de fatores congregados que atuam para sua existência.

Mas além da mudança nos planejamentos curriculares, quais outros caminhos poderiam ser seguidos pela escola, no propósito de reconhecer a legitimidade da linguagem e das abordagens realizadas pelos impressos populares?

SOARES (1991) ao tratar sobre os estudos de linguagem nas escolas chama atenção para dois aspectos significativos:

O primeiro dá conta de que há, por vezes, uma desvinculação do ensino da língua da realidade vivida pelos estudantes. Nesse particular, ela reitera ser "inadmissível deixar de vincular o ensino da língua materna às condições sociais e econômicas de uma sociedade" (p.78).

O outro aspecto, não menos relevante, é aquele em que há a compreensão da escola como espaço de promoção popular, ou seja, de valorização das camadas sociais menos favorecidas, de forma a diminuir, segundo ela, os gigantescos distanciamentos existentes

entre os mais privilegiados econômica e socialmente e aqueles que, do ponto de vista histórico, político, dentre outros, estão posicionados à margem das oportunidades.

A proposta de SOARES (1991) harmoniza com as bases da imprensa popular, a qual se presta ao papel de evidenciar - apelando às sensações ou não - as realidades vividas pelos mais desfavorecidos. Dentre essas realidades, marcadas por demandas de toda ordem (segurança, saúde, educação), há a realidade linguística, rica em nuances e simbolismos, e incompreendida pelas instituições de ensino.

Sendo assim, cabe à escola repensar seu fazer pedagógico e avançar no novo entendimento sobre a reflexão linguística, a qual supere as barreiras impostas pelo mero estudo das normas e possibilite outros horizontes. GERALDI (1996), ao tratar desse processo assevera que

No processo pedagógico, não se trata de substituir uma variedade por outra (porque uma é mais rica do que a outra, porque uma é certa e outra errada etc.), mas se trata de construir possibilidades de novas interações dos alunos (entre si, com o professor, com a herança cultural), e é nestes processos interlocutivos que o aluno vai internalizando novos recursos expressivos, e por isso mesmo novas categorias de compreensão do mundo. Trata-se, portanto, de explorar semelhanças e diferenças, num diálogo constante e não preconceituoso entre visões do mundo e modos de expressá-las (p.69)

Desta feita, não haveria (e não há) razão para a notável desconsideração das abordagens sobre a linguagem praticada nos jornais populares. É salutar que esses produtos estejam nas salas de aula, que compõem a leitura dos alunos, pois, como bem nos destaca GERALDI (1996) ampliam nossa capacidade de ver e interpretar o mundo.

Disseminar o entendimento - na maioria das vezes velado - de que a imprensa popular expressa através de suas páginas uma construção linguística simplesmente pobre, coloquial e desqualificada é algo que, urgentemente, precisa ser superado, pois essa postura não leva em conta que as referências de linguagem lá manifestadas são aquelas partilhadas e vividas por grande parte dos discentes de nossas escolas.

Além disso, corresponde a um procedimento que não leva em consideração que as abordagens dos jornais populares, sejam das notícias policiais, comunitárias e até esportivas têm grande relação com os ambientes nos quais os alunos estão inseridos, portanto não

correspondem a uma construção ficcional, mas verossímil, o que, sem dúvida, deve ser abordado na escola.

Assim sendo, chegamos à compreensão de que o papel das instituições de ensino é decisivo, numa ponta, para ampliar as iniciativas já existentes sobre um entendimento ampliado da linguagem dos produtos populares, e noutra, para possibilitar uma reflexão social da própria escola e de seu público acerca das realidades apontadas e evidenciadas nos jornais e na imprensa popular como um todo.

Desconsiderar esses cenários é, sem dúvida, não permitir que tais questões habitem o cotidiano das pessoas também nas instituições de ensino, onde, ao que parece, realidades virtuais são tratadas como prisma, o que, de alguma maneira, precisa ser revisto.

3.3 REVISITANDO O PROCESSO COMUNICACIONAL: FAZENDO O DEVER DE CASA.

Após entender quais as contribuições que a escola pode trazer para uma aceção mais ampliada acerca dos impressos populares, entendemos ser fundamental discutir também como a própria Teoria da Comunicação pensa e reflete a imprensa popular. Nessa perspectiva, duas questões são significativas: há interesse e espaço para essa faceta da imprensa nos estudos comunicacionais? Qual o pensamento existente sobre os produtos populares?

De pronto, registra-se que a fórmula matemática da Comunicação - a qual concebia o processo comunicacional a partir da figura do emissor, responsável pela elaboração de uma mensagem, cujo teor seria decodificado por um receptor - não encontra mais guarida nos estudos contemporâneos na área da Comunicação.

Esse pensamento linear, carente de sustentação na própria essência, desconsidera aspectos substanciais quando se pensa o processo comunicacional, dentre os quais as noções de que qualquer prática comunicacional acontece em determinados contextos, envolvendo ambientes específicos, atores diversos e uma cultura que implica e influencia a produção e a própria Comunicação.

Essa noção, amplamente destacada no primeiro capítulo deste trabalho, leva em consideração a ideia de que os produtos comunicacionais (e não só eles), por serem resultado da interação, concomitante ou não, de uma série de fatores, precisam ser pensados

a partir da observação e análise desses elementos, visto que são múltiplos em sua constituição.

No caso da imprensa popular, a conjugação das experiências advindas do ambiente, do público, bem como do próprio cenário comunicacional é ainda mais evidente, pois a natureza local dos impressos populares faz com que as realidades circundantes, o falar circundante, o pensamento circundante estejam massificados nos jornais desse segmento.

Assim, pensar os jornais populares, sem considerar a sua natureza ecossistêmica, seu simbolismo e seus sentidos (inclusive discursivos), é um pensar caduco, unilateral, carente da noção essencial de que eles são constituídos por teias diversas. A desconsideração desse processo, a propósito, é que possibilita compreensões meramente esquemáticas de tais impressos, no que precisamos avançar.

BARBERO (2008) em trabalho sobre a cultura de massa, a partir do tripé: Comunicação, Cultura e Hegemonia, nos traz um significativo sinal sobre como a imprensa popular é vista pela Teoria da Comunicação. Na visão dele,

Dentre os meios de comunicação, a imprensa é o que conta com a historiografia mais vasta, não só por ser o mais antigo de todos, mas também por ser aquele no qual o grupo dos escritores da história se reconhece culturalmente. **Histórias da imprensa que obviamente só estudam a "imprensa séria", e que, quando se aproximam da outra, a imprensa marrom ou sensacionalista, fazem-no em termos quase que exclusivamente econômicos, em termos de crescimento das tiragens e da expansão publicitária.** Como se pode falar em política, e ainda por cima em cultura, relativamente a jornais que, segundo tais histórias, não passam de negócio e escândalo, aproveitamento da ignorância e dos baixos instintos da massa? (p.246, grifei)

Ele registra o que nos parece um pensamento bastante presente nos estudos comunicacionais, qual seja o de que a imprensa popular não desperta interesse de estudos e pesquisa, por conta de simplesmente representarem "negócio, escândalo, aproveitamento da ignorância e dos baixos instintos da massa".

É evidente que BARBERO (2008), o qual desenvolve importante trabalho de valorização da cultura popular e da cultura de massa, inclusive no processo comunicacional, contribui para a necessidade de revisão de um comportamento preconceituoso, bastante velado, acerca dos jornais populares. Ao tratar do surgimento e da proliferação desse

segmento da imprensa no Chile, o autor ressalta, tratando sobre o *Clarín*, fundado em 1954, que

Nesse jornal, ficará claro que a questão da mudança da linguagem jornalística não remete nem se resume à cilada armada para capturar seu público, mas sim que ela responde à busca de conexão com outras linguagens que circulam marginalizadas na sociedade. Neste sentido é que se deve ler a caricatura de diferentes falas dos grupos sociais e a transposição do discurso desde a reportagem policial até a política. (p.249)

Ora, ao optar por uma linguagem próxima do público das classes menos favorecidas social e economicamente, os jornais populares não o fazem, é fato, somente no intento de garantir maior comercialização, mas no fito de estabelecer diálogo com as realidades de que tratam e com as quais estão em contato. Nada mais natural. Nesse sentido, salutar recorrer aos postulados da Semiótica da Comunicação, pois reforçam as afirmações que aqui apresentamos. COELHO NETTO (2010), citando Richard DAMARCY (1973) ao tratar da natureza do signo lembra que

o isolamento de um signo e a leitura de seu significado somente se apresentam possíveis ao relacionar-se o signo com a sociedade, apenas podem verificar-se quando o signo for lido a partir da sociedade (...) é ela que propõe a leitura do sentido como algo a ser feito dentro da obra, dentro do texto oferecido, nos limites da relação ou combinação do signo com os signos vizinhos (p.47)

Ora, os jornais populares, como signos que são, igualmente só podem ser observados a partir dos relacionamentos que impositivamente têm. Relativizar ou desconsiderar a existência de outros elementos que concorrem para sua existência é, como reiteradamente manifestamos, analisar tais produtos de forma parcial.

Afora isso - e nos limites da Semiótica da Cultura esta questão se mostra eminente - é preciso levar em consideração o que DEMARCY (1973) chama de leitura transversal, a qual

fugindo do universo fechado da obra, a extração do signo é seguida pelo relacionamento deste com a cultura e a

sociedade que o engendram, examinando-se o lugar e a função por ambas atribuídas ao signo. Esta operação equivaleria ao ato de encontrar "a dimensão profunda do signo", "seu peso histórico". Nesta visão, um signo só tem significado através da sociedade e de sua história; é esta que se infiltra no signo, e é dela que o signo retira sua carga de denotação ou conotação. (p.47)

A exemplo do que diz o estudioso, temos insistido, desde o início, que o processo comunicacional deve ser refletido a partir de uma diversidade de teias que atuam para sua caracterização. Sendo assim, a ideia de que a Comunicação é uma nuvem isolada, num céu à parte, que não sofre interferências de nenhuma ordem, é um conceito que, felizmente, tem sido revisto.

Neste cenário, a imprensa popular contribui para reforçar o pensamento de que as práticas comunicacionais têm caráter múltiplo, correspondem e são resultado de operações diversas que não podem ser explicadas exclusivamente no jornal popular, pois estão para além dele, visto que os mesmos se constroem a partir de referenciais do ambiente, da cultura, dos costumes, da realidade com os quais convivem. E esses relacionamentos devem ser parte da reflexão sobre os jornais do segmento popular.

Mas, efetivamente, qual o espaço do popular nos estudos da Comunicação? Em que sentidos é preciso avançar para que tenhamos outras percepções relativas a essa imprensa?

No livro do XIII Congresso da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS, PRYSTHON (2004) em artigo intitulado "Os Conceitos de Subalternidade e Periferia nos Estudos do Cinema Brasileiro" desenvolve uma abordagem sobre a presença das periferias e suas referências em três filmes brasileiros (Cidade de Deus, Madame Satã e Amarelo Manga). No texto, ela nos situa o lugar do popular em diversas representações culturais. Para a autora,

Um panorama rápido dos últimos anos nos mostra que os produtos culturais brasileiros de maior relevância, proeminência midiática ou impacto público **estão, em maior ou menor grau, relacionados com as transformações culturais e, mais especificamente, com o redimensionamento da ideia de periferia e de subalternidade.** As conexões periféricas e subalternas da cultura brasileira podem ser percebidas muito claramente em várias áreas como a música, a literatura, as artes plásticas, a televisão, o teatro, etc. (p.237, grifei)

Pactuando com o que registramos no capítulo anterior desta Dissertação, PRYSTHON (2004) enriquece o debate acerca da presença do popular, da periferia e de personagens-parte desses espaços em diversas representações. Neste contexto, ao analisar elementos estéticos, tecnológicos e visuais na feitura dos três filmes registrados, ela fala da importância de que abordagem da periferia e da subalternidade tenha critérios de verossimilhança.

Na análise do filme "Amarelo Manga", o qual teria qualidades importantes nessa observação do periférico, PRYSTHON (2004) registra que

Amarelo Manga consegue possivelmente representar o subalterno numa direção menos marcada por preconceitos (positivos e negativos), oferece personagens mais autônomos, tanto em relação a uma versão condescendente, quanto a uma tradução depreciativa do subalterno (...) A diferença e, no caso dos filmes analisados aqui, a identidade subalterna, periférica, marginal, tornam-se peças constitutivas da tentativa de integração ao modelo capitalista global, especialmente em relação aos bens culturais. (p.246)

O que presenciamos aqui é o entendimento de que as classes populares, através de suas várias representações, passam a ocupar espaços e compartilhar suas realidades. Aliás, essas realidades deveriam interessar aos diversos componentes culturais e comunicativos, dentre os quais a imprensa escrita. Daí termos reiterado que as manifestações populares estão, notavelmente, presentes em vários nichos como o rádio, a televisão e também os jornais.

Neste sentido, torna-se importante discutir qual o olhar, ou os olhares, que são dispensados à imprensa popular, a qual, ainda hoje, parece um "corpo estranho". Em programa realizado no dia 14 de abril de 2009, o *Observatório da Imprensa* discutiu os rumos dos jornais populares no Brasil. Um dos mediadores, o jornalista Alberto Dines, ao apresentar reflexão sobre tais periódicos apresenta duas questões fundamentais. Para ele,

a melhoria do transporte de massas e a estabilidade da moeda a partir de 1995 acionaram um processo de ascensão social do qual se beneficiaram muitos setores da economia, principalmente a indústria jornalística, entretanto o "deslumbramento" com o modelo de imprensa popular não

deve esconder as preocupações com a chamada "imprensa de qualidade" (2009)

O jornalista, de um lado, ratifica a presença dos produtos populares especialmente nas últimas duas décadas no Brasil. Neste particular, os registros feitos no início do capítulo anterior reforçam que tais produtos não são uma novidade e se confundem com a ocupação dos espaços urbanos, bem como com o processo de industrialização dos mesmos, não só por aqui, mas no mundo inteiro.

Todavia, o sucesso econômico brasileiro, experimentado com o advento do Real, implicou a efervescência da imprensa popular, através da qual são evidenciados temas de natureza local e social - e aqui de fato ainda ressoam os casos policiais como carro-chefe -, mas também abordagens que superam a editoria de polícia e de comunidade.

A realização de manifestações populares em todo Brasil, nos últimos dois anos, mereceram de todos os periódicos populares de Manaus atenção e repercussão em suas capas e reportagens. É claro que tais protestos também ocorreram na capital amazonense, mas a abordagem sobre eles supera o estigma, só para ficar neste exemplo, de que a imprensa popular reduz-se à simplória cobertura de casos policiais.

Mas, retomando o trecho final da manifestação do jornalista Alberto Dines, quando o mesmo fala da necessidade de manter a chamada "imprensa de qualidade", temos uma questão importante a ser discutida: onde estão parametrizadas as diretrizes da boa imprensa? Quem define ou estabelece os critérios para que um jornal, uma revista, um programa de TV seja considerado de "qualidade"?

A resposta, de pronto, é realmente complexa e se prestaria a uma série de reflexões. SANT'ANNA (2008) ao tratar do futuro dos jornais tradicionais num diálogo com jornalistas da *Folha de São Paulo*, do *Estado de São Paulo* e também de *O Globo* chama atenção para uma questão significativa nesse processo da qualidade jornalística. Segundo ele,

Como Sandro Vaia, Otávio Farias Filho também acredita também que os jornais devem ser aproximar da "vida real do leitor". Ainda assim, ele rejeita o "atendimento cego" às demandas dos leitores, porque "tende a desfigurar a identidade do veículo ao longo do tempo", e isso seria prejudicial "não só sob o prisma do conceito de jornalismo", mas também a longo prazo, para o próprio desempenho econômico do país. (p.159)

Além disso, ele registra que é "com mais qualidade que os jornais devem enfrentar a concorrência e a queda de leitura". Como vemos, até se considera que a imprensa tradicional deve caminhar para uma aproximação do leitor, de tratar de suas demandas - como faz a imprensa popular - mas "sem perder a qualidade". Mas continuamos a perguntar: o que seria uma imprensa de qualidade?

Num esforço de apresentar alguns cenários a serem observados pelo jornalismo popular, na intenção de reforçar sua presença na sociedade, AMARAL (2011) destaca o que chama de "Caminhos para a Popularização", dentre os quais: o Conhecimento do Leitor, Mudanças de Ponto de Vista, Vigilância da Linguagem, Adequação do Projeto Gráfico, Edições de Boas Capas e Títulos Informativos e Utilidade para o Leitor. Desses "caminhos", dois aspectos merecem considerações.

No que diz respeito à "Mudança de Ponto de Vista", AMARAL (2011) ressalta a importância dos jornais populares diversificarem sua cobertura, ampliando o repertório temático e apontando para um leitor que passe a se envolver com as questões tratadas, sendo participe das mudanças necessárias da sua realidade, do que compartilhamos.

Todavia, há um sentido que não pode se perder, qual seja aquele da abordagem da imprensa popular que traduz um lugar, uma realidade, práticas específicas. Fugir desse enfoque configuraria, em alguma instância, perder a essência da imprensa popular, a qual nos esforçamos até aqui para caracterizar e justificar. Nessa perspectiva, AMARAL (2011) é razoável em dizer que

O ponto de vista das temáticas abordadas pelos jornais populares é outro porque o lugar econômico, social e cultural do leitor é diferente do lugar dos jornais de referência. O leitor das classes C e D vive com menor renda, tem baixa escolaridade, depende do sistema público de educação e atendimento à saúde e não tem acesso à maioria das programações culturais. (p. 110)

O simples entendimento desse cenário seria suficiente para entender o objetivo deste texto, cujo foco é compreender a natureza dos jornais populares, os quais são marcados por uma didática, uma pedagogia, uma configuração e uma feitura peculiares que só poderão ser

compreendidos a partir de um “olhar de dentro”, olhar esse que dê conta de todos os fatores que atuam para sua existência.

É natural – e até salutar – pensar a imprensa popular avançando em outras frentes, desenhando e favorecendo outros caminhos, implicando, como menciona SANT’ANNA (2008) a saída das comunidades periféricas, populares de certos isolamentos que, efetivamente, são reais. Mas a pergunta fundamental é: falta qualidade aos jornais populares, em razão da abordagem que realizam?

Se pensarmos a questão da qualidade como aquilo que se presta ao uso de linguagem padrão, a abordagens de temas relativos à economia, à cultura e à política, por exemplo, além de uma contenção informativa, de fato os produtos populares poderiam ser pensados como algo a ser “qualificado”.

Contudo, tendo em vista todas as manifestações feitas até este momento, importa-nos reiterar que a imprensa popular configura-se a partir de propósitos e referências absolutamente distintas da imprensa tradicional, o que individualmente já explicaria o formato que apresenta. Neste sentido, uma eventual discussão sobre a questão da qualidade desse segmento do jornalismo impresso deveria considerar a natureza dos jornais populares e toda teia de elementos que eles conjugam.

Entendemos que qualquer análise fora desse contexto não colaboraria para uma compreensão mais conjuntural da imprensa popular, a qual – antes de uma cobrança antecipada – tem sim outros horizontes a vislumbrar.

3.4 A RECONSTRUÇÃO DE ESPAÇOS E REFERÊNCIAS NA IMPRENSA POPULAR

Um simples olhar nos diversos lugares da cidade de Manaus, das periferias às regiões centrais, vai encontrar facilmente os jornais populares. Nos ônibus, nas lojas, nas construções, nas escolas, os periódicos do segmento popular da imprensa são presença cada vez mais efetiva. A ampliação da circulação de tais produtos aponta para uma perspectiva social notável: as práticas de leitura entre pessoas das classes C e D.

Ainda carente de pesquisas quantitativas e especialmente qualitativas, essa realidade, entretanto, não pode ser desconsiderada: operários, donas de casa, vendedores, ambulantes desenvolvem leituras a partir dos conteúdos expressos nos jornais populares. Isso que

podemos chamar de democratização da leitura merece, futuramente, uma abordagem específica e ampliada.

Neste turno, considerando que essa categoria de jornais chega a um contingente significativo de pessoas, acreditamos ser importante que os referidos impressos possam restabelecer seus espaços e suas referências. Não para atender a algum “padrão de qualidade”, mas para garantir sua perenidade e a representatividade social que têm.

Além das práticas de interação com o leitor, de cobertura do noticiário local, de valorização das realidades circundantes, acreditamos que os jornais populares podem avançar no oferecimento de informações e conteúdos que impliquem um aumento do repertório sociocultural do seu público-leitor.

Essa perspectiva, longe de ser contrária ao que vimos destacando ao longo desta dissertação, propõe-se ao dinamismo que marca o próprio processo comunicacional. Com o advento da internet, da informação em tempo real, as manifestações narrativas que hoje dão conta da cobertura jornalística na imprensa popular não serão mais suficientes.

Sendo assim, a reconfiguração das abordagens realizadas pelos jornais populares apresenta-se como iminente. Em Manaus, o jornal “Dez Minutos” até bem recentemente apresentava em suas primeiras páginas textos de articulistas, em sua maioria políticos, é verdade, mas também de escritores e pesquisadores de várias áreas. Essa estratégia, se retomada, serviria ao propósito há pouco destacado.

Numa realidade marcada pela concorrência, pela diminuição do número de leitores dos impressos tradicionais e também do tempo gasto com a leitura de jornais, cabe igualmente aos impressos populares uma autorreflexão acerca de suas rotinas, do seu formato e de suas abordagens.

Isso não significa reconsiderar sua natureza, a qual, como bem ratificamos, é marcada por uma gama de elementos, cuja junção explica sua existência, mas aponta para a necessidade dos impressos populares acompanharem a evolução social, as mudanças contemporâneas, cujas implicações atingem frontalmente o tempo das pessoas.

Sobre essa questão, a propósito, ao discutir o redimensionamento dos jornais tradicionais, SANT’ANNA (2008) destaca a fala do jornalista Otavio Farias Filho, o qual lembra que há uma tendência dos jornais de perderem “massa de texto”. Para ele,

É uma cultura visual, pela lei do menor esforço. As pessoas não têm tempo, não têm paciência, O hábito adquirido de

fazer o tipo de leitura mais tradicional, a figura clássica do sujeito que, na hora do café da manhã, pega os jornais e vai ler meticulosamente página por página, e vai gastar duas horas, duas horas e meia lendo o jornal, não existe mais, ou pelo menos está reduzida a um contingente minguante de leitores (p.152)

É fato que os periódicos populares já direcionam seu formato para uma leitura rápida, a qual possa ser realizada no intervalo do almoço ou na viagem de ônibus até o trabalho. Todavia a simples adequação dos jornais às rotinas dos leitores não é suficiente para que tais produtos tenham sua permanência no mercado ratificada.

Neste cenário, acreditamos, repercutindo as proposituras de AMARAL (2011) que os impressos desse segmento podem avançar em duas questões primordiais: primeiramente aquela em que se possibilitaria ao leitor uma ampliação de suas referências culturais. Hoje os jornais populares resumem sua atuação neste campo a noticiar eventos, shows e programações dos cinemas. A simples realização de matérias que pudessem evidenciar elementos de cultura geral já seria um ganho significativo.

Afora isso, a cobertura de manifestações culturais periféricas, das comunidades locais poderia favorecer um processo de resgate dos costumes e práticas locais. Como exemplo desta questão, podemos lembrar o Festival Folclórico do Amazonas, o qual na última década tem perdido espaço e importância no cenário da cidade de Manaus. A atuação da imprensa popular poderia ser no sentido de discutir, refletir e evidenciar a importância dessa manifestação folclórica que perpassa a capital amazonense por mais de cinco décadas e tem ficado no ostracismo.

A outra questão significativa – e aí claramente há outros componentes a serem considerados – seria o avanço na discussão política. Uma maior cobertura dos fatos políticos, da reflexão em torno de diversas perspectivas que colaborem para uma tomada de posição do leitor-eleitor poderia implicar mudanças substanciais no quadro político hoje existente. Em Manaus, o jornal “Dez Minutos” destaca informações sobre a atuação do legislativo municipal e estadual, ressaltando a atuação de alguns parlamentares e nuances na atuação desses poderes.

Contudo, tal cobertura ainda é limitada ou direcionada a determinadas abordagens, assim como na imprensa tradicional, considerando que o Poder Público é anunciante ou tem certa gerência sobre a atuação dos jornais. É uma questão rica em detalhes e mote para

pesquisa específica, certamente. O fato é que destacar temas de feição política com maior ênfase e com textos mais atrativos pode sim trazer frutos sociais substantivos.

Além desses dois aspectos, a imprensa popular – sem perder suas referências – pode galgar novos espaços, ampliando sua relação com o leitor, de forma a fazê-lo refletir sobre o lugar que ocupa e as possibilidades de evolução. Nesse sentido, AMARAL (2011) pondera, ao tratar das realidades registradas nos jornais populares, que

Muitos personagens realmente são excluídos sociais, mas é possível posicioná-los no periódico como pessoas que têm direitos e que podem ter uma voz ativa na crítica ao *status quo*. Os jornais são um importante meio de mostrar à sociedade como essas pessoas podem ser elevadas à condição de cidadãos (...) Nessa perspectiva, ser didático e agregar prestação de serviço é sempre interessante. É preciso tomar cuidado para que as matérias não reforcem a exclusão e a marginalização, nem culpe as pessoas pela sua miséria ou pobreza. (p.124)

Neste particular, compartilhamos do posicionamento de que os periódicos populares podem colaborar para que as comunidades onde circulem passem a desenvolver uma autorreflexão sobre suas condições, de forma a possibilitar encaminhamentos que as façam ter garantidos direitos sociais básicos, os quais, por vezes, são reclamados nas páginas dos próprios jornais.

Para atingir tal objetivo, os impressos populares, além de tratarem das questões que atingem frontalmente a população – o que já o fazem - poderiam agir de maneira a fortalecer nela o protagonismo necessário para a mudança do quadro social, político e econômico desfavorável que, invariavelmente, enfrentam.

Agindo assim, os jornais estabeleceriam uma espécie de parceria com seus leitores e reforçariam o papel de representatividade dos mesmos, conforme destacamos em trechos anteriores deste texto. Esse perfil, afora possibilitar a notabilidade aos problemas vividos pelos leitores, seria componente fundamental para que esses reconhecessem o papel decisivo que têm na mudança das realidades circundantes.

3.5 O DESINTERESSE PELA PESQUISA ACERCA DA IMPRENSA POPULAR

Há quase uma década os jornais populares voltaram a ocupar os espaços da cidade de Manaus. Considerando que o Maskate, outro impresso popular - este com grande carga sensacionalista - já circula na capital amazonense por muito mais tempo, podemos dizer que não são produtos novos. O jornal Dez Minutos, por exemplo, já superou a casa das duas mil edições. Entretanto, qual o interesse pela pesquisa sobre o tema?

Uma simples pesquisa na rede de computadores vai nos apresentar, de fato, uma quantidade expressiva de discussões sobre o tema, inclusive com abordagens diversas. A propósito, o livro “Jornalismo Popular”, que traz inúmeros subsídios para esta dissertação é um exemplo dessas abordagens.

Entretanto, chama-nos à atenção o número reduzido de pesquisas realizadas nesta região sobre a temática. Uma ou outra iniciativa registrada e disponível na internet trata da imprensa popular e suas implicações. Tendo em vista que são produtos jornalísticos cada vez mais presentes nos espaços sociais, inclusive superando as fronteiras das periferias, é intrigante verificar que não haja uma profusão de debates e pesquisas sobre a temática.

Continuamos a notar um grande interesse de abordagens relativas a outros meios de comunicação de massa, como a televisão, o rádio e, em especial, a internet, com um sem número de pesquisas sobre as redes sociais, as novas tecnologias e plataformas digitais, as quais, indubitavelmente, têm grande apelo social. Nem nos cursos de Letras no Estado do Amazonas, cujo trato com a linguagem e suas variadas dimensões é maior, anotamos o desenvolvimento de ações que levem em conta a existência e a circulação dos impressos populares.

Dessa realidade, podemos atinar dois aspectos, ambos preocupantes: o primeiro é que, embora de forma não manifesta, há uma desaprovação das abordagens e da linguagem utilizada nos jornais populares, o que implicaria a escassez de pesquisas neste campo; o segundo, não menos significativo, é que a imprensa popular representaria um incômodo social, em razão das realidades que apresenta através de suas páginas.

Ao tratar da imprensa sensacionalista, ANGRIMANNI (1995), destaca MARCONDES FILHO (1986), o qual entende que esse tipo de jornalismo

“não se presta a informar, muito menos a formar. Presta-se básica e fundamentalmente a satisfazer as necessidades

instintivas do público, por meio de formas sádica, caluniadora e ridicularizadora das pessoas. Por isso, a imprensa sensacionalista, como a televisão, o papo no bar, o jogo de futebol, servem mais para desviar o público de sua realidade imediata do que para voltar-se a ela, mesmo que fosse para fazê-lo adaptar-se a ela” (p.15)

Sem aprofundar a discussão sobre a fala de MARCONDES FILHO (1986), tendo em vista que encaminhamos as últimas reflexões deste trabalho, ela é representativa do pensamento de outrora e de hoje sobre a imprensa popular o que, circunstancialmente, poderia ter reflexos no desinteresse de pesquisas sobre tal segmento do jornalismo impresso.

Todavia, considerando que o Programa de Ciências da Comunicação da Universidade Federal do Amazonas, onde esta pesquisa encontra abrigo, compõe a área das Ciências Sociais, acreditamos que não é mais possível relegar a quase nada as pesquisas sobre esta temática, a qual apresenta uma série de variáveis e possibilidades que podem ser observadas e analisadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As rotinas matinais de uma parte significativa das residências em Manaus continuam marcadas pela presença dos jornais populares e pelas notícias que os mesmos trazem. Esses impressos, junto com os programas de rádio, traçam um panorama da cidade, dos acontecimentos recorrentes e dos eventos policiais que, como ressaltamos em vários momentos desta Dissertação, factualmente compõem o interesse dos leitores desses periódicos.

Ao que nos parece, com seis anos de existência, os jornais Dez Minutos e Manaus Hoje –o jornal Agora tem menos tempo de existência – vão garantindo sua presença no mercado e marcando seu papel de representação das comunidades mais pobres e destacando suas demandas, também no intento de vê-las resolvidas.

De alguma maneira, as pessoas contam com tais periódicos para que suas situações tornem-se públicas e seus pedidos atendidos. Todos nós sabemos que são inúmeras as necessidades das localidades periféricas das cidades grandes. Em Manaus, tal realidade não é diferente, podemos até dizer que ela é mais grave, considerando toda proliferação da capital, com invasões e bairros novos a cada ano.

Manaus expandiu suas fronteiras de tal maneira para as zonas Leste e Oeste que os serviços públicos mais elementares, como água, esgoto, saúde, educação, lazer são quase nulos ou funcionam precariamente. Por esta razão, os periódicos populares, a exemplo do que já se destacou, funcionam como uma voz para essas comunidades.

Ao tratar do posto de saúde que não funciona ou não existe, ao cobrar a construção de instalações esportivas ou mesmo que a água chegue às localidades mais distantes, os jornais atuam como uma espécie de defensor dos pobres e oprimidos. Neste sentido, nos perguntamos: é possível relativizar esse papel? É mais prudente esperar que o Poder Público reconheça tais demandas e atue para resolvê-las?

Assim como anotamos em diversas narrativas da nossa Literatura, de heróis a defenderem seu povo, de fazer com quem tenham seus direitos garantidos e preservados, os impressos populares atuam, primordialmente, na evidenciação dos problemas e carências dos grupos populacionais menos assistidos.

Por esta razão insistimos em considerar, a despeito de todas as reticências que tais produtos podem causar na sociedade, a contribuição social que os jornais populares têm, seja

pela democratização da leitura, seja por colocar em pauta as problemáticas de parcela significativa da população desta cidade, seja por não mascarar ou usar de eufemismos para tratar das diversas circunstâncias que envolvem o homem local.

Evidente que esta acepção não deve deixar de considerar, como bem o fizemos no último capítulo deste texto, o leque de possibilidades que os jornais populares podem oferecer para essas comunidades, além do significativo registro de suas mazelas e necessidades. Tais impressos podem (e devem) igualmente ser portadores de boas notícias, de cultura, de educação, de emancipação social.

Contudo, reportando-nos à pesquisa de iniciação científica citada no início desta Dissertação, vemos com clareza que os jornais populares constituem uma realidade consolidada. Partindo desse cenário, acreditamos que seja possível aos jornais populares, a partir das intervenções aqui manifestadas, vencerem o estigma de imprensa desqualificada, de onde jorraria somente sangue e desordem.

Claro que a superação desse status depende, também, de uma visão mais ampliada desses jornais – e isso foi amplamente reforçado neste trabalho. Nesse propósito, a Academia, a nosso ver, tem papel relevante e de protagonismo, pois com o desenvolvimento de pesquisas sobre o tema poder-se-ia ver diminuídas as compreensões equivocadas sobre os jornais locais.

O desafio é grande e a caminhada um tanto espinhosa. Aqui lembramos, oportuno que é, o propósito apresentado pelos insurgentes modernistas há mais ou menos cem anos, quando da realização da Semana de Arte Moderna, em São Paulo. Graça Aranha, um dos conferencistas do evento tratou sobre o conceito de beleza na arte, questionando-o. Para ele, a beleza também advém da emoção provocada, portanto não se limitaria ao estético.

Quando pensamos sobre a imprensa popular, a questão parece a mesma, e aqui não tratamos da beleza estética, mas dos efeitos que os jornais desse segmento produzem. À comunidade letrada, erudita e culta de 1922, incomodavam as novidades trazidas pelos modernistas: a poesia livre, o verso desconforme, a liberdade temática. À sociedade atual, aos estudos comunicacionais, parece incomodar o trato verossímil da realidade, a linguagem coloquial e a opção popular de tais jornais.

Não é possível esmiuçar – não a esta altura do texto – questões outras que perpassam os conflitos que a imprensa popular encerra, isso é motivo para outra prosa, para outros diálogos. Aqui, em tempo, é razoável dizer que os jornais populares, com toda carga de

“carne e osso” que têm, não satisfazem uma parte da crítica, da sociedade – a qual precisa ser mais bem caracterizada, é verdade – por conta das abordagens sem retoques que fazem.

E aqui, recobrando um pensamento que tínhamos quando dos primeiros contatos com os jornais populares, o qual coadunava com a ideia de que representavam um desserviço à sociedade, podemos falar, agora, da nossa opção pelo caminho inverso, aquele em que a compreensão é de reputar beleza e valor àquilo que, ao primeiro olhar, pode impressionar pela realidade grotesca.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo: 1. Ed., 2006

_____. **Sensacionalismo um conceito errante**. Niterói, 2005. In: COMPOS, 16. Trabalho apresentado no GT Estudos de Jornalismo, Niterói, Universidade Fluminense, 2005.

ANGRIMANNI, Danilo. **Espreme que sai Sangue**: um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações** – Comunicação, Cultura e Hegemonia. 5ª. Ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2008.

BAGNO, Marcos. **A Norma Oculta**: Língua & Poder na Sociedade Brasileira. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2011.

_____. **Nada na Língua é por acaso**. São Paulo, Parábola, 2007.

_____. **Português Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo, Parábola, 2004.

BARBOSA, Marialva. MORAIS, Osvando J. de. (org.). **Comunicação em tempo de redes sociais**: afetos, emoções, subjetividades. São Paulo: INTERCOM, 2013.

BARBOSA, Marialva. **Jornalismo Popular e Sensacionalismo**. Revisa Verso e Reverso, São Leopoldo, Unisinos, n. 39, jan. 2005.

BAKHTIN, M. (1929). **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (tradução M. Lahud e Y.F Vieira). São Paulo: HUCITEC, 1981.

BERTALANFFY, Ludwig Von. **Teoria Geral dos Sistemas** – Fundamentos, desenvolvimento e aplicações. Petrópolis: Vozes, 2008.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**. São Paulo: Pontes, 1989.

BOURDIEU, P. (1982). **A Economia das trocas linguísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

CAPPARELLI, Sérgio. SODRÉ, Muniz. SQUIRRA, Sebastião (org.). **A Comunicação Revisitada** – Livro da XIII Compós 2004. Porto Alegre: Sulina, 2005.

CAPRA, Fritjof. **As Conexões Ocultas**. São Paulo: Cultrix, 2002.

COELHO NETTO, J. Teixeira. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo, Perspectiva, 2010.

CASTRO, Gustavo de. CARVALHO, Edgard de Assis. ALMEIDA, Maria da Conceição de. (org.). **Ensaio de Complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

CORRÊA, Manoel Luiz Gonçalves. **Linguagem & Comunicação Social: linguística para comunicadores**. São Paulo: Parábola, 2002.

COUTO, Hildo Honório. **Linguística, ecologia e ecolinguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

DINES, Alberto. **Sensacionalismo na imprensa**. Revista Comunicações e Artes, São Paulo, ECA/USP, n.4, p. 55-65, 1971.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. 3ª. Edição. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

HÉNAULT, Ane. **História Concisa da Semiótica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

IMMACOLATA, Maria Vassalo de Lopes. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da Mídia** – estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LÓTMAN, Iúri. USPENSKII, Bóris, IVANOV, V. e outros. **Ensaio de Semiótica Soviética**. Lisboa: Livros Horizonte, 1981.

MALCHER, Maria Ataíde. SEIXAS, Netília Silva dos Anjos. LIMA, Regina Lúcia Alves de. FILHO, Otacílio Amaral. (org.). **Comunicação Mdiatizada na e da Amazônia**. Belém: SCRIBA, 2011.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O Capital da Notícia** – jornalismo como produção social de segunda grandeza. São Paulo: Ática, 1989.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da Comunicação** – Ideias, Conceitos e Métodos. Petrópolis: Vozes, 2013.

MATTERLART, Armand e Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

MATURANA, Humberto R. VARELA, Francisco J. **A Árvore do Conhecimento: as bases biológicas da Compreensão Humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MONTEIRO, Gilson Vieira. ABBUD, Maria Emília de Oliveira. PEREIRA, Mirna Feitoza (org.). **Estudos e Perspectivas dos Ecossistemas na Comunicação**. Manaus: EDUA, 2011.

MONTEIRO, José Lemos. Para compreender Labov. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORIN, Edgar. **O Método 1 – a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Introdução ao Pensamento Complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. (Orgs.). **Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras**. Vol. 2. São Paulo: Cortez, 2001.

NOTH, Winfried. SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Semiótica**. São Paulo: Hacker Editores, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso – Princípios e Procedimentos**. São Paulo: Pontes, 5ª ed., 2003.

____ (org). **História das Idéias Linguísticas: Construção do Saber Metalinguístico e Constituição da Língua Nacional**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

____. **Formulação e Circulação dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. (1975). **Semântica e Discurso – Uma crítica à afirmação do óbvio**. (trad. E. Orlandi et alii). Campinas: Editora UNICAMP, 1988.

RODRIGUES, Nelson. O reacionário: memórias e confissões. Rio de Janeiro: Record, 1977.

SANTAELLA, Lúcia. **A Teoria Geral dos Signos: Como as linguagens significam as coisas**. São Paulo: Pioneira, 2000.

_____. **Semiótica Aplicada**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

_____. O que é Semiótica?. 1ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANT'ANNA, Lourival. **O Destino do Jornal – A Folha de São Paulo, O Globo e O Estado de São Paulo na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SAUSSURE, F. de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1987

VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. **Pensamento Sistêmico – O Novo Paradigma da Ciência**. São Paulo: Papyrus, 2002.

WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Editorial Presença, Lisboa, 2003.

FIGURAS

Figura 01

MANAUS **R\$ 0,25** Sábado, 1º de Fevereiro de 20

HOJE NA COZINHA PÁGINA 19
TODO DIA, UMA RECEITA
 A partir de segunda-feira, o chef Tony Cavalli vai te ensinar os segredos de fazer uma comida gostosa, fácil e barata. Imperdível!!!

NA 21
SILVESTRE TADA E NUA
JET SKI
 Próxima Playboy gosta de lugares inusitados.

DOUTORA, EU NÃO ME ENGANO PÁGINA 7
MEDICINA ILEGAL
 Estudante do quinto período de medicina da UEA, Elisane dos Santos foi presa cheia do bagulho em casa. Ela, a mãe e o irmão, "receitavam" cocaína e oxi para os "doentes" por droga.

LADRÕES DE MOTO PÁGINA 3
EMBOSCADA
 Iderson Alfaia, "Gê", e Alessandro Ferreira, o "Loirinho", dormiam numa casa abandonada e nem vão acordar.

IGUAL AO MANAUS HOJE PÁGINA 5
JOSÉ ALDO É PORRADO
 Amazonense prepara chute especial para estraçalhar Ricardo Lamas pelo UFC.



Figura 02

MANAUS **R\$ 0,25** Segunda-feira, 3 de

016802
9 771983 913007
ISSN 1003-5138

HOJE

HOJE NA COZINHA PÁGINA 19
JÁ SABE QUAL O RANGO DE HOJE?
Agora Tony Cavalli vai te ajudar, diariamente, a fazer seu almoço com receitas práticas e saborosas como a de hoje: Strogonoff de Frango.

Nº 1660 - ANO 5

PENSE NO POPOZÃO... PÁGINA 20
BUMBUM DE MELANCIA AINDA É O MESMO!

Andressa Soares já tem seis anos de sucesso e seu derriêrê continua um espetáculo. A Mulher Melancia está, inclusive, prestes a fazer uma turnê. Partiu?

TIRO NA CABEÇA PÁGINA 3
MORTO MESMO SEM REAGIR A ASSALTO

Dalvo Ribeiro Batista, 38, era gerente da loja Romera, no bairro Compensa. Ele não teria reagido contra o ladrão, chegou a pedir calma, mas ao se mexer levou tiro fatal.

ESTRESSADINHO DÁ OITO TIROS PÁGINA 5
DIEGO 'GPS' SE IRRITA E MATA JOVEM

Rafael Araujo, 20, levou oito tiros nas costas. Crime acontece no bairro Grande Vitória

CINTURÃO GARANTIDO PÁGINA 12
ARROCHOU AMERICANO

José Aldo castigou Ricardo Lamas no UFC 169. Familiares e amigos comemoraram vitória em Manaus, na Alvorada, em ritmo de Carnaval.





Figura 03



Figura 04



Figura 05

MANAUS **R\$ 0,25** Terça-feira, 28 de Janeiro

HOJE MAGOADO PÁGINA 12
ANDERSON FAZ B.O. CONTRA MULHER
 Acostumado a levar porrada e revidar dentro do octógono, lutador foi chamado de 'ídolo podre' por uma desconhecida na rede social, e chamou a polícia.

Nº 1655 - ANO 5

NERVOSO DEMAIS PÁGINA 4
CORONEL DA PM SURTA NO MEIO DA RUA
 Chefe de gabinete do subcomandante da PM, tenente-coronel Helly Levy Carvalho de Sá bateu em quatro carros no D. Pedro, fugiu e, ao ser encontrado, ainda teria xingado e dado tapa na cara de uma vítima.

DIREÇÃO PERIGOSA PÁGINAS 6, 7 E 8
DEU A LOUCA NA CUCA DOS MOTORAS?
 Busão atravessado, carreta engatada em passarela, embriaguez, morte e 20 acidentes no fim de semana. Algo está muito errado.

OPORTUNIDADE DE EMPREGO PÁGINA 9
VAGAS PARA 2.124 PROFESSORES
 Semed anuncia edital no dia 4 para concurso com salário inicial de R\$ 1.222,26

ANUNCIANTE LEÃO BEM SADA NA PEDRA
 Porto da Pedra anuncia Musa do Brasileirão 2011 no desfile da Sapucaí.

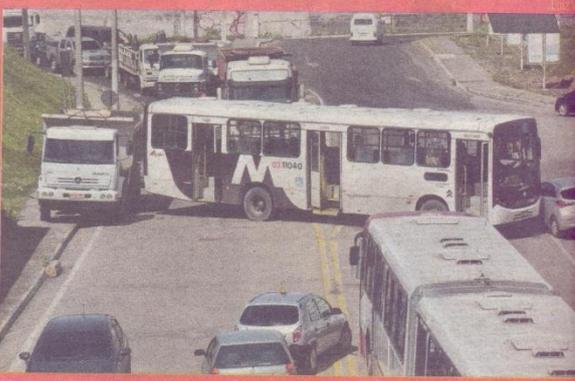



Figura 06



Figura 07

MANAUS **R\$ 0,25** Sexta-feira, 31

01658-9
9 771863 193007

HOJE

Nº 1658 - ANO 5

IH, FEDEU! PÁGINA 17
PAI DE ELIA ENTRA NO C
Eliseu Trindade, que também é a jogador, deu ultimato à diretoria que defina a transferência dele at

FUMOU MUITA MACONHA PÁGINA 5

PRESO PELA MALDITA LARICA

Após fumar sete cigarros de maconha, Raimundo Nonato, 18, o 'Natinho', disse que fome bateu e resolveu furtar 11 kg de farinha, 24 maracujás e um abacaxi para fazer uma farofada. Ele se ferrou.

Lucas Silva

DOSE DUPLA DE GATAS PÁGINA
IRMÃS MINE SE PREPARA
Tati e Ana Paula estão p pesado para o Carnaval

EM EMBARCAÇÃO PÁGINA 8

PERUANO COM MEIO MILHÃO

Bufunfa estava dentro de forno elétrico. Homem estava indo para Tabatinga com dólares e reais.

TRÊS TIROS PÁGINA 3

EXECUTADO PERTO DO TRABALHO

Gledson Freitas da Encarnação, 29, vendia celulares e objetos eletrônicos na feira do Mutirão quando foi morto.

Figura 08



Figura 09



Figura 10



Figura 11

MANAUS **R\$ 0,25** Quinta-feira, 5 d

01764
16861 1988-9138
0 771623 8172007

HOJE

Nº 1764 - ANO 5

NÃO PRECISA CHORAR PÁGINA 11
DICA PRA TORCER SEM GASTAR

Fomos ao Centro mostrar pra você que dá pra ficar todo equipado e gritar pelo Brasil com pouco dinheiro. Tem coisa a partir de R\$ 1.

COM BOLA E TUDO PÁGINA 23
NA CAMA COM NEYMAR JR

Carol Abranches abriu o jogo e disse que já levou o craque pra cama.

NUMA PIOR PÁGINA 3
LADRÃO GUIZADO

Alexandre Montalvão e mais três comparsas arrastaram R\$ 50 mil de uma lotérica no Shopping UAI, no São José. Ele foi baleado na fuga, apanhou da população e viu os colegas de crime fugirem com a grana.

TUDO PELO HEXA PÁGINA 12
UMA RUA PADRÃO

MH deu uma chegada na Rua 25, no São José 2, e antecipou o clima de Copa do bairro. São 150 metros de criatividade para a festa de inauguração, que rola quarta-feira.



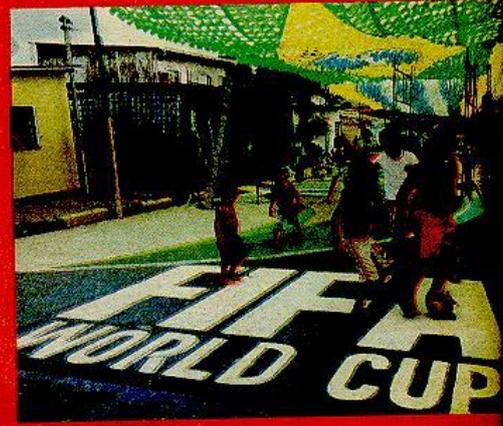


Figura 12

MANAUS **R\$ 0,25** Sábado,

HOJE Nº 1766 - ANO 5

SEI NÃO... PÁGINA 11
NÃO FOI L
ESSAS COI
 Seleção vence Sérvia com gol de pouco e toma vaia no Morumbi. Copa só começa na quinta-feira.

SEM IMPEDIMENTO PÁGINA 22
DE FUTEBOL ELA SÓ SABE DAS BOLAS
 Lorena Bueri gosta de pegar jogadores, mas não sabe nem o que é um escanteio.

CONVOCADOS PELO TRÁFICO PÁGINA 3
VAI TER COPA NA VIDA
ROMÁRIO E TAFAREU DENTRO
 Traficantes com nome de campeões mundiais esquentam clima de Copa na prisão.

CÃO COM RAIVA PÁGINA 5
CACHORRO LOUCO NA COLEIRA
 Randemarks Moreira, o Cachorro Louco, era cão de guarda num posto de combustível e disse que matou porque a vítima colocou a boca no cano da arma e o desafiou.

TRAFICANTES FUGIU
CANOAS
313 KG
COCAINA
ÁGUAS
SOLIMÕES
 Polícia Federal apreendeu milhões em bagagem no Peru, com destino a Manaus na Copa.

Figura 13

MANAUS **R\$ 0,25** Terça-feira, 21

ISSN 1963-9138 01756-5 9 771963 013007

HOJE FDN COMANDA PÁGINA 3
TRÁFICO MATA 90% DAS VÍTIMAS
De acordo com a Polícia Civil, mortes acontecem entre membros das próprias facções criminosas. Cada zona tem um chefe diferente.

Nº 1756 - ANO 5

CRUELDADE PÁGINA 8

DUPLA ARRANCA CABELO, ESPANCA E QUASE MATA

Vítima é um menino de 15 anos que está internado no João Lúcio e passará por cirurgia para reconstruir couro cabeludo. Prima dele, de 24 anos, também foi agredida. Motivo para crime seria um suposto roubo.

RÔ ARRASA PÁGINA 3
GATA DA E DA SEX
Modelo Rô Fraga clima de Copa d

USUÁRIA DE DROGAS PÁGINA 7
POR DÍVIDA, JOVEM É MORTA
Francisca Lorena da Silva, 18, foi espancada e estrangulada. Ela usava drogas desde os 16 anos e estava levando R\$ 90 para traficantes do bairro Monte das Oliveiras, na Zona Norte.

IDOSOS NO BASQUETE PÁGINA 11
FAZER CESTAS É COM ELES!
Winnetou Almeida




Quem disse que não pode? Prática é sucesso em centro de convivência.



Figura 14

MANAUS **R\$ 0,25** Quarta-feira, 28 de

HOJE Nº 1757 - ANO 5

MAIOR BRONCA PÁGINA 9
VOTAÇÃO DA PEC DA ZF FICOU PRA HOJE
Faltou acordo em PEC que prorroga benefícios tributários da Zona Franca.

AREN SHOW DE BOLA acrílica FALTAM 5 DIAS

MALDADE PURA PÁGINA 3
LEVA OITO PRO MATO E ESTUPRA MENINA DE 12
O presidiário José Inácio de Souza, 23, o 'Branco', roubou as vítimas e estuprou menina de 12 anos que seria a mais "medrosa". O crime aconteceu quando os adolescentes saíam da escola no Santa Etelvina, Zona Norte.

ERIA CHUTEIRA' ASSUMIDA PÁGINA 22
ELA SÓ GOSTA DE JOGADOR
Por causa das "amizades", Vanessa Taschetto tem linha de lingerie e uma yorkshire dada por Daniel Alves. Chique!

ERA RECHEADO PÁGINA 5
ESCONDIA BAGULHO NA PERNA FALSA
André Barroso, 38, traficava em casa e enchia a prótese da perna esquerda de drogas. Polícia foi esperta.

EM ÚLTIMA VISITA PÁGINA 11
VALCKE ACHOU A ARENA O MAIOR ARRETO
Secretário-geral da Fifa Jérôme Valcke se rasgou para Manaus em conta no Twitter.



Figura 15

MANAUS **R\$ 0,25** Sexta-feira, 30 de Maio de 2014

HOJE Nº 1759 - ANO 5

A CADA DIA MAIS UM PÁGINA 3

ATÉ A POLÍCIA PERDEU A CONTA
Marcos Pará é o quarto preso pela morte de Oscar Cardoso. Envolvidos subiram de seis para sete.

ARENA SHOW DE BOLA
agrícola
FUTURAM 4 DIAS

PRATO QUE COMEU PÁGINA 31

PARARAM O ZAP JURACH 
Omond bloqueou a gata no WhatsApp. Fala sério, meu irmão!

NO LAGOA AZUL PÁGINA 4

MATA PARA NÃO ENTREGAR AS GALINHAS

O pedreiro Jeosafan da Silva, o "Fan", queria receber uma dívida de drogas em galinhas, mas foi morto todo furado por seu devedor, conhecido apenas como Odileno, que fugiu e teve a casa incendiada pela família da vítima.

SUMIU PÁGINA 17

ALGUÉM VIU O FUTEBOL DO MENGÓ?

O time da maior torcida do Brasil encolheu. Empatou com o Figueirense e ficou na zona de degola.



NO PÁGINA 14

TAM TEM 4.654 OPORTUNIDADES

bre vagas para Processo Seletivo de cursos Técnicos e de Especialização Técnica de Nível Médio

Figura 16

MANAUS **R\$ 0,25** Sexta-feira, 6 de

01765
9 7771935 1 912807

HOJE

Nº 1765 - ANO 5

TÁ CHEGANDO A HORA PÁGINA 13
**ENSAIO FINAL
PARA O HEXA**

Comandados de Felipão encaram a Sérvia, no Morumbi, para deixar a última boa impressão antes da estréia de quinta-feira na Copa.

LEI DA PALMADA: PÁGINA 3

**CRIANÇA
MERECE
APANHAR?**

MH entra na discussão sobre os limites na hora de educar os filhos. Será que um cinturão ajuda a controlar os pequenos? Tem gente que não abre mão da famosa chinelada. Conselho Tutelar diz que 90% das chamadas em Manaus são para apurar agressões.

SENTIU O GOLPE PÁGINA 73
**JUJU
SALIMEI
PIROU O
CABI**

Depo
com
ga

MESSI SIM; NEYMAR NÃO PÁGINA 12

**PARECE ARGENTINO,
MAS É AMAZONENSE**

Tem brasileiro que vai torcer contra na Copa. É o caso do repositor Sandro Pereira, que vai virar argentino.

DOIDO DE TÓXICO PÁGINA 4
**FILHO ATACA PAI COM
TERÇADO NO SÃO JOSÉ**





Figura 17

*1965 † 2014

Candidato à Presidência Eduardo Campos morre em queda de avião

LUTO Terceiro colocado nas pesquisas eleitorais para a Presidência da República, Eduardo Campos (PSB), morreu, na manhã de ontem (13), quando o avião em que voava caiu em Santos (SP). Outras pessoas que estavam na aeronave morreram no desastre aéreo que abalou o país. No Amazonas, vários políticos, entre eles o presidente de honra do PSB-AM, o ex-prefeito de Manaus, Serafim Corrêa, ficaram consternados com o acidente.

Páginas 2

Preço: R\$ 10

Só o que interessa

Agora

QUINTA-FEIRA 14/8/2014
ANO 3 - Nº 865 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

R\$ 0,25

BOA SORTE

Confira os números da loteria

Página 8

denunciam que as estão sem funcionador de ar

Com o problema, os não liberados mais cedo da do forte calor nas salas

Página 3

Ex-detento é executado com 5 tiros na cabeça

ACERTO DE CONTAS Leandro Felipe de Souza Tavares, 21, foi executado com cinco tiros na cabeça, por volta das 21h de terça-feira (12), no bairro Zumbi dos Palmares, Zona Leste de Manaus. Ele tinha rixa com traficantes. **Página 6**

DIVULGAÇÃO

Vigia é confundido com PM e morre

Página 6

cantante mata em e coloca o em canoa

BA Raimundo Nonalves Vidal, 25, foi facadas pelo suposto te identificado como

Página 5

JAVALTONI FALCÃO

ra aprova R\$ para obras obabilidade

DE LEI O projeto de lei foi aprovado ontem na Municipal de Manaus

Página 2

Genata Molinari

Página 24

Maria Isis fa a José Alfre que ele sera

'IMPÉRIO' Preocupad de romance, Maria Isis inventará que espera um filho do Comendador. **Página 15**

Figura 18

O maior caderno de empregos!

Empregos S/A

271 VAGAS

Agora

Só o que interessa

R\$ 0,25

BOA SORTE

Confira os números da loteria

Página 8

SEGUNDA-FEIRA 18/8/2014

ANO 3 - Nº 868 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

CRN

RAMAN NEVES DE COMUNICAÇÃO

Foragido do Compaj é morto com tiros na cabeça e 20 facadas

EXECUÇÃO Antes de ser morto, Marcus Ulisses Ferreira, 23, foi torturado com choque elétrico, envenenado, asfixiado, além de levar dois tiros na nuca e pelo menos 20 facadas. O corpo foi encontrado, em um matagal, na estrada dos Franceses, Planalto. **Página 5**



Assassinado na feira da Banana



JANAILTON FALCÃO

José Alfredo flagrará Cristina com Maria Marta

'IMPÉRIO' Cristina irá ao encontro de Maria Marta e ficará numa sala junto ao ser surpreendida por José Alfredo. **Página 18**



DIVULGAÇÃO

Veridiana Freitas

Página



DIVULGAÇÃO

Figura 19

WhatsApp
FINANÇAS E
GRANDES
7-2096

Só o que interessa
Agora
QUARTA-FEIRA 20/8/2014
ANO 3 - Nº 870 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

R\$
0,25



BOA SORTE
Confira os
números da
loteria
Página 8



DIA DOS PAIS
A 300KM/H

PARTICIPE!
É VOCÊ E SEU PAI NO GRANDE PRÊMIO DO BRASIL DE FÓRMULA 1, COM TUDO PAGO!
CUPOM NO INTERIOR DESTA JORNAL

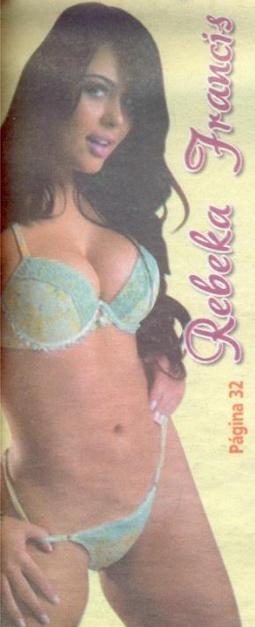
PATROCÍNIO:





Quer se afastar de vez do Z4, volte, contra o Atlético-MG
Página 10



Rebeka Francis
Página 32

Com José Alfredo doente, João Lucas vai tentar tirar império do pai
"IMPÉRIO" João Lucas dará ordens na empresa do pai, durante a internação dele no hospital. Página 20

Taxista é assassinado com tiro nas costas no bairro Dom Pedro

CRIME Sérgio Ricardo Pereira de Souza, 45, foi morto com um tiro na tarde de ontem, após fazer uma corrida para três homens. Ele foi atingido nas costas, na rua André Vidal Negreiro, bairro Dom Pedro, Zona Centro-Oeste. **Página 5**



ARTHUR CASTRO

Idoso estupra menina de 3 anos

Página 6

Motorista que atropelou e matou ganha liberdade
JUSTIÇA Renato Fabiano dos Santos Benigno, 37, ganhou liberdade por na semana passada. Ele foi julgado, em júri popular, por homicídio. **Página 3**

Adolescente é morto minutos depois de comprar drogas



ESTUDANTE Jean Carlos Jesus Souza, 16, morreu após três tiros na noite da segunda-feira, na rua Loteamento Rio Piorini, Terra Nova. **Página 6**

Quadrilha assaltou mercadinho e levou R\$ 6 mil em espólios

AM-010 Quatro homens assaltaram um mercadinho por volta das 19h de segunda-feira (18), localizado no bairro Cachoeira do Leão, km AM-010. **Página 6**

Figura 20

Agora Só o que interessa **R\$ 0,25**

SÁBADO E DOMINGO 23 E 24/8/2014
ANO 3 - Nº 873 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

BOA SORTE
Confira os números da loteria
Página 8



Quadrilha rende segurança e rouba agência bancária



ARTHUR CASTRO

AUDÁCIA Seis homens armados invadiram e roubaram a agência do Itaú, localizada na rua Francisco Queiroz, conjunto Manoa, bairro Cidade Nova, Zona Norte. O bando rendeu um segurança e cerca de 20 clientes. O crime ocorreu na tarde de ontem.
Página 7

Pintor é morto com dois tiros em mesa de bar

Página 6



Marianne Ravielle
Página 24

José Alfredo será arruinado por personagem de Birolli

"IMPÉRIO" Depois de interpretar Maria Marta na primeira fase de "Império", Adriana Birolli voltará à novela como sobrinha da milionária.
Página 15



Figura 21

Empregos S/A **271 VAGAS**

Agora Só o que interessa **R\$ 0,25**

SEGUNDA-FEIRA 25/8/2014
ANO 3 - Nº 874 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

BOA SORTE
Confira os números da loteria
Página 10

Crianças saem para comprar refrigerante e morrem atropeladas

José Alfredo vai humilhar Magnólia na casa da amante Isis
"IMPÉRIO". O empresário xingar a candidata a sogra de "bruca mal costurada", "vaca", "biscate" e "cafetina".
Página 18

Adriana Sant'anna
Página 3

TRAGÉDIA Os estudantes Emily Fernanda da Silva Matos, 6, e Francis Júlio Monteiro Paiva, 14, foram atropelados e mortos, na tarde de ontem, na avenida Ayrton Senna, no bairro União da Vitória, por um ônibus. Moradores apedrejaram o coletivo em protesto. **Página 4**

Homem é jogado de carro e morto a tiros
Página 7

o próprio
do a
ancado
em de 33 anos
flagrado abu-
filha, na Zona

os de
sputam
nores
uns "caci-
putam car-
dos meno-
do federal
Página 2

e rua
ado com
peito
Silderley Mota
pi assassinado,
de ontem (25),
dos. **Página 6**

Figura 22

Só o que interessa

Agora

QUINTA-FEIRA 28/8/2014
ANO 3 - Nº 877 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

R\$ 0,25





+ Ofertas na página: 15

SEMANAS emiadas

SEJA CRIATIVO E CONCORRA A UM SUPER PRÊMIO TODA SEMANA!

Agora
Só o que interessa

AGUARDE

ora tem esmagada

ria Raimunda Fene-
teu ontem ao ter a
ada por um ônibus da
massa encefálica dela
lto. **Página 3**

Empresário morto a tiros em partida de baralho

FLORES Diego Divino, 39, foi assassinado com cinco tiros à queima-roupa quando jogava baralho durante uma festa com amigos. O crime ocorreu por volta das 23h de terça-feira (26), quando homens armados chegaram ao local e o executaram. A polícia trabalha com a hipótese de acerto de contas. **Página 6**



Karla Vieira
Página 24

al de as inicia sexta-feira

Flor Matizada,
e Guerreiros Mura
anhã o confronto
Festival deve atrair
as. **Página 18**



JANAILTON FALCÃO

Idoso encomendou a morte de veterinário por vingança

Páginas 5

Pâmela vai para cama com Herv após traição

"GERAÇÃO BRASIL" Depo-
descobrir traição de Jona
mela vai dormir com H
Página 15



suspeito o atira investigadores

eu do Bruno da Silva, o
pi preso ontem à tarde
o por 20 policiais civis,
O suspeito reagiu, mas
regando. **Página 5**

ARTHUR CASTRO



Figura 23

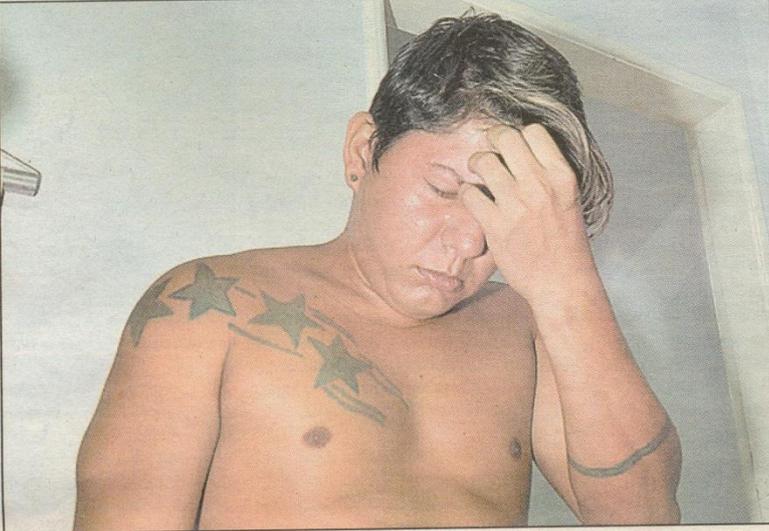
Agora Só o que interessa

R\$ 0,25

WhatsApp
DENÚNCIAS E FLAGRANTES
8177-2096

TERÇA-FEIRA 21/1/2014
ANO 3 - Nº 690 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

ERLON RODRIGUES



Rica, Márcia vai morar com Atilio na casa de Vega

"AMOR À VIDA" Depois de se divorciar de Vega (Christiane Triccerri), Atilio (Luís Mello) finalmente vai morar com Márcia (Elisabeth Savalla) na casa da ex-mulher.

Página 17



Irmão mata irmão por comprar droga fiado em seu nome

BRUTALIDADE O ajudante de pedreiro Renato Nobel Júnior, 23, matou o próprio irmão, Jonathan Nobel, 19, com uma facada nas costas. O crime aconteceu porque Renato descobriu uma dívida de drogas em seu nome, feita por Jonathan. **Página 7**

ARTHUR CASTRO

Quatro presos mantêm dois reféns em motim

BR-174 Durante uma tentativa de fuga, quatro detentos do CDP fizeram dois funcionários do presídio de reféns. Os presos tentavam fugir após voltarem do banho de sol.

Página 5



Lucilene Caetano

Página 24




Figura 24

A grande vilã de 'Amor à Vida' é a médica Pilar

REVIRAVOLTA O autor da novela, Walcyr Carrasco, vai deixar para o último capítulo a revelação de que Pilar é a verdadeira vilã da novela e não César como pensava Aline.

Página 16

Agora Só o que interessa **R\$ 0,25**

QUINTA-FEIRA 23/1/2014
ANO 3 - Nº 692 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

Kelley Brook **Página 24**

Ambulâncias do Samu estão sem manutenção

SAÚDE Funcionários do Samu denunciaram ao AGORA que viaturas estão paradas por falta de manutenção. Prefeitura garante que estão funcionando.

Página 3
IONE MORENO

Adolescente rapta criança dentro de UBS no Santa Etelvina

AUDÁCIA Uma adolescente de 17 anos foi apreendida por policiais minutos após raptar um bebê, de 2 meses, de uma mãe na Unidade Básica de Saúde (UBS) Sávio Belota. Na delegacia, um exame confirmou que a suspeita apresentou um tipo de distúrbio. **Página 6**

ERLON RODRIGUES

Grávida de oito meses capturada com pasta-base

COCAÍNA Bianca Medeiros, 23, foi presa por policiais da 27ª Cicom no Mutirão, Zona Norte. Com ela foram apreendidas 64 trouxinhas de pasta-base de cocaína escondidas no sutiã.

Página 7
ARTHUR CASTRO

Travesti preso com cocaína em sutiã

FLAGRANTE Policiais da equipe Chacal, da Seccional Norte, prenderam o garçom Charles, o "Charlene", 26, em um bar, no Nova Cidade, ontem. Segundo denúncia de moradores, o travesti comercializava droga no local e guardava o produto no sutiã.

Página 5

Figura 25

BOX SURTE

Confira os números da loteria

Página 8

49 22 26 19 30

Só o que interessa

Agora

R\$ 0,25

TERÇA-FEIRA 28/1/2014

ANO 3 - Nº 696 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

GRUPO RAMAN NEVES DE COMUNICAÇÃO

817

WI
DE
FL

FIQUE DE OLHO

Big Brother Brasil 14

Bronca de Boninho vaza e ele diz que foi proposital

ÁGUA Boninho explicou ontem, via Twitter, a bronca que deu em cima de Cássio quando ele esquentava água para tomar banho no quarto Sibéria.

Página 12

Doente mental ameaça família e ataca PMs com fezes

CHAPADA Armado com um terçado, o deficiente mental Abianor de Oliveira Leal, 46, ameaçou seus familiares e jogou fezes em PMs, para não ser levado para o centro psicossocial Eduardo Ribeiro, no bairro Chapada. Ele arremessou as fezes que guardava dentro de um recipiente plástico. **Página 5**

Final: fazer com l

"AMOR A final, que feira (31), redenção aceitar Fe com o fil

Adoles execut entreg

ZONA NORTI to da Silva, de ser alveja barriga no c Nova Cidade

Iniciam inscriçõ Bolsa l

ENSINO O prog Prefeitura de M inscrições para e parciais, em d espanhol, em 1 de Manaus.

Vigia sobrevive ao levar tiro na cabeça

Página 6

ERLON RODRIGUES

Silvia Waszark

Página 24





Figura 26



Figura 27

Sábado R\$ 0,25

Dez

MINUTOS

Ano 5 - Nº1668 Manaus, 25 de janeiro de 2014

VAIDADE

Rodrigo retoca as sobrancelhas

Página 16



MONTE SIÃO Thiago Monteiro/Reprodução



ERSON CONCEIÇÃO DE MELO

Assassinado por engano

Página 4

SUSPEITO ESPANCADO

Assalto acaba com adolescente morto e 3 pessoas baleadas

Polícia Militar informou que só recuperou, com um dos 3 mil dos R\$ 35 mil roubados da casa de um comerciante, na última quinta-feira, no loteamento João Paulo, na zona I

Ensino Superior Página 3

Segunda chamada no Sisu terá mais de 900 vagas no AM

SUSPEITO DE TRÁFICO



Novas Tarifas Página 6

Datas para aferição de taxímetros são definidas pelo Ipem

'O Quebra Nozes' Página 11

Sesc apresenta

Figura 28



Figura 30

CRN GRUPO RAMAN NEVES DE COMUNICAÇÃO

QUARTA-FEIRA 18/12/2013
ANO 3 - Nº 664 - PRESIDENTE: OTÁVIO RAMAN NEVES

MAIS

em tempo WhatsApp
FLAGROU algo na cidade?
envie pra gente
8177-2096
www.emtempo.com.br

BOA SORTE
Confira os números da loteria
Página 8

Psicopata usa m... para matar padr...

Revoltado com a vilã, Niko vai ameaçar bater em Amarilys
"AMOR À VIDA" Após Amarilys acusar Niko de ter forjado o exame de DNA que comprova que ele é o pai do bebê, ele ficará revoltado e ameaçará bater na vilã. **Página 20**

NOVA FLORESTA O pedreiro Alex Pinto Brandão, 32, foi assassinado na cabeça com uma makita (máquina de cortar cerâmica) dentro do crime foi o enteado da vítima, o doente mental com personalidade Ferreira, 22. O rosto da vítima ficou totalmente desfigurado. **Página 7**

Traído, marido estrangula mulher e esconde corpo
Página 7

Taxista morto em frente à delegacia na Zona Leste
TRÊS TIROS Eudes Costa da Silva, 38, foi executado em um lava a jato em frente à Delegacia Especializada em Homicídios e...

Galo encara hoje o 1º desafio rumo ao título mundial
MARROCOS A partir de hoje, o Atlético-MG inicia a caminhada rumo ao título mundial. Hoje, o Galo encara o Raja Casablanca

Thalita Lampiroli